

**A metodologia da aula - oficina no ensino da História e  
da Geografia: reflexão crítica sobre três experiências  
de aprendizagem.**

**Pedro Henrique Sequeira Lopes**

**Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino da  
História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no  
Ensino Secundário**

**Setembro, 2012**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da História e da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Raquel Pereira Henriques, do Professor Doutor Fernando Ribeiro Martins, da Mestre Sílvia Lemos e da Mestre Helena Neto.

*À Joana,  
que é tudo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço penhorado a todos os professores com quem aprendi ao longo deste processo, em especial aos meus orientadores de prática e de relatório, sempre inexcedíveis nos seus esclarecimentos e apoio.

**A METODOLOGIA DA AULA - OFICINA NO ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE TRÊS EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM.**

**PEDRO HENRIQUE SEQUEIRA LOPES**

**ABORDAGEM CRÍTICA E REFLEXIVA DA PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA NO 7º E 12º ANOS DE ESCOLARIDADE, VERSANDO O MODELO CONSTRUTIVISTA DA AULA-OFICINA E FOCALIZADO SOBRETUDO EM TRÊS EXPERIÊNCIAS DISTINTAS DE APRENDIZAGEM: O TRABALHO DE PROJECTO, O TRABALHO DE GRUPO E A VISITA DE ESTUDO.**

**CRITICAL AND REFLEXIVE APPROACH OF THE TEACHING PRACTICE IN HISTORY AND GEOGRAPHY IN THE 7<sup>TH</sup> AND 12<sup>TH</sup> GRADE, WITH THE SUBJECT OF THE WORKSHOP CLASS ACCORDING TO THE CONSTRUCTIVIST MODEL, MAINLY FOCUSED IN THREE DIFFERENT TEACHING EXPERIENCES: THE PROJECT WORK, THE GROUP WORK AND THE STUDY VISIT.**

**PALAVRAS – CHAVE:** aula – oficina, construtivismo, didáctica, Geografia, História.

**KEYWORDS:** workshop class, constructivism, didactics, Geography, History.

## ÍNDICE

Introdução .....	1
Apresentação da Escola .....	3
Apresentação das turmas .....	5
Observação e Diagnóstico / Caracterização das turmas .....	5
Prática de Ensino Supervisionada em Geografia.....	11
Aulas 5 e 6 .....	12
Aulas 7 e 8 .....	14
Aulas 9 e 10. ....	15
Aulas 11 e 12 .....	18
Trabalho de Projecto: O Mundo.....	19
Avaliação do Trabalho de Projecto. ....	26
Balanço Final .....	28
Prática de Ensino Supervisionada em História .....	30
Trabalho de Grupo subordinado à Guerra Colonial .....	34
Avaliação .....	39
Balanço Final .....	40
Tema: 25 de Abril .....	42
Aula em Contexto de Sala .....	43
Visita de Estudo .....	45
Avaliação .....	47
Balanço Final .....	48
Aulas nº 7, 8, 9 e 10 .....	49

Conclusão.....	55
Bibliografia .....	57
Webgrafia.....	59
Anexos .....	61









## INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta Prática de Ensino Supervisionada reflecte a preocupação do autor com a componente didáctica do ensino da história e da geografia, ressaltando a sua convicção pessoal de que as valências de um professor na actualidade vão muito para além da prática didáctica. Na verdade, ao professor exigem-se cada vez mais competências que ultrapassam o domínio científico da sua área disciplinar, numa adaptação constante à realidade dos alunos, das escolas e do ensino-aprendizagem - que acompanham as alterações produzidas na sociedade da informação e da globalização, a que se associam presentemente grandes desafios ancorados na matriz socioeconómica por todos vivenciada:

*“na sua função docente qualquer professor não pode ter apenas em conta a natureza epistemológica da disciplina que lecciona, porque a relação educativa está dependente e é mesmo determinada por uma série de outros factores, desde os que são inerentes ao sistema educativo, a aspectos mais vastos da sociedade em geral. (...) Desde a Antiguidade que temos assistido a uma constante mutação no conceito de educação acompanhando a evolução geral da sociedade”* (Proença, 1989, p. 100).

Considera-se no entanto ser a base de todas as relações estabelecidas entre alunos e professor, a componente didáctica, o estudo e análise dos problemas históricos e geográficos colocados pelos programas de ambas as disciplinas: ponto de partida do relacionamento interpessoal, da educação e formação para a cidadania, para o auto-conhecimento e para o conhecimento do outro; ponto de chegada enquanto processo de contacto e compreensão com a diversidade espacial, temporal e cultural que o mundo encerra. *“A didáctica enquanto âmbito dos saberes disciplinares e da maneira como são assimilados, (...) a forma como se faz a passagem de um saber a outro, o que se relaciona com a selecção de conteúdos, com os múltiplos recursos e estratégias de ensino, as formas de planificação e de avaliação das aprendizagens”* (Alegria, 2001, p.1) tal o centro do labor reflexivo do presente relatório.

Nesta medida, optou-se por concentrar o esforço deste trabalho na análise crítica de três experiências de aprendizagem distintas, aplicadas ao longo da prática de ensino supervisionada na Escola Secundária Miguel Torga e cujo principal enfoque foi a

aplicação da metodologia da aula-oficina. Considerou-se particularmente pertinente o facto de estas experiências obedecerem a metodologias distintas, com uso de recursos didácticos variados, e de terem sido aplicadas em anos de escolaridade diferentes, multiplicidade de factores que julgo enriquecerem a reflexão. O facto de o principal esforço de análise se centrar nessas três experiências de aprendizagem, não invalida que todo o trabalho desenvolvido para além desses momentos não se encontre aqui igualmente reflectido. Na verdade, a metodologia da aula-oficina pode e deve encontrar expressão nos mais diversos contextos de aprendizagem e não apenas quando se trate da aplicação de projectos que claramente constituam um particularismo no decorrer do processo de aprendizagem ao longo do ano lectivo, como é o caso das três experiências em análise: *“as tarefas a desenvolver em sala de aula deverão ser integradas em situações diversificadas, não esquecendo a potencialidade dos alunos trabalharem individualmente ou em pares, oralmente e por escrito”*. (Barca, 2004, p.137)

Nesta medida, pretende-se ainda sustentar a ideia de equilíbrio no decorrer da prática didáctica entre dois modelos de aprendizagem: o da aula - colóquio e o da aula - oficina numa perspectiva de complementaridade, pressupondo-se que na aula - colóquio os alunos têm um primeiro contacto com o suporte teórico que serve de base ao trabalho a desenvolver pelos alunos na aula - oficina, cuja aparição complementa esse suporte teórico, *“ajudando a modificar positivamente a conceptualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe”* (Idem, p.133). Desta forma, pretende-se aferir se o pressuposto teórico assente na aceção de que a problematização do saber e a sua partilha no modelo da aula – colóquio poderá evoluir, numa lógica temporal de aprendizagem, para um modelo de construção do conhecimento onde o *“aluno se assume como um dos agentes activos do seu próprio conhecimento, traduzido no modelo de aula – oficina”* (Ibidem, p. 133).

De forma a atingir este fim, estruturaram-se as experiências de aprendizagem aplicadas em objectivos que nos pareceram o mais precisos possível, atendendo a que *“a educação é uma acção que persegue objectivos; não sendo sem isso senão um absurdo e uma agitação estéril”* (Minder, 1986, p.23). Esses objectivos, ainda segundo Minder, deverão expressar-se numa *“reacção observável e susceptível de avaliação”* de forma a que ocorra uma *“modificação comportamental”* que se poderá traduzir na obtenção de uma competência ou no domínio de um conceito por parte do aluno.

Assim, a estruturação deste relatório poderá resumir-se como a exposição e análise crítica das aulas de estrutura coloquial e dialogada – nas quais igualmente se desenvolveram momentos de aplicação prática dos conhecimentos adquiridos – ministradas pelo autor em três turmas adiante referidas, associada à problematização do decorrer de três experiências de aprendizagem distintas, segundo o modelo de aula-oficina onde o professor se assume como “(...) *investigador social, aprendendo a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos (...)*” (Barca, 2004, p.133) que se suportaram em três registos distintos de ensino-aprendizagem: o trabalho de grupo, o trabalho de projecto e a visita de estudo.

De igual modo, assume-se como um objectivo a atingir com este trabalho a problematização da componente tempo no planeamento do trabalho do professor e na gestão que o mesmo tem forçosamente de fazer, não apenas dos seus tempos lectivos mas igualmente na preparação dos materiais didácticos que mobiliza para as aulas: organizando a aprendizagem segundo estes dois modelos distintos pretende-se questionar a viabilidade de aplicação de ambos tendo em conta a carga horária afectada às disciplinas leccionadas.

### APRESENTAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Secundária Miguel Torga localiza-se na freguesia de Monte Abraão, concelho de Sintra, na área metropolitana de Lisboa, incluída na NUT III Grande Lisboa, subunidade da NUT I Lisboa e Vale do Tejo.

Na freguesia de Monte Abraão residem um total aproximado de 40.000 pessoas, a que correspondem 8204 famílias, com a dimensão média de 2,7 elementos por família (segundo dados da Junta de Freguesia, 2001). Podemos assim concluir tratar-se da estrutura nuclear familiar tipo, representativa da região suburbana de Lisboa (segundo dados do INE). De entre os cerca de 40.000 habitantes, 3733 situam-se no escalão etário entre os 0 e os 14 anos e 3302 entre os 15 e os 24 anos, ou seja, aqueles que se situam no universo potencial de frequência da Escola Secundária Miguel Torga.

Trata-se de uma escola que iniciou o seu funcionamento no ano lectivo de 1985/86, pelo decreto-lei número 387190 de 10/12, transitando a sua organização da antiga Escola Secundária de Massamá. A sua implantação corresponde a um antigo campo de cultivo cerealífero, ocupando uma área aproximada de 10 *ha*. A estrutura física da escola segue uma planta articulada composta por 6 pavilhões exclusivamente ocupados por salas de aula, um refeitório, um pavilhão destinado aos serviços administrativos e de gestão escolar (onde igualmente se situa a biblioteca, ao serviço de alunos e professores) 3 campos de jogos e um pavilhão gimnodesportivo. A área exterior da escola é ampla e extensamente arborizada, sobretudo por espécies autóctones ou assilvestradas como o choupo-negro, o plátano e o plátano bastardo que, pelas suas elevadas dimensões, constituem certamente resquícios da antiga função agrícola do terreno (CASTRO *et alli*, 2007), expressando paisagisticamente uma solução de continuidade relativamente ao passado, que se traduz num espaço aberto, possibilitador da decompressão dos alunos nos períodos de lazer, assumindo igualmente um potencial considerável do ponto de vista do seu aproveitamento para iniciativas de carácter ambiental. (cfr. Anexo 1).

A escola providencia uma oferta lectiva ao nível do terceiro ciclo do ensino básico e do ensino secundário, integrando um total aproximado de 800 alunos. Relativamente ao ensino básico, para além da oferta regular do 7º, 8º e 9º anos de escolaridade, a escola fornece igualmente três cursos de educação e formação (vulgarmente designados por CEF) – operador de informática, instalador electricista e pintura e decoração cerâmica – sendo que ao nível secundário o leque de ofertas abrange as quatro áreas dos cursos científico-humanísticos: ciências e tecnologias, artes visuais, ciências socioeconómicas e línguas e humanidades. Deste modo, tanto no que respeita as disciplinas de História como de Geografia, são leccionados na escola todos os respectivos níveis de ensino, bem como suas variantes (por exemplo, a disciplina de História da Cultura e das Artes).

Relevante do ponto de vista da sua exploração enquanto material didáctico, tanto histórico como geográfico, ao dispor do professor que leccione nesta escola, parece-nos ser a presença de um dos mais importantes monumentos megalíticos de Portugal Continental na freguesia: a necrópole pré-histórica de Monte Abraão (classificada como monumento nacional) bem como da célebre Anta de Monte Abraão. A proximidade (se

bem que já na freguesia de Queluz) com o Palácio Nacional de Queluz reforça esse potencial didáctico, bem como a extensa oferta industrial, de comércio e serviços da freguesia poderá concorrer para o estabelecimento de dinâmicas didácticas muito interessantes na perspectiva da geografia humana.

### APRESENTAÇÃO DAS TURMAS

O presente relatório da prática de ensino supervisionada resulta do trabalho desenvolvido pelo autor em três turmas da Escola Secundária Miguel Torga: uma do 7º ano de escolaridade, as restantes do 12º ano do ramo de Línguas e Humanidades do ensino secundário. A componente do estágio relativa à disciplina de Geografia decorreu com a turma do 7º ano (7ºE) tendo sido supervisionado pela professora orientadora e titular da disciplina, Sílvia Lemos; a componente relativa à disciplina de História decorreu com duas turmas do 12ºano (12ºH e 12ºI) supervisionado pela professora orientadora e titular da disciplina, Helena Neto. Tal distribuição da componente lectiva do estágio decorreu, por um lado, da oferta de turmas à responsabilidade das professoras orientadoras e, por outro, da conjugação (nem sempre fácil) dos horários lectivos das referidas orientadoras com os horários de trabalho do orientando. No cômputo geral considera-se a experiência lectiva realizada completa na sua plenitude ou, pelo menos, na plenitude possível dentro das condicionantes enunciadas, na medida em que se conseguiu trabalhar com ambos os níveis de ensino (básico e secundário) considerando-se contudo que o estagiário poderia ter usufruído mais plenamente da prática lectiva se em ambas as disciplinas pudesse ter trabalhado níveis diferentes de ensino. A não consumação desse desiderato decorre dos próprios moldes de organização do presente estágio.

### OBSERVAÇÃO E DIAGNÓSTICO/CARACTERIZAÇÃO DAS TURMAS

A percepção da realidade subjacente às turmas com as quais se desenvolveu o objecto deste relatório desenrolou-se tendo como base dois âmbitos diferentes de contacto com as idiosincrasias humanas, sociais, pedagógicas e didácticas subjacentes às mesmas: entrevistas semi-directivas, com as professoras orientadoras, titulares das disciplinas, e aplicação do método de observação naturalista, em sala, de aulas de 90

minutos de Geografia e de História A do 7º e 12º anos respectivamente. Privilegiou-se para as três turmas a realização prévia da entrevista face à observação.

Tratando-se de entrevistas semi-directivas não se considerou necessária a elaboração prévia de um guião, antes a definição de objectivos específicos a esclarecer no decorrer das mesmas. A saber: quantificação do número de alunos que compõe cada turma, percepção qualitativa da professora face aos parâmetros inter-relacionais dos alunos em contexto intra e extra sala de aula, o seu *background* sócio-afectivo, avaliação geral das atitudes da turma em contexto de sala de aula, descrição do decorrer do processo de aprendizagem e enunciação de casos individuais ou colectivos que as professoras considerassem dever ser especificados e, nessa medida, tidos em conta no decorrer do trabalho a desenvolver com as turmas.

À elaboração desta entrevista seguiu-se a observação dos sujeitos no seu ambiente natural, a sala de aula, em processo de tipo naturalista, documentado exclusivamente através de anotações escritas elaboradas pelo observador que assumiu deliberadamente um estatuto não participante, estratégia que se considerou a mais adequada para a obtenção de elementos que concorressem para a definição das experiências didácticas e pedagógicas a aplicar durante o estágio. Nesta medida, o processo ocasional da observação revela-se o mais pertinente ao possibilitar a observação de acontecimentos e comportamentos não previstos e com um grau de condicionamento reduzido, que se limita à presença do observador no contexto dos sujeitos, cujo efeito rapidamente se dissipa em sala de aula, nomeadamente com públicos pré-adolescentes e adolescentes, através da dinâmica própria que o decorrer da aula encerra. Assim, e entendendo-se o trabalho a desenvolver durante este estágio como estando focalizado num contexto eminentemente geral (a turma em contexto de aula) – evidentemente com os particularismos inerentes a qualquer grupo – optou-se ainda pelo campo de observação molar, macroscópico, por possibilitar a observação do comportamento geral do grupo, das interações dos sujeitos e dos sujeitos com as professoras, aferindo ao mesmo tempo eventuais particularismos.

Após a elaboração das entrevistas com as professoras titulares e da observação de duas aulas de cada uma das turmas referidas, pode chegar-se às seguintes conclusões:

### Turma 7ºE

A turma do 7º E constituía-se inicialmente por 29 alunos, número que decresceu para 28 após a transferência de um dos alunos para outra escola no decorrer do 1º período. Da entrevista realizada com a professora Sílvia Lemos decorreram as seguintes ideias globais relativamente à turma:

1. A turma é considerada unanimemente pelos professores da escola como a que apresenta o comportamento global mais adequado dentro e fora da sala de aula de entre todas as turmas do 7º ano.

2. No geral, os alunos que a constituem manifestam interesse pelas actividades escolares e pela sua aprendizagem, encontrando-se uma parcela significativa dos alunos (mais concretamente, sete) entre os que normalmente obtêm melhores resultados no conjunto de alunos do 7º ano de escolaridade da Escola Secundária Miguel Torga.

3. A turma apresenta três alunos repetentes, encontrando-se um deles referenciado desde o ano transacto como apresentando dificuldades de aprendizagem assinaláveis.

4. As aulas de Geografia da turma decorrem numa sala-oficina afecta à disciplina onde se encontram as seguintes ferramentas didácticas: planisférios, globos, sete computadores com acesso à internet e um computador destinado ao professor com acesso à internet e ligado a um sistema de projecção.

5. O grau de conhecimentos prévios dos alunos relativamente à disciplina de Geografia foi classificado pela professora como muito bom, em sequência do teste diagnóstico realizado.

6. Os alunos encontram-se distribuídos pela sala de acordo com a ordem numérica da turma (do número um ao vinte e nove) em sequência de decisão tomada pelo director de turma e de acordo com a *praxis* da escola.

7. De acordo com a estrutura curricular do 2º ciclo, a turma apenas tem uma aula de 90 minutos da disciplina por semana, à quarta-feira, entre as 10h00 e as 11h30, sendo a esta a última aula do dia desta turma.

A observação da turma em contexto de sala de aula validou as informações fornecidas pela professora durante a entrevista. Sendo a primeira vez que o estagiário se

confrontou em âmbito escolar com alunos de idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos, foi particularmente interessante verificar a forma como decorriam certos rituais diários, inerentes ao contexto discente: a entrada em sala, sempre acompanhada de barulho, alguma desorganização e conversa, comportamentos característicos das idades dos sujeitos, que normalmente decorriam durante um breve período de cinco minutos até que todos ocupassem os lugares respectivos nas carteiras e reunissem os materiais a utilizar durante a aula (caderno, lápis, canetas, manuais etc.); a forma disciplinada como após este breve período os alunos apresentavam pedidos à professora para trocarem de lugar pelos motivos mais variados (sobretudo porque a visualização para o quadro não era suficiente) bem como as tentativas quase sempre bem sucedidas, e com as quais os professores sempre se confrontam e devem saber gerir, de sub-repticiamente consultarem o telemóvel, conversarem com o colega do lado ou prolongarem das mais variadas formas o recreio durante mais alguns minutos após a entrada na sala.

Não obstante, as aulas a que o autor deste relatório assistiu decorreram de forma bastante viva e dinâmica, sem a ocorrência de quaisquer problemas disciplinares e com a participação activa da turma nas actividades propostas pela professora. No geral, observou-se tratarem-se de alunos que colocam perguntas, tiram dúvidas e que são bastante preocupados com a organização dos seus materiais. Contudo, da observação efectuada decorreu igualmente a constatação de que três elementos da turma permaneciam constantemente alheados das aulas, fosse por se encontrarem muitas vezes na conversa uns com os outros, fosse por pura e simplesmente se deitarem nas carteiras e abstraírem-se da realidade circundante, fosse ainda por tentarem convocar outros elementos da turma a juntar-se-lhes nesta postura impeditiva da aprendizagem. As notas retiradas durante as aulas observadas revelaram-se de grande utilidade para a organização e planeamento das aulas ministradas pelo estagiário, bem como na definição da experiência de aprendizagem a desenvolver com esta turma e que irá ser um dos objectos de reflexão aprofundada no presente relatório.

#### Turmas 12º H e 12ºI

Como anteriormente referido, a componente do estágio afecta à disciplina de História decorreu exclusivamente com duas turmas do 12º ano de escolaridade. Tal

facto poder-se-ia ter traduzido num processo de repetição de experiências lectivas ou mesmo de comportamentos, visto tratar-se de públicos com a mesma faixa etária. Contudo, o decorrer do estágio revelou exactamente o inverso. A possibilidade de trabalhar com duas turmas do mesmo grau de ensino concorreu para a percepção de diferenças significativas em dois contextos aparentemente semelhantes: as turmas, para além de pertencerem ambas ao 12º ano, encontram-se igualmente na mesma área científica, as Humanidades, o que se traduz inclusivamente na mesma complexidade disciplinar expressa nos conteúdos de História A; contudo, e como desde logo decorreu da entrevista com a professora Helena Neto, dificilmente se poderão encontrar duas turmas com registos quantitativos e qualitativos tão díspares como os presentes neste caso.

Da entrevista com a professora titular decorreram as seguintes conclusões:

1. As turmas são completamente distintas quanto ao número de alunos: o 12º H tem 21 alunos, o 12º I, 14.

2. O 12º I apresenta resultados escolares no geral muito superiores ao 12º H, sendo composta por alguns dos alunos que melhores resultados apresentam de entre todos os alunos do 12º ano da Escola.

3. Os professores das turmas tendem a considerar o comportamento e as atitudes de ambas diametralmente opostas, sendo o 12ºH uma turma mais agitada, onde o decorrer das aulas é menos proveitoso. Os alunos do 12ºI apresentam maior maturidade, uma atitude mais reflexiva e participante nas actividades escolares, decorrendo as aulas de forma mais regular, sendo os conteúdos trabalhados com maior eficácia e onde as experiências de aprendizagem se traduzem em resultados mais positivos.

4. Apesar do exposto na alínea anterior, não se percebem problemas disciplinares em qualquer das turmas, sendo ambas dois excelentes conjuntos de indivíduos do ponto de vista emocional e relacional.

5. A professora evidenciou e sublinhou que deveria ser tido em conta ao longo da experiência lectiva o facto de um aluno do 12ºI ter morrido tragicamente durante a interrupção natalícia, acontecimento que naturalmente abalou profundamente os alunos do ponto de vista emocional e que teve inclusivamente impacto no contexto do 12ºH na

medida em que a namorada e os amigos mais chegados desse aluno faziam parte desta turma.

6. Foi salientado pela professora Helena Neto o facto de os alunos estarem num nível de ensino charneira no seu percurso académico, no final de um ciclo, aprestando-se para realizar o exame nacional da disciplina, pelo que as experiências de aprendizagem a desenvolver teriam de ter sempre em consideração esse facto, devendo evidenciar portanto grandes preocupações com os temas-chave do programa da disciplina, bem como com o tipo de documentos históricos passíveis de ser apresentados no momento do exame nacional.

7. Particularizou-se o caso de uma aluna do 12ºI acabada de chegar da Guiné-Bissau, portanto com um registo básico ao nível do domínio do português europeu e que naturalmente exigiria uma particular atenção.

Tal como havia decorrido com a turma do 7º ano, a observação da turma em contexto de sala de aula validou as informações fornecidas pela professora durante a entrevista.

Foram observadas duas aulas em cada uma das turmas e a percepção do ambiente em que ambas decorriam imediatamente forneceu a confirmação de tratarem-se de contextos absolutamente opostos: para além de mais difíceis de gerir devido ao elevado número de alunos, as aulas do 12º H eram bastante mais sujeitas a interrupções por parte da professora de forma a pôr cobro a conversas paralelas entre alunos, ruído de fundo que em muito prejudicava o decorrer das mesmas. De igual modo, o método interrogativo tantas vezes aplicado pela professora Helena Neto, traduzia-se no 12º I em problematizações muito interessantes dos conteúdos, que muitas vezes encadeavam facilmente com o processo histórico já passado e antecipavam o que se seguia, enquanto no 12ºH, exactamente o mesmo método levava muitas vezes a considerações distantes dos conteúdos, percebendo-se verdadeiras dificuldades ao nível do encadeamento dos assuntos e, inclusivamente, da sua compreensão isolada. Igualmente o nível de participação nas actividades propostas pela professora resultava em graus muito distintos quer se tratasse do 12º I ou do 12ºH: os primeiros realizavam as actividades com notável empenhamento, cumprindo o tempo indicativo definido pela professora e realizando uma correcção bastante participativa dos mesmos; os segundos, na

generalidade, apesar de esforçados, excediam bastante o tempo indicativo para a realização das actividades, obrigando por vezes a que os exercícios fossem terminados em casa, sendo a correcção muito pouco participada, notando o autor serem sempre os mesmos quatro ou cinco os alunos que tentavam partilhar com a turma as suas respostas.

## PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM GEOGRAFIA

A primeira condicionante que se apresentou na aplicação deste projecto de estágio no que diz respeito à disciplina de Geografia foi, como é natural e inerente a qualquer prática lectiva, o cumprimento da planificação anual previamente elaborada pelo grupo da disciplina da Escola (cfr. Anexo 2). Assim, em coordenação com a professora Sílvia Lemos, ficou definido que após a observação das duas primeiras aulas do ano lectivo, o estagiário iniciaria a prática de ensino supervisionada com o 7ºE a partir das aulas número cinco e seis. Inicialmente considerou-se a possibilidade de assistir a mais aulas antes de iniciar a componente de aplicação prática. Contudo, por motivos de calendarização deste estágio, e na medida em que, como anteriormente referido, as turmas do 7ºano apenas têm um bloco de 90 minutos por semana afecto à Geografia, concluiu-se por esta solução como a mais adequada tanto ao bom desenrolar das actividades escolares e didácticas como ao cumprimento do número de aulas indispensáveis à realização do estágio. Ainda assim, deve salientar-se a disponibilidade manifestada pela professora Sílvia Lemos neste particular, que possibilitou o terminar da principal experiência de aprendizagem aplicada junto do 7ºE, para além do limite estipulado das dez aulas supervisionadas.

Assim, o autor do presente relatório teve a responsabilidade de leccionar os conteúdos que se seguem:

1. Tema 1: A Geografia como ciência das paisagens terrestres.
  - 1.1 – A diversidade das paisagens terrestres.
  - 1.2 – Os métodos e as técnicas de análise das paisagens terrestres.
2. Tema 2: As representações da superfície terrestre.

2.1 – As formas de representar a Terra.

2.2 – Os globos e os mapas.

2.3 – Os elementos fundamentais dos mapas.

2.4 – Os tipos de mapas.

3. A Localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.

3.1 – O mundo.

Perante a organização de conteúdos exposta, e seguindo um processo didáctico que visava sobretudo desenvolver a autonomia dos alunos, ao mesmo tempo assegurando que os conteúdos de cada um dos temas eram apreendidos pelo máximo número de alunos possível, iniciou-se a componente prática deste estágio nos tempos lectivos correspondentes às aulas 5 e 6 de geografia da turma 7º E.

Aula 5 e 6.

Tema: A Geografia como ciência das Paisagens Terrestres.

Sub-tema: A diversidade das paisagens terrestres.

Tratando-se da primeira aula e do primeiro contacto com os alunos numa perspectiva relacional docente-discente, optou-se pela elaboração de um documento visual (cfr. Anexo 3) que possibilitasse centrar a aula nos alunos, ao mesmo tempo orientando a aprendizagem ao encontro dos conteúdos essenciais de um tema que é o primeiro verdadeiro contacto com a Geografia no 7º ano. Procurou-se desenvolver um diálogo com os alunos partindo de imagens de diferentes paisagens, cuja análise e percepção os conduziria às conclusões essenciais a retirar da aula: distinção entre paisagem natural e humanizada, o conceito de individualidade das paisagens e sua constante evolução, os tipos de processos de observação das paisagens, bem como a elaboração de esboços. No fundo procurou-se ir de encontro ao entendimento expresso pelo programa da disciplina: *“uma paisagem mostra de forma concreta as relações que se estabelecem entre os diferentes elementos naturais e humanos de um território. O seu estudo facilita a motivação não só para a descoberta destas relações mas, ao mesmo tempo que somos actores, torna-nos observadores críticos, no sentido do desenvolvimento da acuidade perceptiva. Para podermos actuar conscientemente sobre o território, é necessário conhecê-lo primeiro”* (CÂMARA, et alli, 2002, p.6).

Especialmente nesta primeira aula, considerou-se fundamental assegurar a percepção da aprendizagem efectuada pelos alunos. Nesta medida, partindo da situação de pré-teste desenvolvida em diálogo inicial com a turma sobre o conceito de paisagem, aplicou-se no final da aula uma ficha formativa (cfr. Anexo 4) passível de perceber as aquisições dos alunos quanto aos objectivos a atingir, clarificados previamente: identificar a diversidade das paisagens terrestres; distinguir paisagens naturais de paisagens humanizadas, identificando os elementos naturais e humanos das paisagens; caracterizar as fontes directas e indirectas de informação geográfica. Os resultados obtidos na ficha foram bastante encorajadores, tendo todos os alunos atingido a positiva (numa classificação de 0 a 100) situando-se a média final da avaliação da turma nos 77%.

Apesar de globalmente positiva, a aula, e mais concretamente a preparação da aula, merece alguns reparos significativos. Primeiramente quanto à planificação: resultou da reunião pós-aula com a professora Sílvia Lemos, o facto de a sua elaboração apresentar uma estrutura demasiado minimalista que, para além de não assegurar a tradução documental do verdadeiro desenvolvimento da aula, não apresentava uma organização funcional que auxilie o professor não só no seu trabalho prévio de “estruturação mental” da aula como no seu trabalho posterior de sistematização dos conceitos trabalhados, dos que deverão merecer atenção redobrada e do tipo de exercícios aplicados (cfr. Anexo 5). A planificação diga-se, é abertamente assumida pelo autor como o elemento de trabalho do professor em que sente mais dificuldades, tendo constantemente de racionalizar a componente de improvisação e espontaneidade – registos que considera relevantes no ensino, conferindo vivacidade às aulas e ajustando-se à sua maneira de ser, de molde a garantir uma organização mais eficaz das suas aulas. Considera-se igualmente que não estando integralmente ultrapassada, esta dificuldade se foi esbatendo ao longo da realização desta Prática de Ensino Supervisionada, como é evidente pela leitura das planificações subsequentes.

A ficha de trabalho, cumprindo no essencial os objectivos a que se propunha de avaliação da aprendizagem, enferma igualmente de alguns problemas actualmente muito claros para o autor; sobretudo a resolução das fotografias que, depois de impressas a preto e branco perderam grande parte da sua leitura, associadas à não identificação das fontes de onde foram retirados os elementos apresentados.

## Aula 7 e 8

Tema: As representações da superfície terrestre.

Sub-tema: As formas de representar a terra / os globos e os mapas.

A aula seguinte iniciou-se pela realização de revisões da matéria leccionada na semana anterior. Tal desiderato efectivou-se (passando a constituir uma prática lectiva muito comum por parte do docente estagiário ao longo de todo o processo didáctico) através da entrega e da correcção da ficha de trabalho elaborada anteriormente. A constatação da enorme expectativa com que os alunos recebiam as mesmas e participavam na sua correcção conduziu à asserção de que a primeira aula havia tido uma recepção globalmente positiva, reforçada pelo facto de grande parte dos alunos ter tido a curiosidade prévia de, em casa, pesquisar no seu manual quais os conteúdos a leccionar na presente lição, o que poderá intuir-se como o início do desenvolvimento do quarto momento da hierarquia de Landsheere: “*o aluno tenta espontaneamente compreender, julgar, sentir*” (Minder, 1986, p. 64) extremamente gratificante para o professor, sobretudo quando trabalha com alunos tão jovens. Se quanto ao processo cognitivo a avaliação global obtida pela turma na ficha de trabalho permitiu concluir terem sido atingidos os três primeiros objectivos expressos pela taxonomia de Bloom relativamente ao processo de conhecimento – “*conhecimento de dados particulares, conhecimento da terminologia e conhecimento dos factos particulares*” (Idem, p.55) – relativamente à componente afectiva a participação activa da turma na correcção da ficha de trabalho possibilitou a constatação de que, segundo a taxonomia de Krathwohl, a generalidade dos alunos apresentava “*vontade de receber os estímulos*” (Ibidem, p. 61), estando portanto ao nível do segundo estágio do processo de recepção; ao nível do processo de resposta constatou-se uma subdivisão da turma nos três estágios de Krathwohl – “*assentimento, vontade de responder e satisfação em responder*” – apresentando-se a generalidade dos alunos ao nível do segundo estágio do processo de resposta.

O seguimento da aula repetiu o modelo da lição anterior, tendo novamente sido elaborado um documento visual, através de uma apresentação em *PowerPoint* (cfr. Anexo 6) em que as imagens iam sendo decifradas pelos alunos e reforçadas

posteriormente, após diálogo e debate, por conclusões escritas previamente no próprio documento. Houve o cuidado de, conforme as indicações programáticas da disciplina, apresentar aos alunos “*mapas de escalas diferentes de Portugal, da Europa, do Mundo e ortofotomapas, ortofotografias e fotografias aéreas a fim de (os alunos) desenvolverem o conceito de escala, pela observação do mesmo espaço representado em imagens com dimensões e representações diferentes*” (Câmara et alii, 2002, p.15) como é visível nos diapositivos 8 e 9, bem como na pergunta número 3 da ficha de trabalho (cfr. Anexo 7). Relativamente a esta ficha de trabalho, o autor ressalva o facto de se terem aplicado metodologias de avaliação variadas, que integravam perguntas de escolha múltipla, de associação de conceitos e preenchimento de espaços, mas igualmente uma actividade de palavras cruzadas, conducente ao reforço positivo dos alunos, na medida em que à resolução de um problema conceptual – eminentemente associado à memorização, é certo - subjaz uma recompensa de resolução de um problema lúdico, como de resto é sugerido pelo programa de Geografia, ao sugerir que, entre outras experiências educativas, “*devem ser proporcionados aos alunos com regularidade simulações e jogos*” (idem, p.10).

A avaliação da aprendizagem decorrente desta aula voltou a efectuar-se através dos resultados obtidos pela turma na ficha de trabalho: numa escala de 0 a 100, o aluno com a nota mais baixa obteve 59,3%, tendo 14 alunos obtido a classificação de 100% para uma média avaliativa da turma situada nos 90,6%.

#### Aula 9 e 10

Tema: As representações da superfície terrestre.

Sub-tema: Os elementos fundamentais dos mapas

Esta aula colocou pela primeira vez o estagiário perante um problema muito concreto, subjacente à realidade do ensino actual, e particularmente pertinente para a disciplina de Geografia no 3º ciclo do ensino básico: a gestão do tempo.

Na verdade, crê-se que uma das principais reflexões que se devem colocar a um professor de Geografia (neste caso concreto) prende-se com a associação entre a formação de cidadãos tendo em vista a literacia geográfica e a disponibilidade de tempo que é conferida pela organização curricular a esta disciplina. No fundo, como atingir o objectivo da literacia quando é tão pouco o tempo disponível para a sua leccionação?

Como mobilizar os alunos para a aprendizagem da disciplina quando apenas os vemos uma vez por semana, durante 90 minutos que, nestas idades, por limitações relacionadas com a sua própria capacidade de atenção, retenção e participação – quando não relacionadas com outros motivos exteriores à realidade da disciplina e mesmo da sala de aula – se transformam em 80, 70, 60 minutos de aula efectiva? Como fugir à ideia de Geografia no ensino básico como “*diluição da geografia universitária, enciclopédica e com os conhecimentos organizados por gavetas*” (Cachinho, 2002, p. 74) brilhantemente enunciada por Herculano Cachinho, recentrando a disciplina segundo Pinchemel, Merenne Schoumaker e Brunet numa “*perspectiva macroscópica, ancorando o seu ensino na aprendizagem dos conceitos fundamentais e nas questões-chave em que a disciplina arquitecta a sua identidade?*” (Cachinho, 2002, p.75). No fundo, como garantir o cumprimento do programa da disciplina num tempo de aula tão limitado?

A problemática enunciada revelou-se extraordinariamente pertinente para a aula em questão na medida em que esta contemplou a abordagem dos elementos fundamentais dos mapas, de entre os quais assume particular relevância o estudo da escala, elemento tão difícil de compreender quão fundamental para a literacia geográfica dos alunos. Assim, como facilmente se poderá constatar da análise da planificação (cfr. Anexo 8) um tema que se consideraria trabalhado no final desta aula, teve de ser amplamente retomado na aula seguinte, quer pela sua importância quer pela sua complexidade. Privilegiou-se o “*desenvolvimento de problemáticas reais, sociais, espaciais, dinâmicas e susceptíveis de aplicação*” proposto por Hugonie em 1989 (Cachinho, 2002, p.77) para a abordagem deste tema específico, associando a aprendizagem à realidade concreta dos alunos, quer na definição da importância da escala, perguntando aos alunos se poderiam fazer uma representação das suas casas do tamanho dessas mesmas casas, quer analisando mapas e plantas de espaços absolutamente familiares a todos: o mapa da vila de Sintra e a planta da escola.

Considerou-se, posteriormente, exigirem estes conteúdos uma atenção especial no contexto inicial do programa de Geografia, pelo que se privilegiará, de futuro, uma planificação de duas aulas de 90 minutos para a sua leccionação. No caso específico do presente estágio, o professor estagiário considerou, no decorrer da aula em descrição, ser mais profícua a aprendizagem se realizada nos moldes seguintes: explorar com os

alunos os conceitos de título, orientação, legenda e escala, as suas noções e a importância que cada um assume para a leitura de um mapa, ressaltando os tipos de escalas e de representações das mesmas, assegurar o conhecimento destes conceitos, e guardar os cálculos de distâncias (que envolvem uma complexificação considerável) para o início da aula seguinte quando os alunos não se sentem já cansados pelo decorrer de cerca de 50 minutos de aula. Assim, optou-se por ocupar o restante tempo de aula com a visualização de tipos de representações terrestres variadas, alguns presentes na sala de aula – nomeadamente planisférios e globos - outros apresentados directamente através da ferramenta Web à disposição e outros ainda presentes no manual, de molde a que, através da actividade de interpretação prática dos mesmos, os alunos desenvolvessem a competência essencial da Geografia: *“ler e interpretar globos, mapas e plantas de várias escalas, utilizando a legenda, a escala e as coordenadas geográficas”* (Câmara et alii 2002, p.12).

A aula suscitou ao autor diversas reflexões bastante relevantes para a definição do tema do presente relatório de prática de ensino supervisionada. Todas elas versavam a seguinte consideração: como contribuir para a literacia geográfica dos alunos trabalhando um tema tão definidor dessa literacia, extravasando a mera definição de conceitos, memorização se quisermos desses mesmos conceitos, e sua identificação em cartografia académica, elaborada por escolares, mas que não garantia a apreensão da importância dessas simbologias por parte dos alunos, a sua operacionalização? Numa frase: como pôr os alunos a aplicar? Como refere Cachinho *“a simples identificação dos elementos de um sistema, das estruturas e dos actores que intervêm na sua configuração não permite compreender o seu funcionamento”* (2002, p.77)

Tal reflexão conduziu à definição da experiência de aprendizagem a ser analisada exaustivamente mais à frente neste relatório. O autor concordou com Hugonie quando este afirma ser *“fundamental que os professores façam da geografia uma verdadeira prática operatória, (que) se adoptem métodos activos e mediante a aplicação da metodologia construtivista se tornem os alunos actores e autores das suas próprias aprendizagens”* (Idem, p.78). Este pensamento construtivista, alicerçado na sensação empírica do estagiário de que a aula-coloquial poderia encarar-se como a base teórica que operacionalizaria a aula-oficina, conduziram à definição de um trabalho de pesquisa e aplicação mobilizador de todos os conteúdos abordados nas aulas ministradas (as paisagens terrestres, os tipos de mapas e os elementos dos mapas) bem como de todas as competências desenvolvidas,

enquanto suporte teórico através dos quais os próprios alunos seriam convidados a explorar o último tema constante dos conteúdos a leccionar pelo estagiário: o mundo.

Após consulta com a professora orientadora do estágio e apresentação deste esboço inicial da experiência de aprendizagem, esta considerou-a uma ideia com potencial, garantindo ainda a apresentação do resultado final do projecto perante a comunidade escolar através da exposição dos trabalhos a serem desenvolvidos pelos alunos.

#### Aula 11 e 12

A aula 11 e 12 consistiu sobretudo no desenvolvimento do conceito de escala de um mapa e na revisão dos tipos de mapas existentes. Voltou a ser utilizada a apresentação em *PowerPoint* que suportou a aula anterior, desta feita acrescentando-se projecções de diversos tipos de mapas. Na medida em que a aula esteve muito subordinada a um tema complexo como é o cálculo das distâncias reais e das distâncias no mapa, entendeu-se novamente ser essencial a realização de uma ficha de trabalho no final da aula, onde a aprendizagem da turma pudesse ser medida e quantificada (cfr. Anexo 9).

Para o cálculo das distâncias, optou-se pelo método sugerido pelo manual da disciplina que, realizando uma aproximação aos conteúdos desenvolvidos pelos alunos na disciplina de matemática (baseando os cálculos na regra de três simples) simplifica a aprendizagem e promove a interdisciplinaridade. Como é observável do documento visual produzido, apresentaram-se diversos exemplos de cálculos de distâncias reais e no mapa que, inicialmente ocultos na apresentação, iam surgindo no quadro após diálogo com os alunos sobre possíveis formas de resolução dos cálculos. Neste ponto foi bastante interessante constatar a ligação imediata que a generalidade dos alunos estabeleceu com os exercícios da disciplina de Matemática, inclusivamente com alguns conteúdos com os quais haviam contactado há já bastante tempo (as conversões de medida). Antes de se confrontarem com a resolução da ficha de trabalho, os alunos realizaram o exercício de cálculo de escala sugerido no diapositivo número 15.

A ficha de trabalho aplicada nos últimos 25 minutos da aula representou uma resenha dos conteúdos associados aos elementos fundamentais dos mapas, bem como dos tipos de mapas, os conteúdos leccionados nas duas últimas aulas. Os resultados

obtidos pela turma podem resumir-se deste modo: de entre os 25 alunos que realizaram a ficha, 4 não conseguiram atingir a positiva (ou seja, uma classificação igual ou superior a 50%); 15 alunos conseguiram ter uma classificação superior a 70%, para uma média global de 69,6%. A medição quantitativa da aprendizagem revelou-se novamente positiva, ainda que mais oscilante do que nas experiências anteriores, facto que se ficou a dever a algumas dificuldades por parte de alguns alunos em resolver o exercício relativo ao cálculo da distância real no mapa, como se comprova pelos resultados obtidos na resolução desta questão: 11 alunos obtiveram a totalidade da cotação, 7 realizaram um correcto raciocínio de resolução do exercício, não tendo contudo efectuado a necessária conversão para quilómetros do resultado obtido em centímetros, 3 inverteram a ordem da distância real e da distância no mapa na equação e 4 não conseguiram elaborar o raciocínio para a resolução deste exercício. Os 4 alunos que não obtiveram a positiva na ficha de trabalho tiveram em comum o facto de não terem sido capazes de resolver o exercício em apreciação.

#### TRABALHO DE PROJECTO: O Mundo.

Fundamentando o tema geral do presente relatório (a metodologia da aula-oficina no ensino da História e da Geografia: uma reflexão crítica sobre três experiências de aprendizagem) surge o trabalho de pesquisa em grupo com a turma do 7ºE como a primeira aplicação didáctica de uma experiência de aprendizagem seguindo exclusivamente a metodologia da aula-oficina numa perspectiva construtivista da aprendizagem.

A elaboração deste projecto visou a obtenção de diversos desideratos que se apresentarão seguidamente, contudo, o grande enfoque do mesmo prendia-se com o objectivo já anteriormente explicitado de transformar os conteúdos leccionados numa verdadeira prática operatória, conducente ao desenvolvimento da autonomia dos alunos mas, sobretudo, da sua literacia geográfica. Considerou-se que a organização do programa da disciplina concorria para o desenvolvimento deste objectivo na medida em que, após a abordagem dos temas 1 e 2 da organização de conteúdos definida pelo grupo de Geografia da Escola Secundária Miguel Torga e já apresentados no presente relatório, se seguiria um terceiro tema (*A Localização dos diferentes elementos da*

*superfície terrestre – o Mundo*) que se apresentou passível de proporcionar aos alunos a aplicação dos conhecimentos e competências obtidos nas primeiras aulas leccionadas pelo estagiário. Na realidade, o objectivo do tema *O Mundo* prende-se com o reconhecimento por parte dos alunos da diversidade global que enforma o planeta e o enriquece, uma diversidade que se expressa do ponto de vista físico, natural e paisagístico, seguindo a lógica da organização curricular, mas igualmente populacional e cultural, sujeito visualmente às formas de representação estudadas, sejam elas fotografias, esboços, globos, mapas ou outros. Assim sendo, porque não induzir os alunos ao conhecimento de espaços e culturas distantes através das ferramentas de pesquisa proporcionadas pela Geografia? Porque não motivá-los a desenvolver a sua autonomia operativa, representando cartograficamente ou fotograficamente esses objectivos? Tal o ponto de partida para a elaboração deste trabalho de pesquisa, tendo sempre em mente que o “*ensino da geografia desempenha um papel fundamental na formação e informação dos futuros cidadãos acerca de Portugal, da Europa e do Mundo, enquanto sistemas compostos por factos diversos que interagem entre si e se alteram constantemente*” (Silva et Ferreira, 2002, p.102).

Por outro lado, considerou-se igualmente relevante proporcionar aos alunos o contacto com ferramentas auxiliares da Geografia, de livre acesso e actualmente generalizadas, contacto facilitado no âmbito da escola em que decorreu o estágio por facultar uma sala-oficina equipada com computadores com acesso *Web*. Ferramentas como o *Google Earth* ou o *Google Imagens*, sítios de privilegiada informação geográfica como o *CIA – The World factbok*, o *Apolo 11* ou o *Mapas-Guia Geográfico*, motivaram igualmente o estagiário para o desenvolvimento deste trabalho de investigação, promovendo ao mesmo tempo a interdisciplinaridade (por exemplo com as disciplinas de Inglês ou as Tecnologias da Informação e da Comunicação) mas nunca esquecendo a importância central que atribui à bibliografia como suporte fundamental de qualquer investigação, de qualquer percurso rumo à literacia e que é sua convicção dever ser preservado e incentivado em todos os graus de ensino e em todas as escolas do país. Assim, o grande atlas ilustrado do mundo *Geographica – Atlas Ilustrado do Mundo* iria funcionar como eixo da investigação, funcionando o computador como um “*mediador entre o aluno e o professor*” – e como complemento à

investigação bibliográfica – “*tendo (o professor) a atenção em não deixar estabelecer o mito do computador*” (Proença, 1989, p.307) como resolução para todos os problemas.

Dentro deste paradigma, pretendeu-se trabalhar por competências e orientar o trabalho do professor “*conscientemente para o desenvolvimento de capacidades, atitudes e valores nos jovens a partir dos seus interesses e características*” (Silva et Ferreira, 2002, p. 104) flexibilizando o currículo, “*construindo e planificando dispositivos e sequências didáticas que envolvessem os alunos em actividades de pesquisa e em projectos de conhecimento de molde a promover o significado das aprendizagens realizadas*” (Idem, p. 105). Optou-se pela metodologia do trabalho de pesquisa organizada segundo uma perspectiva directiva que teve em conta a idade dos alunos. Como sabemos o “*nível etário dos alunos condiciona o grau de autonomia do trabalho*” (Proença, 1989, p.312) e, nessa medida, considerou-se que apenas o estabelecimento de objectivos de pesquisa concretos, claramente definidos e ao alcance da capacidade de investigação dos alunos poderiam concorrer para a optimização da presente experiência de aprendizagem. Nesta medida, optou-se por dividir o trabalho de investigação em 3 grandes fases. Segundo o que se segue:

1. Fase de apresentação do trabalho de projecto a desenvolver perante a turma, com formulação dos objectivos a atingir e dos meios conducentes a esses objectivos.
2. Fase de pesquisa e investigação.
3. Fase de operacionalização dos materiais obtidos na fase 2.

Tendo em conta o exposto, o conteúdo do trabalho de projecto em análise pretendeu relevar os elementos físicos e humanos dos continentes que compõem o planeta terra, salvo a Antárctida que, pela sua especificidade geográfica, e após discussão com a professora Sílvia Lemos, se concordou excluir do presente projecto, sendo os dados do continente posteriormente trabalhados em aula pela professora titular da disciplina após a conclusão da presente prática lectiva supervisionada.

Assim, o estagiário definiu previamente o número de grupos que iriam participar nesta experiência (seis) bem como os elementos que integrariam cada um dos grupos de trabalho. Optou-se pela distribuição aleatória dos alunos pelos grupos de trabalho, evitando dar essa liberdade de escolha aos próprios alunos com o objectivo de obstar à

formação de grupos desequilibrados do ponto de vista do seu potencial cognitivo e de trabalho mas ao mesmo tempo visando evitar que alunos tendencialmente mais conversadores e aptos para a dispersão em sala de aula se reunissem no mesmo grupo de trabalho. Ao mesmo tempo, e seguindo a perspectiva da dinâmica de grupos, associada aos trabalhos de Elton Mayo e Kurt Lewin, pretendeu-se simultaneamente valorizar o *“cariz humanista das relações humanas, aprofundando os meios de melhorar o homem, torná-lo mais sociável, mais sincero, ajudá-lo a eliminar preconceitos, a enfrentar dificuldades e a resolvê-las em comum, mediante um melhor conhecimento de si mesmo e das pessoas que o rodeiam”* (Proença, 1989, p. 307), promovendo a aproximação entre elementos da turma que normalmente estão afastados, entre “bons” e “maus” alunos, entre crianças de ambos os sexos, numa intenção de valorização individual e da actividade colectiva: *“numa altura em que a principal lei que rege a humanidade parece ser a concorrência, é pelo menos saudável, que se fomente o espírito de equipa e cooperação que o trabalho de grupo proporciona”* (idem, p. 308). O critério de distribuição dos alunos pelos grupos obedeceu à ordem numérica da turma.

Os continentes alvos da pesquisa foram igualmente objecto de uma aprofundada reflexão prévia. Pretendia-se que cada grupo tivesse objectivos de pesquisa e aplicação razoáveis e adequados ao desenvolvimento cognitivo dos alunos em causa. Deste modo, o estagiário optou por diminuir alguns dos âmbitos de pesquisa, simultaneamente garantindo – a seu ver – uma equilibrada distribuição de trabalho e um adequado número de alunos por cada turma (com excepção de um grupo de 5 elementos, todos os restantes se constituíam por 4 elementos): a Europa, a Ásia, a África e a Oceânia, unidades geográficas mais claramente definidas constituíam, cada uma, um tema de trabalho, enquanto a América se subdividiu em duas unidades distintas: América do Norte, trabalhada em conjunto com a América Central, e a América do Sul.

Concretamente, cada um dos grupos tinha os seguintes objectivos específicos no que respeita a fase de pesquisa:

- 1.1 – Localizar os diferentes continentes num planisfério, definindo os seus limites de acordo com a localização relativa.

1.2 – Pesquisar nas fontes bibliográficas e *web* à disposição, os fenómenos físicos mais relevantes do continente estudado (principais formas de relevo, rios, glaciares e áreas de floresta).

1.3 – Ilustrar os elementos pesquisados com fotografias e imagens de satélite, retiradas das fontes bibliográficas e *web* disponibilizadas.

1.4 – Elaborar descrições escritas das imagens encontradas no ponto anterior.

1.5 – Pesquisa de dados populacionais, políticos e culturais relevantes acerca dos continentes (os 3 maiores países em extensão territorial; os 3 países mais populosos e as 3 línguas mais faladas em cada continente).

1.6 – Elaborar fichas de identificação dos continentes estudados com base em toda a informação pesquisada e tratada.

Na elaboração das pesquisas os alunos contavam com a disponibilização do seguinte material de investigação:

- a) Para cada continente foram fornecidas fotocópias de 2 exemplares A3 dos mapas físicos do atlas *Geographica*, de modo a que os alunos, através da sua análise, conseguissem pesquisar os elementos constantes em 1.1 e 1.2.
- b) Do mesmo recurso bibliográfico, foram previamente seleccionados pelo estagiário 7 países de entre os quais os grupos deveriam pesquisar os elementos constantes em 1.5 (considerou-se contra-producente induzir os alunos a pesquisarem esses elementos de entre as dezenas de países que compõem cada continente). As fotocópias das fichas técnicas desses países foram igualmente fornecidas a cada grupo.
- c) O Atlas em questão esteve sempre presente em sala de aula, para consulta dos alunos, de molde a que eventuais dúvidas suscitadas pela leitura dos mapas fotocopiados a preto e branco pudessem ser esclarecidas, bem como para outras eventualidades de investigação consideradas relevantes pelos grupos.
- d) 7 computadores ligados à internet e com acesso às fontes *web* sugeridas estavam à disposição dos grupos para a realização de pesquisas mas, sobretudo, para a execução de buscas relacionadas com as imagens que

deveriam ilustrar os elementos pesquisados sobre diferentes ângulos e abordagens (fotografias, fotografias de satélite, etc.)

Posteriormente, numa segunda fase, foi proposto aos alunos realizarem a representação cartográfica dos elementos pesquisados na fase anterior em mapas em branco previamente fornecidos pelo professor. Optou-se pelo modelo de mapa apresentado em anexo (cfr. Anexo 10), o mapa político, na medida em que se considerou facilitar a percepção do espaço geográfico presente nas representações cartográficas onde os alunos realizaram as suas pesquisas, nomeadamente nos mapas físicos constantes do Atlas *Geographica*. De entre os elementos fundamentais dos mapas, estes apenas apresentavam a orientação e a escala.

Assim, cada um dos grupos tinha os seguintes objectivos específicos no que respeita a fase de representação:

- 1.1 Representar no mapa político do continente os fenómenos físicos mais relevantes. Elementos a representar: principais formas de relevo, rios, desertos, glaciares e áreas de floresta.
- 1.2 Colorir no mapa político do continente os fenómenos humanos mais relevantes. Elementos a representar: Mapa 1 - os 3 países com maior extensão territorial, Mapa 2 - os 3 países mais populosos Mapa 3 - países onde se falam as 3 línguas mais faladas no continente.
- 1.3 Completar todos os mapas com os elementos fundamentais dos mapas em falta (título e a legenda).

Em último lugar, numa terceira fase, os alunos foram convidados a elaborarem cartazes sobre os continentes estudados, neles apresentando o resultado das suas pesquisas e das representações cartográficas obtidas. Esses cartazes foram posteriormente expostos na sala-oficina da disciplina de Geografia, numa exposição que ficou patente para todos os alunos da Escola Secundária Miguel Torga que têm a disciplina de Geografia e que, portanto, frequentam a referida sala. O professor estagiário, atendendo ao presente contexto de austeridade e de dificuldades económicas enfrentado pelas famílias portuguesas, bem como à sua disponibilidade pessoal, forneceu as cartolinas utilizadas pelos alunos na elaboração dos cartazes, tendo estes de

se organizarem de forma a terem presentes na sala de aula lápis de cor, canetas de feltro, tesoura, cola, entre outros materiais necessários à consecução do trabalho final.

Fase 1: Apresentação do trabalho perante a turma:

*“Nenhuma avaliação correcta é possível se não tivermos explicitado exacta e antecipadamente o que o aluno será capaz de fazer no fim do processo (de trabalho)”*. (Minder, 1986, p. 73)

Na medida em que se tratou de um trabalho com alguma complexidade, e para garantir que eram absolutamente perceptíveis para todos os alunos os objectivos a atingir com a realização deste trabalho bem como a metodologia a aplicar, decidiu-se reservar uma aula de 90 minutos apenas para a apresentação do trabalho perante a turma. Afigura-se para o autor deste relatório como de crucial importância a veiculação clara daquilo que o professor pretende com determinado problema colocado perante os alunos, daí considerar fundamental esta aula de preparação prévia do trabalho a desenvolver. Não deixa de ser curioso, à *posteriori*, concluir que precisamente estes 90 minutos destinados à apresentação do trabalho se revestiram, pelo menos, de tanta importância para a aprendizagem do estagiário enquanto docente, como para os alunos no que concerne a percepção dos objectivos do trabalho a realizar. Tal facto ficou a dever-se às diversas falhas identificadas na transmissão da mensagem do professor perante os alunos que serão enunciadas mais à frente nesta reflexão.

Neste primeiro contacto com o trabalho a realizar foi fornecido a cada um dos alunos, no início da aula, um guião de trabalho (cfr. Anexo 11) onde constava toda a informação relativa ao projecto a desenvolver. Como se poderá verificar, esse guião constituía-se de toda a informação necessária à operacionalização do trabalho: apresentação do contexto temático do trabalho, o material a utilizar, as fontes bibliográficas e webgráficas de consulta, a contextualização do projecto, a descrição pormenorizada das três fases de realização, o processo de avaliação e a calendarização. Pretendeu-se realizar uma leitura dialogada desse mesmo guião, acompanhada por um elemento visual que reunisse a informação constante no guião mas que, ao mesmo tempo, pudesse exemplificar alguns dos processos a desenvolver pelos alunos em contexto de trabalho (cfr. Anexo 12). Nessa apresentação utilizou-se Portugal como hipótese de trabalho, exemplificando-se a elaboração de uma ficha técnica com os dados

físicos e humanos relativos ao país, de uma ilustração legendada, da ilustração cartográfica dessa mesma representação e, finalmente, da reunião de todos os elementos num documento coerentemente organizado.

O estagiário teve especial preocupação com a explicação do método de avaliação a aplicar, explicitando que, apesar de se tratar de um trabalho a ser desenvolvido em grupo, o mesmo possuía uma componente de avaliação individual com um peso de 40% na avaliação final de cada aluno o que, naturalmente, concorreria para que as avaliações de cada elemento constituinte dos grupos não fossem necessariamente as mesmas.

### AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE PROJECTO

Neste trabalho de investigação pretendeu-se fazer corresponder os objectivos a desenvolver por parte dos alunos aos três grandes aspectos do comportamento humano, usualmente sistematizados na definição das categorias taxonómicas básicas que delimitam o processo de avaliação: domínio cognitivo, domínio afectivo e domínio psicomotor. Para cada um destes domínios, pretendeu-se escolher níveis de objectivos que correspondessem à capacidade dos alunos, integrando-os no contexto da sua idade e estágio de desenvolvimento cognitivo. É importante sublinhar que foi conferida liberdade aos grupos para se organizarem no que diz respeito à realização das pesquisas bem como das representações cartográficas, ou seja, cada grupo, após debate interno, deveria informar o professor sobre quais os elementos encarregados de produzir determinado trabalho, para que o professor pudesse ajudar presencialmente no decorrer da sua realização, bem como avaliar o cumprimento e empenho manifestados pelos alunos na sua consecução.

Assim, relativamente ao domínio cognitivo, privilegiou-se a utilização da taxonomia de Bloom na definição dos objectivos a atingir: os pontos número 1.3, 2.2 e 2.3 directamente associados ao “*processo de conhecimento*” (o primeiro estágio desta taxonomia) tanto de “*dados particulares (aplicação de parcelas específicas e isoláveis de informação com referências concretas)*” como de “*terminologia específica*” (aplicação de terminologia geográfica) e de “*factos particulares*” (aplicação de pormenores precisos de informação) (Minder, 1986, p. 55); o ponto 2.4 ao nível da compreensão, traduzida, devido ao estágio de desenvolvimento do público-alvo,

meramente ao nível da *“transposição – parafraseando uma comunicação ou transpô-la para uma outra linguagem ou forma de comunicação”* (Idem, p. 56); e, finalmente, o ponto 2.5 centrando-se no terceiro estágio da taxonomia, ao nível da *“aplicação”*, pela *“utilização de representações abstractas em casos particulares e concretos – neste caso específico, a representação de uma ideia geral (...) através de regras de proceder ou de métodos difundidos”* (Ibidem, p. 57).

Relativamente ao domínio afectivo tentou-se avaliar o comportamento dos alunos durante o processo de trabalho através da hierarquia de Landsheere, já anteriormente citada no presente relatório. Pretendeu-se aquilatar a *“reacção do indivíduo perante um estímulo”* (a realização do trabalho) conferindo-se a pontuação máxima àqueles que evidenciassem comportamentos passíveis de ser integrados no segundo estágio desta taxonomia (*“recepção e reacção”*) nos pontos 1.1; 1.2 e 1.4, quando *o” indivíduo reage nitidamente, quer obedecendo, quer manifestando prazer pela palavra, pelo gesto ou pela atitude”*, ou seja, quando, no geral, o empenhamento na realização do trabalho, associado às atitudes relativamente aos colegas e ao professor fornecessem evidências de que o aluno estava num patamar acima de uma *“espécie de estado afectivo amorfo em que o sujeito se apercebe da beleza ou da fealdade, dos sentimentos diversos, sem reagir, um pouco como um espelho que não reflectisse a imagem”* (Ibidem, p.64).

Por último, o ponto 2.1, envolvendo um pouco a aplicação de todas as práticas taxonómicas enunciadas, reflecte sobretudo a capacidade psicomotora evidenciada pelo grupo e a sua capacidade de organização conjunta, de molde a garantir que os resultados obtidos nas fases anteriores fossem apresentados coerentemente num documento que reflectisse o trabalho de todos os seus elementos.

A distribuição da avaliação consistiu na elaboração de duas grelhas distintas, uma relativa à avaliação do trabalho individual, outra do trabalho conjunto, com os pesos respectivos de 40 e 60%. Cada um dos pontos relativos à avaliação individual teve um peso de 10% na avaliação final do trabalho desenvolvido pelos alunos, subdividindo-se numa escala de 2,5 a 10, enquanto que os pontos referentes ao trabalho apresentado colectivamente valiam 12% cada um, subdivididos numa escala de 3 a 12 (Cfr. Anexo 13)

## BALANÇO FINAL

A realização do presente projecto de pesquisa e aplicação revestiu-se de grande importância enquanto veículo de aprendizagem do estagiário do ponto de vista da sua prática didáctica. Tanto os aspectos positivos como os aspectos negativos suscitados pelo decorrer do trabalho conferiram uma experiência de certo modo irrepetível, correspondendo àquele que era, na opinião do autor, o grande objectivo desta prática de ensino supervisionada: o desenvolvimento do saber fazer, da experimentação didáctica e pedagógica de situações lectivas que conduzissem à aprendizagem e à evolução do estagiário como docente.

Após prolongada reflexão é no presente claro o que não correu bem durante a experiência didáctica em análise. Em primeiro lugar, salta à vista a elaboração do guião do aluno. Sendo certo que ninguém pode apontar ao estagiário a falta de informação relativa ao cumprimento dos objectivos do trabalho neste documento, a crítica deve incidir antes na presença de excesso de informação: o guião encontra-se claramente desajustado à idade dos alunos, demasiado hermético do ponto de vista da apresentação e dos conteúdos, sendo mais susceptível de assustar os alunos e de os aborrecer do que de contribuir para que se motivassem para a realização do trabalho. Trata-se no fundo, de um documento com demasiado texto, demasiada informação, pouco apelativo do ponto de vista gráfico, monolítico no seu conjunto e muito pouco operacional, opinião desde logo partilhada pela orientadora. Ressalvo os alunos que, ainda assim, o utilizaram durante as aulas de realização do trabalho, que o iam consultando conforme iam cumprindo os objectivos, como indivíduos cujo empenhamento e maturidade reflecte uma qualidade acima da média. Tornar a informação mais prática, dinâmica e menos concentrada, evitar fornecer aos alunos dados acessórios que são sobretudo úteis ao professor e não os assustar previamente com documentos desta magnitude, sobretudo ao nível do 3º ciclo, foi a conclusão retirada da elaboração deste guião.

Por outro lado, do ponto de vista da gestão do tempo, não se podendo dizer que foi extraordinariamente excedido o prazo inicialmente previsto (3 blocos de 90 minutos mais 1 bloco de 45 inicialmente previstos que se efectivaram em 4 blocos de 90 minutos mais um bloco de 45) o estagiário percebeu, sem margem para dúvidas, de que as

expectativas do professor relativas ao desenvolvimento de qualquer experiência de aprendizagem deverão ter sempre em conta o ritmo próprio das turmas e as diversas variáveis individuais e colectivas dentro dessas mesmas turmas, devendo os trabalhos ser alvo de planeamentos com margens de tempo de execução bastante flexíveis, mormente quando se trabalha com alunos tão jovens.

Por último, na enunciação dos pontos que correram menos bem nesta experiência de aprendizagem, devem ser apontados alguns passos do processo de avaliação. O autor deste relatório recorda, agora com redobrado ênfase, a ideia sublinhada por todos os seus orientadores, mas particularmente nesta fase pela professora Sílvia Lemos, de que o professor nunca especifica demasiadamente bem, de forma suficientemente clara, os diversos itens a avaliar em determinada tarefa, assim como não descreve de forma suficientemente objectiva as resoluções que pretende que os alunos apresentem, as respostas a que deverão chegar relativamente aos problemas por ele colocados. A conclusão é evidente para o estagiário: a fuga da subjectividade na avaliação é talvez a batalha mais difícil e mais importante com que o professor se debate no desempenho da sua profissão. Sobretudo por que é de crucial importância para a vida dos alunos e de crucial importância para o estabelecimento da justiça em sala de aula e da valorização do mérito. Por outro lado, a avaliação muitas vezes foge-nos das mãos porque existem aspectos bastante vastos (senão todos) que tanto podem estar relacionados com a criatividade expressa pelo aluno ou com o tipo de comportamento por ele evidenciado que pura e simplesmente não podem estar espalhados numa grelha de avaliação e perante os quais dez professores diferentes atribuiriam dez avaliações diferentes. No presente trabalho, consideram-se os descritores de avaliação produzidos suficientes para conferir justiça e objectividade à avaliação, contudo, considera-se igualmente que algumas parcelas desses descritores foram dificilmente operacionalizadas em contexto de trabalho, fugindo por vezes ao controlo da observação do professor: tal é particularmente pertinente para o campo de avaliação individual onde por vezes se tornou difícil particularizar o grau de empenhamento de determinado aluno na realização do trabalho ou, por exemplo, a sua capacidade de comunicação com o grupo. Considera-se de futuro a elaboração de grelhas de observação do trabalho em aula como auxiliares capazes de reduzir substancialmente esta deficiência.

Contudo, o balanço final da presente experiência de aprendizagem é bastante positivo. Desde logo foi essa a conclusão a que o autor chegou após reunião de avaliação do trabalho desenvolvido com a sua orientadora. O principal argumento que sustenta esta ideia prende-se com o facto de todos os grupos terem atingido os objectivos propostos para a realização do trabalho, mostrando um grau de empenhamento muito interessante ao longo de todas as aulas. Ouve inclusivamente alguns trabalhos onde esses objectivos se expressaram de forma particularmente conseguida, tendo ficado patente a capacidade de pesquisa e de organização dos grupos, a percepção por parte do professor que os alunos aplicaram de forma muito positiva as aprendizagens anteriores (os temas relacionados com as paisagens terrestres, as formas de representação do planeta e os tipos de mapas) de molde a construírem o seu próprio conhecimento relativamente ao mundo de que todos fazemos parte, cuja diversidade se encontra patente no resultado final apresentado pela turma na pequena exposição elaborada (cfs. Anexo 14). De resto, o balanço positivo relativo ao desenvolvimento desta experiência de aprendizagem encontra paralelismo no balanço global do trabalho desenvolvido durante um período lectivo com a turma do 7ºE. O melhor argumento de que o estagiário se lembra para sustentar esta ideia é o seguinte: de entre todas as turmas do 7º ano da Escola Secundária Miguel Torga cuja professora titular da disciplina de Geografia é a orientadora da presente prática lectiva supervisionada, e que foram sujeitas ao mesmo elemento de avaliação no final do período (teste de avaliação sumativo) esta foi a turma que obteve as classificações individuais mais altas bem como a melhor média de classificações por turma. Tal evidencia, em primeiro lugar, a capacidade dos alunos – cuja participação na experiência geral de estágio foi inestimável – mas igualmente que os processos didácticos aplicados resultaram em aprendizagem.

#### PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM HISTÓRIA

Após a conclusão da prática de ensino supervisionada em Geografia, deu o estagiário início à sua experiência lectiva em História, a disciplina correspondente à sua formação académica de base ao nível da licenciatura, iniciando-se, nesta medida, esta nova experiência com natural expectativa.

Ao contrário do anterior processo de estágio, esta nova fase revestiu-se de maior diversidade no processo de aprendizagem, na medida em que decorreu em duas turmas distintas, logo dois universos didáticos e pedagógicos necessariamente diferentes, exigindo uma flexibilidade e capacidade de adaptação maiores por parte do estagiário. As diferenças encontradas no decorrer da prática lectiva entre as duas turmas iriam revelar-se mais profundas relativamente àquilo que era a sua expectativa inicial, algo que se revelou uma mais-valia concreta e, crê-se, de grande alcance para o desenvolvimento futuro do trabalho do autor do presente relatório.

Para além do trabalho decorrer com duas turmas distintas, é importante salientar o facto desta nova experiência ter decorrido em exclusivo com turmas do 12º ano de escolaridade, da área das Humanidades, logo na disciplina de História A, numa fase do ano lectivo em que a aproximação do exame nacional gera naturais expectativas, por vezes apreensões, em alunos e professores. Nesta medida, uma das principais premissas com que se planeou todo o trabalho a desenvolver com as turmas do 12º H e do 12ºI, foi a de não sobrepor os interesses do estagiário aos interesses dos alunos destas duas turmas, ou seja, realizar todos os possíveis para fazer corresponder a prática didáctica a aplicar aos objectivos concretos da disciplina no que diz respeito à sua componente de avaliação contínua mas igualmente levando sempre em linha de conta os parâmetros expectáveis com que os alunos se deparam no exame nacional de História, disciplina que para muitos deles é específica no acesso ao ensino superior.

Por outro lado, e ao contrário do que tinha sido a praxis lectiva durante o estágio com os alunos do 7º ano em Geografia, a carga horária afectada à disciplina de História A no 12º ano é incomparavelmente superior. Tratou-se portanto de uma transição de um processo lectivo a decorrer em 90 minutos semanais, para uma organização curricular correspondente a três blocos de 90 minutos semanais. Tal facto acarretou algumas adaptações: primeiramente, a necessária conjugação do horário laboral do estagiário com o horário lectivo da professora titular da disciplina; do mesmo modo, e como consequência do exposto, concluindo-se não ser desejável o estagiário leccionar as suas 10 aulas de forma contínua (até porque, fazendo-o, concluiria a prática de ensino supervisionada em duas semanas) foi necessário proceder a uma análise bastante aprofundada da estrutura curricular da disciplina, do planeamento lectivo da professora

Helena Neto e dos objectivos didácticos do autor, de forma a produzir uma organização da prática lectiva conducente à satisfação de todos os desideratos.

Assim, e após consulta com a professora orientadora, decidiu-se que o estagiário apresentaria uma proposta dos conteúdos que pretendia trabalhar, sendo a mesma sujeita a uma reavaliação semanal que teria sempre em conta o decorrer dos trabalhos em sala de aula. Esta proposta implicaria a leccionação de uma ou duas aulas por, preferencialmente equilibradas do ponto de vista numérico, ou seja, garantindo que no final do estágio seriam leccionadas 5 aulas no 12ºH e 5 aulas no 12ºI. Considerando não ser particularmente relevante a listagem inicial de conteúdos previstos pelo estagiário abordar ao longo da sua prática lectiva supervisionada, são desde já apresentados aqueles que, efectivamente, foram por ele desenvolvidos:

1. *A questão colonial – soluções preconizadas, luta armada, isolamento internacional; A “primavera marcelista”: reformismo político não sustentado; o impacto da guerra colonial.*
2. *Da Revolução à estabilização da democracia; O Movimento das Forças Armadas e a eclosão da Revolução; Desmantelamento das estruturas de suporte do Estado Novo; tensões político-ideológicas na sociedade e no interior do movimento revolucionário.*
3. *O colapso do bloco soviético e a reorganização do mapa político da Europa de Leste. Os problemas da transição para a economia de mercado.*
4. *Afirmção do espaço económico da Ásia-Pacífico; a questão de Timor.*
5. *Nacionalismo e confrontos políticos e religiosos no Médio Oriente e nos Balcãs.*
6. *Mutações sociopolíticas e novo modelo económico; O debate do Estado-Nação; a explosão das realidades étnicas; as questões transnacionais: migrações, segurança, ambiente.*
7. *Portugal no novo quadro internacional; A integração europeia e as suas implicações. As relações com os países lusófonos e com a área iberoamericana.*

Relativamente aos conteúdos leccionados é importante referir que, naturalmente, os mesmos se encontram fundamentados na organização curricular elaborada pelo grupo da disciplina de História da Escola Secundária Miguel Torga (cfr. Anexo 15) correspondendo cada um dos conteúdos apresentados ao desenvolvimento de uma competência específica, pré-definida igualmente pelo grupo da disciplina. De acordo com a estrutura de trabalho anteriormente enunciada, foi objectivo do estagiário fazer corresponder a planificação das suas aulas ao desenvolvimento destas competências. Assim, para o ponto número 1, temos como competências específicas visadas as seguintes: *relacionar a aceleração dos movimentos independentistas com o direito internacional estabelecido após a Segunda Guerra Mundial e com a luta das superpotências no contexto da Guerra Fria, bem como relacionar a fragilidade da tentativa liberalizadora e de modernização económica do marcelismo com o anacronismo da sua solução para o problema colonial*; relativamente ao ponto 2, surgem-nos as seguintes competências específicas a desenvolver: *perspectivar o sucesso da Revolução de 74 no contexto da evolução interna do país e no quadro internacional, reconhecer a modernização da sociedade portuguesa nas décadas de 60 e 70, nos comportamentos demográficos, na modificação de estrutura da população activa e na relativa aproximação dos portugueses a padrões de comportamento europeus*; relativamente ao conteúdo 3: *compreender o impacto da desagregação do bloco soviético na evolução geopolítica internacional*; no ponto 4: *caracterizar pólos de desenvolvimento económico uniformizados pela economia de mercado e diferenciados pelas áreas culturais de pertença*; no ponto 5: *reconhecer a crise das sociedades do “Terceiro Mundo” e o papel da Guerra Fria e do seu desfecho na persistência de tensões pluriétnicas ou nacionalistas em regiões periféricas*; ponto 6: *analisar elementos definidores do tempo presente – fenómeno da massificação; hegemonia da cultura urbana; triunfo da electrónica; ideologia dos direitos humanos; consciência ecológica, assim como valorizar uma nova cidadania de envolvimento em causas universais de dimensão ética*, que se estendem igualmente para o ponto número 7.

## TRABALHO DE GRUPO SUBORDINADO AO TEMA “A GUERRA COLONIAL”

Após a fase prévia de observação das aulas ministradas pela professora Helena Neto junto das turmas do 12º I e 12ºH, cuja descrição se encontra anteriormente neste relatório, iniciou o estagiário a prática lectiva supervisionada em Fevereiro de 2012 junto da turma 12ºH. Tendo sempre em consideração a necessidade de desenvolver as diversas questões-orientadoras e conceitos específicos da disciplina, estruturais do edifício conceptual da História A no 12º ano e igualmente passíveis de abordagem reflexiva no exame nacional, concluiu-se ser o primeiro conteúdo a abordar junto dos alunos *a questão colonial*, estruturante da compreensão do papel desempenhado por Portugal no contexto global bipolar resultante do pós 2ª Guerra Mundial, assim como da idiossincrasia do país relativamente ao processo descolonizador ocorrido em África desde o início do século XX, integrada na especificidade do modelo ideológico fundado por Salazar no contexto dos regimes autoritários europeus de noventa e dois.

A metodologia a abordar nesta experiência de aprendizagem resultou da intenção de aplicação do modelo de aula-oficina, agora num contexto didáctico e vivencial diferente (por um lado, a disciplina de História, por outro, um público-alvo numa faixa etária compreendida entre os 17 e os 20 anos) mas que perspectivava exactamente o mesmo resultado prático da experiência anteriormente desenvolvida: a modificação positiva das conceptualizações dos discentes de acordo com a prática do construtivismo social, “*sendo o aluno um dos agentes do seu próprio conhecimento (promovendo o professor) actividades em aula, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, cujos produtos resultantes são integrados na avaliação*” (Barca, 2004, p. 133).

Do mesmo modo, considerou-se concorrer o presente modelo para uma abordagem do conhecimento específico do tema tendo como ponto de partida uma situação problemática mais próxima da vivência dos alunos do que eles próprios poderiam considerar, marcadamente presente nas suas histórias familiares e no seu contexto quotidiano. Nesta medida, a presente experiência de aprendizagem teve como um dos seus vectores mais significativos o proporcionar do contacto dos alunos com a comunidade, de certa forma trazendo esta comunidade para dentro da escola, da sala de aula, através da sua participação activa na consecução do trabalho. Assim, pensou-se

corresponder tanto a elaboração teórica do projecto de trabalho como a sua realização prática ao que Barca refere ser a relação dos “*sentidos do passado com as suas (dos alunos) próprias atitudes perante o presente e projecção do futuro (...) entendendo situações humanas e sociais em diferentes tempos e diferentes espaços*” (2004, p. 135).

Foi ainda tida em consideração a fase de trabalho em que se encontrava o desenvolvimento do planeamento para o presente ano lectivo do grupo da disciplina de História: decorria uma exposição subordinada à Guerra do Ultramar na Biblioteca da escola que convidava, simultaneamente, à utilização didáctica da mesma por parte dos alunos (apesar da exposição não se encontrar descrita nas fontes de trabalho sugeridas, os alunos foram informados oralmente de que a mesma poderia – e deveria – ser consultada para esse fim) bem como à utilização das ferramentas de investigação constantes neste espaço: desde os computadores com acesso *Web*, à bibliografia específica da disciplina. Assim, considerou-se que esta experiência de aprendizagem contribuiria para o “*desenvolvimento da agilidade mental e prática dos alunos para elaborar projectos de trabalho e planos para a sua execução*” (Proença, 1989, p. 308) “*seleccionando fontes com critérios de objectividade metodológica, para confirmação ou refutação de hipóteses descritivas e explicativas*” (Barca, 2004, p. 135) incorporando na aprendizagem histórica a fundamental vertente da autonomia na investigação.

Como derradeiro mote para a conceptualização da prática adiante descrita temos a fonte documental seleccionada para abordar este tema: na verdade, o sítio *www.guerracolonial.org* possibilita aos alunos o contacto com fontes históricas de elevada qualidade e ao mesmo tempo, extraordinariamente diversificadas: desde as fontes escritas, orais, visuais ou cinematográficas, passado pelas abordagens historiográficas, matizadas nas suas concepções analíticas, o sítio concorre para “*a materialização de uma compreensão contextualizada do conhecimento, promovendo o entendimento, possibilitando a leitura de fontes históricas diversas*” – com suportes e mensagens diversas – “*o cruzamento das mensagens por estas enunciadas (visando) a expressão da sua interpretação e compreensão*” (*Idem*, p. 135).

Optou-se assim pela realização de um trabalho obedecendo à estrutura do pequeno grupo, subdividindo a turma em 5 conjuntos de 4 elementos (um dos grupos

contou com 5 elementos) sendo deixado ao critério dos alunos a constituição dos mesmos. Tal decisão ficou a dever-se ao contexto deste público-alvo (de uma faixa etária totalmente diferente relativamente à experiência anteriormente desenvolvida no 7º ano) cumprindo a norma enunciada da “*não imposição da vontade do professor na constituição dos grupos, a não ser que tal se revele imprescindível (...) pois é importante que os elementos do grupo se conheçam e gostem de trabalhar em conjunto*” (Proença, 1989, p. 310).

Nunca perdendo de vista o objectivo fundamental de qualquer experiência didáctica a desenvolver junto das turmas do 12º ano (a abordagem por parte de todos os alunos dos conteúdos basilares do programa da disciplina, mormente aqueles estruturais da compreensão histórica e passíveis de reflexão alargada no exame nacional) optou-se por propor a todos os grupos a realização do mesmo trabalho, com os mesmos 5 objectivos pré-definidos. Tal facto possibilitou o contacto de todos os alunos com os conteúdos chave da questão colonial. Apesar de compreender a mais-valia que poderia encerrar a subdivisão parcelar dos conteúdos pelos grupos de trabalho (conduzindo a um *portfolio* de turma mais consistente, a elaborações mais criativas capazes de constituir estudos mais aprofundados de temas específicos) o processo de tomada de decisão desenvolvido pelo estagiário conduziu à conclusão de que, neste contexto específico, essa metodologia resultaria contra-producente e antagónica relativamente aos interesses dos alunos.

Assim, subdividiu-se o trabalho a desenvolver pelos grupos em 5 objectivos que, pela sua amplitude, poderiam conduzir a abordagens variadas na sua resolução. É contudo importante precisar que, prevendo uma certa flexibilização na consecução dos objectivos por parte dos grupos, se privilegiaram para cada um desses objectivos, pontos-chave de desenvolvimento obrigatório, associados aos conceitos base considerados pelo professor indispensáveis na compreensão teórica do tema a trabalhar. De forma simples e a título exemplificativo: seria bastante valorizada a apresentação e o tratamento do depoimento de um mutilado de guerra neste trabalho, contudo tal não implicaria que o grupo não realizasse o tratamento dos dados presentes nos gráficos constantes do sítio relativos aos mobilizados, feridos e mortos, sugerindo hipóteses explicativas para a sua evolução. Ou seja, havendo espaço para o acessório, para a criatividade, pretendeu-se balizar convenientemente os conteúdos a desenvolver.

Nesta medida, cada um dos grupos deveria cumprir os seguintes objectivos:

**1. Objectivo: Contextualizar Portugal na cena internacional.**

*Através da análise dos documentos propostos pretende-se que o grupo reflecta sobre o posicionamento de Portugal no contexto mundial, analisando as suas relações com os EUA, a ONU e as províncias ultramarinas, num contexto global bipolarizado onde decorre acelerado processo de descolonização.*

**2. Objectivo: Caracterizar os teatros das operações nas suas diversas particularidades.**

*Através da análise dos documentos propostos pretende-se que o grupo caracterize os principais teatros de operações (Angola, Moçambique e Guiné) particularizando as características de cada um dos movimentos de libertação (UPA-FNLA, MPLA, UNITA, FRELIMO e PAIGC) acompanhadas de pequenas biografias dos seus líderes, analise e trate os dados relativos aos contingentes militares portugueses envolvidos nas hostilidades (mobilizados, feridos e mortos) bem como problematize o quotidiano das tropas em combate.*

**3. Objectivo: Apresentar os aspectos socioculturais mais relevantes vividos pelos portugueses no período descrito.**

*Através da análise dos documentos propostos pretende-se que o grupo reúna elementos historiográficos que lhe permitam caracterizar o Portugal do período da guerra ultramarina, na perspectiva dos movimentos de apoio à actuação do regime relativamente ao ultramar (ex. Movimento Nacional Feminino) dos movimentos oposicionistas (ex: congressos da oposição democrática) e ainda, o “pulsar” da opinião pública relativamente à guerra, através de manifestações artísticas e culturais.*

**4. Objectivo: Entrevistar uma pessoa que tenha vivido o período histórico estudado.**

*Após a conclusão dos três primeiros objectivos, o grupo deverá seleccionar de entre os seus conhecidos (familiares, amigos, professores etc.) uma pessoa a quem proporá a realização de uma entrevista. A mesma deverá obrigatoriamente versar o período histórico em análise, sendo todavia livre o posicionamento do entrevistado durante a guerra (ex: ex-combatentes por Portugal ou pelos Movimentos de*

*Libertação; adolescentes durante a guerra colonial; portugueses que retornaram à metrópole após o 25 de Abril etc.). A entrevista não tem limite de perguntas e pretende-se que, quando concluída, apresente claramente as recordações do entrevistado sobre a guerra colonial.*

**5. Objectivo: Coligir os materiais obtidos nos pontos anteriores num documento escrito, coerente e cientificamente correcto.**

*Todos os textos e ilustrações resultantes do trabalho elaborado previamente deverão ser coligidos num único documento. É obrigatória a elaboração de uma conclusão final que englobe os conhecimentos obtidos em 1, 2, 3 e 4.*

Relativamente a cada objectivo foram fornecidos antecipadamente pelo professor estagiário os *links* directos para os documentos constantes do sítio *www.guerracolonial.org* que se consideravam de consulta recomendada. Esses *links* podem ser consultados no guião de trabalho fornecido aos alunos (cfr. Anexo 16). Contudo, esses documentos não esgotavam as fontes de pesquisa, na medida em que nesse mesmo guião é igualmente sugerida a consulta da bibliografia relativa a este tema presente na biblioteca da escola. É importante referir que os documentos sugeridos incorporam os mais variados géneros e suportes: desde textos historiográficos, a notícias de imprensa, vídeos, cartazes políticos, obras de arte, etc.

A calendarização do trabalho obedeceu às condicionantes já anteriormente suscitadas pelo autor deste relatório. Tendo sido inicialmente concedidas duas aulas de noventa minutos para a realização do trabalho em contexto de sala de aula, o prazo de entrega inicialmente previsto (e constante do guião de trabalho) foi alargado a pedido dos alunos e atendendo ao bom senso que deverá nortear estas decisões: considerou-se mais profícuo o alargamento do prazo de entrega contra a apresentação de trabalhos melhor elaborados do que o estabelecimento de uma total inflexibilização neste ponto por parte do professor. De resto, e salientando a necessidade de não retirar mais do que duas aulas à realização do trabalho – devido à absoluta necessidade de cumprimento do programa lectivo da turma – a presente experiência de aprendizagem, acredita-se, encontra-se pensada e elaborada de molde a garantir a sua realização autónoma por

parte dos grupos em conjunto ou de forma parcelada, num contexto exterior à sala de aula.

## AVALIAÇÃO

O processo de avaliação da presente experiência de aprendizagem obedeceu a critérios de operacionalização fechados que visavam a obtenção de uma “*descrição precisa da resposta – solução*” (Minder, 1986, p. 75) apresentada pelos grupos de trabalho. Pretendeu-se conduzir o processo avaliativo segundo as normas que presidem à avaliação dos exames nacionais, definindo descritores de desempenho justos e equitativos para todos os grupos, onde simultaneamente se apreende com toda a clareza “*aquilo que os alunos farão*” (*idem*, p.75) no fim do processo. Para cada um dos cinco objectivos constantes do trabalho de grupo foram definidos níveis de desempenho que, conjugados com critérios de desempenho linguístico e de utilização da terminologia específica da disciplina, escalonavam a avaliação do grupo para cada um dos objectivos. Esse escalonamento consistiu na divisão de 100 valores pelos 5 objectivos, correspondendo a cada um a classificação de 20 valores. Esses 20 valores subdividiam-se, por sua vez, em 3 níveis de desempenho (superior, intercalar e inferior) segundo os conteúdos de desenvolvimento obrigatório em cada objectivo, bem como de acordo com os critérios linguísticos e de aplicação de terminologia histórica. No final, a classificação dos grupos de trabalho era traduzida numa escala de 0 a 20, através da aplicação da regra dos três simples (cfr. Anexo 17).

Inicialmente previu-se a elaboração de uma grelha de observação e de avaliação do trabalho individual; contudo, após reflexão conjunta entre o estagiário e a professora orientadora concluiu-se pela dificuldade da sua operacionalização e obstáculo ao processo avaliativo. Tal decisão relacionou-se, primeiramente, com a calendarização do próprio trabalho, implicando que uma parcela significativa do mesmo fosse realizada fora da sala de aula, logo longe da observação docente; por outro, considerou-se que a dispersão dos objectivos 1, 2 e 3 pelos elementos constituintes do grupo assumia um carácter de inevitabilidade face à dimensão do projecto e dos documentos a analisar pelo que se optou por induzir essa responsabilidade nos alunos durante a apresentação do trabalho, reforçando-a durante o período da sua execução, assumindo-se assim, como

pré-existentes, níveis de autonomia e responsabilidade amadurecidos por parte de jovens adultos. Ressalvando a possibilidade de tal prática ter incorrido num erro de percepção, considera o autor do presente relatório que o desenvolvimento da autonomia no que diz respeito à tomada de decisão em grupo, bem como da própria organização do grupo tendente ao desenvolvimento frutífero da investigação histórica, foram aspectos igualmente desenvolvidos durante a fase de execução desta experiência de aprendizagem e reflectidos na avaliação no objectivo 5 de uma forma justa e equilibrada. Desta forma a grelha de avaliação individualizada elaborada não chegou a ter aplicação prática (cfr. Anexo 18).

## BALANÇO FINAL DO TRABALHO DE GRUPO

A avaliação final desta experiência de aprendizagem é indissociável do seu contexto de realização. Em primeiro lugar, tendo sido aplicada numa turma com índices de resultados escolares oscilando entre o medíocre e o médio, as expectativas iniciais quando aos resultados finais não eram as mais elevadas. Tal facto conduziu a uma reflexão cuidada sobre a complexidade que deveria ser emprestada ao mesmo. Dever-se-ia reduzir-se o seu grau de exigência ou mantê-lo? A conclusão a que o estagiário chegou foi de encontro à segunda hipótese, na medida em que se privilegiou o desenvolvimento de competências essenciais à prática da disciplina que, segundo Barca, *“deverão ser comuns – de forma gradual – aos jovens de distintos níveis de escolaridade, aos cidadãos comuns, aos professores de história e aos historiadores e sintetizados em três níveis indissociáveis: a interpretação de fontes, a compreensão contextualizada e a sua comunicação”* (2004, p.134). A reflexão do estagiário pode então resumir-se da seguinte forma: se não se desenvolverem experiências didácticas em História que visem estas três competências no 12º ano em História A quando então se desenvolverão? Não é exactamente esta a última oportunidade que a maioria destes alunos terá de realizar comunicações interpretativas do seu próprio conhecimento histórico ou de reflectir criticamente sobre o mesmo em contexto escolar? Independentemente do trajecto académico ou profissional que desenvolverem, não serão estas competências úteis em contextos multidisciplinares e verdadeiramente definidoras do que é a literacia histórica? No entender do autor estas perguntas têm respostas

afirmativas e é por isso que, salvaguardando um enfoque claro nos conteúdos fundamentais definidos pelo programa da disciplina relativamente à guerra colonial, se empreendeu esta tentativa de reforço do conhecimento tanto pela sua construção individualizada como colectiva. Assume-se que a obtenção de bons resultados neste trabalho não era fácil, que os seus objectivos eram complexos e trabalhosos. Contudo, a acção implícita, a prática da investigação só por si, constituiu um desiderato cujo valor ultrapassa uma mera classificação de 0 a 20.

Posto isto, e apesar disto, efectivamente se definiram objectivos de aprendizagem acoplados a uma avaliação, cujo peso de 10% no final do período não pode ser considerado despiciendo na avaliação sumativa dos discentes. Dos 5 grupos que realizaram este trabalho, 3 conseguiram obter positiva e dois não conseguiram atingir a classificação mínima de 10 valores. Deve no entanto ser ressaltado o facto do insucesso estar associado ao não cumprimento de um dos objectivos do trabalho que, a ser realizado, provavelmente teria subido as avaliações de 8 valores em 10. Curiosamente (e aqui o estagiário deve confessar a sua surpresa) ambos os grupos que tiveram negativa não realizaram a entrevista obrigatória. Por outro lado, os restantes grupos tiveram as suas classificações mais elevadas exactamente na realização deste objectivo, tendo-se, nestes casos, produzido verdadeiros documentos históricos, de validade inquestionável (cfr. Anexo 19).

Consideram-se aspectos a melhorar em futuras aplicações de experiências de aprendizagem semelhantes os seguintes: redução do número de documentos sugeridos para a concretização dos objectivos de trabalho: constatou-se ser mais efectiva a apresentação de 3 ou 4 documentos por grupo – qualitativamente diversos – do que a apresentação de uma panóplia que, em alguns casos, atingiu os 10; dever-se-á garantir previamente a realização de uma aula que elucide os alunos relativamente a alguns aspectos técnicos da apresentação de trabalhos escolares: a elaboração de citações, de referências bibliográficas, do índice, da introdução e da conclusão foram alguns dos elementos onde se detectaram grandes insuficiências; considera-se igualmente que um trabalho desta natureza resultará melhor quando o estagiário estiver integrado numa escola, acompanhando as turmas ao longo de todo o ano lectivo, facilitando-se assim o planeamento temporal da actividade; por último, considerando-se a realização de entrevistas enquanto mais-valias efectivas, terão de ser encontradas soluções que

garantam a sua realização por parte de todos os grupos, na medida em que se considera serem uma das parcelas do trabalho associado à reflexão sobre a contemporaneidade que assume mais significado na aprendizagem dos alunos. Considera-se igualmente que essas medidas apenas poderão ser estudadas directamente em contacto com o contexto da turma.

#### TEMA: 25 DE ABRIL

O segundo conteúdo programático desenvolvido pelo estagiário no contexto da disciplina de História na Escola Secundária Miguel Torga foi a revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal. Perseguindo o fito inicialmente delineado de consumação de métodos operativos activos na elaboração do seu planeamento didáctico, encontrou-se neste conteúdo programático a oportunidade ideal para consumir a sua leccionação através de dois modelos de aula distintos mas que se integravam e, acima de tudo, se completavam mutuamente: uma aula de 90 minutos aplicando a metodologia oficial e uma visita de estudo de consolidação.

Tratando-se de uma unidade temática estruturante, inúmeras vezes abordada em contexto de exame nacional mas, sobretudo, definidora da compreensão da história portuguesa na sua mais recente contemporaneidade e, nesta medida considerada fundamental pelo autor na definição da literacia histórica dos alunos, e ao mesmo tempo de abrangência multidisciplinar ao entrecruzar os âmbitos político, social e económico do país considerou-se merecedora de uma atenção particular no contexto de aprendizagem. Assim, partindo da definição conceptual elaborada pelo grupo da disciplina da escola – ancorada nos conteúdos programáticos oficiais – este capítulo ir-se-á descrever o decorrer da prática didáctica relativa aos seguintes conteúdos:

*Da Revolução à estabilização da democracia; O Movimento das Forças Armadas e a eclosão da Revolução; Desmantelamento das estruturas de suporte do Estado Novo; tensões político-ideológicas na sociedade e no interior do movimento revolucionário.*

## AULA EM CONTEXTO DE SALA.

A estrutura desta aula poderá resumir-se em três momentos fundamentais: o primeiro correspondendo ao levantamento das ideias prévias dos alunos relativamente ao período em causa; o segundo, integrando o modelo de aula dialogada enquanto forma de desenvolvimento dos conteúdos; e, finalmente, um terceiro momento consagrado à avaliação suportado por uma ficha de trabalho de realização individual. No fundo pretendeu aferir-se a viabilidade de execução destes três momentos diferenciados em contextos temporais de 90 minutos, *“integrando as tarefas em situações diversificadas não esquecendo a potencialidade de os alunos trabalharem (...) oralmente e por escrito”* (Barca, 2004, p. 137) (cfr. Anexo 20).

Como se poderá constatar pela visualização do documento de suporte didáctico elaborado em *PowerPoint* (cfr. Anexo 21), as ideias iniciais ou tácitas dos alunos foram aferidas através da análise de conteúdos visuais da época em questão, do seu debate e do seu contraponto com documentos equivalentes mas do momento presente em Portugal. Partindo-se de uma pergunta orientadora relativamente ao Portugal pré e pós Abril, “O que mudou?”, os alunos eram convidados a descobrir por si próprios as respostas através da visualização desses mesmos documentos. O objectivo do professor era perceber se os alunos tinham presente noções como: liberdade de expressão e de imprensa (contraponto entre textos visados pela censura e a capa do Diário de Notícias visando o actual Presidente da República); a diferença entre o sistema unipartidarista promovido pelo Estado Novo e o multipartidarista assegurado pela terceira república (cartaz de propaganda da União Nacional – não se crê necessário no presente relatório ressalvar o formalismo meramente teórico da livre oposição durante o Estado Novo – face ao boletim de voto das últimas legislativas em Portugal – de sublinhar o interessante contributo que este único diapositivo deu para um curto mas profícuo debate sobre o exercício da cidadania por parte daqueles jovens adultos e da necessidade imperiosa do voto); estado policial praticando a restrição das liberdades individuais versus período revolucionário de transição democrática (ficha de um preso político da PIDE/DGS face a um mural pós-Abril); ideologia imperial, guerra colonial e processo de descolonização (fotografias com cenas da guerra colonial face a uma fotografia onde se visualizam os haveres dos retornados no cais de Belém).

Seguidamente, e mantendo a estratégia de recurso exclusivo a imagens da época (agora suportadas por pequenas anotações textuais) problematizaram-se as causas imediatas da revolução: a publicação do livro “Portugal e o Futuro” do General Spínola, a reunião do 14 de Março e o golpe das Caldas. O decorrer dos trabalhos prosseguiu com a descrição evolutiva do dia da revolução, abordando-se os seus objectivos militares prioritários, as senhas revolucionárias, os momentos nevrálgicos do 25 de Abril (o cerco ao quartel do Carmo) e a reacção dos populares e do regime, através do debate sobre algumas fotografias do dia e sobre a caricatura de Cid, onde um oficial propõe ao Presidente do Conselho, cercado no Carmo, tentar a rendição ou uma nova “Conversa em Família”. Não se tendo conseguido eliminar por vezes o tom coloquial desta fase da aula, o mesmo esbateu-se bastante com a participação activa dos alunos na análise e discussão das imagens projectadas, bem como do pequeno filme da época visualizado sobre o cerco ao quartel do Carmo. Por fim, o último diapositivo assumiu um papel abertamente teórico, na medida em que se considerou fundamental apresentar a sistematização das medidas iniciais tomadas pela Junta de Salvação Nacional, num momento da aula onde restava pouco tempo e se assumia como uma necessidade a elaboração da ficha de trabalho.

A ficha de trabalho aplicada teve como fito único a consolidação de conhecimentos através da conjugação dos elementos visuais analisados durante a aula com a introdução de documentos escritos, historiográficos e oficiais. A primeira parte, partindo de um documento historiográfico, visava não só trabalhar a competência de análise textual dos alunos (pergunta A) mas igualmente a competência de relação entre factos históricos, remetendo para o conteúdo do trabalho de grupo recentemente realizado (porque queria o MFA recuperar o prestígio do exército?); o segundo grupo pretendia reforçar a competência de análise comparativa, e conduzir os alunos à expressão das suas próprias interpretações (identificar e interpretar a contradição entre o documento escrito e visual); finalmente, o terceiro grupo incidia sobre a capacidade de sistematização dos alunos das medidas tomadas pela Junta de Salvação Nacional, resumindo, no fundo, o fito de todas as movimentações revolucionárias e das aspirações populares. O estagiário concluiu ser a ficha de consolidação demasiado extensa para ser elaborada nos 15-20 minutos finais da aula, pelo que estendeu o prazo da sua realização como trabalho de casa (cfr. Anexo 22). É importante referir que nem todos os alunos a

devolveram respondida ao professor, o que, no entender deste, impõe a seguinte reflexão: provavelmente será mais produtiva, no futuro, a apresentação de fichas de consolidação menos extensas ou, em contrapartida, elaboradas num tempo mais alargado, impossibilitando a sua resolução em casa onde muitas vezes são esquecidas. A avaliação efectuada foi meramente qualitativa, tendo todos os alunos que efectivamente entregaram a ficha obtido classificações entre o Suficiente e o Bom.

### VISITA DE ESTUDO

A opção pela realização da visita de estudo adiante descrita teve como principal objectivo contribuir para motivar os alunos para a aprendizagem. Contudo, pretendeu-se simultaneamente garantir que esta saída de campo não correria nunca o risco de ser considerada pelos alunos como uma folga do trabalho escolar ou uma excursão de convívio, mas antes uma oportunidade de conferir significado à aprendizagem, integrando a componente de análise historiográfica num contexto diferenciado da sala de aula, proporcionando um contacto directo dos alunos com os “palcos” do 25 de Abril. Segundo Ausubel o ensino pela descoberta deverá ser *“guiado pelo professor, adoptando uma estratégia em que vai organizando o ensino/aprendizagem sem deixar que o mesmo decorra completamente ao sabor dos interesses e impulsos dos alunos”* (Proença, 1989, p. 108) pelo que esta nova experiência de aprendizagem obedeceu a um planeamento cuidado, a uma estrita organização e cumprimento de procedimentos, através dos quais o professor *“fornece informações, indica factos, abre pistas que facilitem a compreensão e a retenção de conhecimentos”* (idem, p. 108) associado à perspectiva de que o ensino deverá partir de *“conjuntos significativos”* (a abordagem do presente conteúdo na aula de 90 minutos descrita anteriormente) *“e descer gradualmente aos pormenores que devem ser devidamente relacionados com o conjunto”* (no decorrer da presente visita de estudo) (Ibidem, p. 109).

Por outro lado, toda a preparação conducente a esta actividade, não entroncando naquelas que são as competências científicas do professor, acabou por desenvolver no estagiário um aprendizado de grande utilidade na estruturação logística de uma visita de estudo. Na realidade, e como anteriormente exposto, o papel do professor está, presentemente, longe de se esgotar no mero domínio científico das matérias sobre que

incidem as suas aulas, necessitando de revelar desembaraço e assertividade nos domínios social e psicológico mas igualmente nos domínios administrativo e burocrático. A organização de uma visita de estudo implica a aplicação dessas valências.

No caso concreto em apreço, começou por definir-se o dia da visita. Na medida em que tal decisão implica conjugar uma série de vontades, o papel da professora Helena Neto foi neste domínio inestimável, não só ao estabelecer as pontes de comunicação com os professores cujos horários coincidiam com o da visita de estudo, mas igualmente com os alunos, que, de forma pouco motivante para o professor, não se encontravam disponíveis para estender o seu horário habitual na escola em prole de uma actividade desta natureza e manifestaram sobretudo preocupação com o local de realização do almoço. O estagiário tentou encarar mais este desafio com a normalidade indispensável, com a lucidez possível, mesmo após algumas alunas terem decidido faltar à visita de estudo para fazerem a mala para uma viagem de finalistas que se iria realizar quase uma semana depois. Crê-se contar com a compreensão de todos ao utilizar-se esta liberdade de linguagem: são *ossos do ofício*.

Assim, decidiu-se realizar a visita de estudo no dia 23 de Março, com partida da Escola pelas 9h10, deslocação até Lisboa de comboio e regresso à escola pelas 14h30. Atendendo às dificuldades financeiras que todos atravessam, o estagiário assegurou junto da CP a redução no preço do bilhete prevista no regulamento de bilhetes para grupos escolares, tendo aconselhado igualmente aos alunos que levassem o seu próprio almoço. Não surpreenderá ninguém afirmar que nenhum dos alunos seguiu a sugestão apresentada.

Toda a visita foi planeada tendo como objectivo o envolvimento integral e permanente dos alunos na contextualização temática a explorar. Desta forma, a elaboração do guião de trabalho architectou-se de acordo com o itinerário a seguir, acompanhado de textos contextualizadores elaborados pelo docente, de fotografias do dia 25 de Abril de 1974, de *cartoons* políticos da época em apreço mas, sobretudo, dos comunicados do MFA. Tentou-se, na medida do possível, fazer reviver os acontecimentos numa perspectiva cronológica, apesar de tal nem sempre ter sido possível por imposições geográficas e horárias. De forma a tornar a aprendizagem mais

significativa foi agendada pelo estagiário uma visita guiada ao interior do Quartel do Carmo, graciosamente conduzida pelo Tenente - Coronel *Prazeres*. Como se pode observar pela leitura do guião de trabalho, a cada paragem do itinerário correspondeu a leitura de um texto e a visualização de fotografias e *cartoons* alusivos ao dia (cfr. Anexo 23).

Paragens e momentos de análise documental:

1.Comboio: leitura de contextualização acerca do momento de início das operações militares (canções-senha, tomada de posição no Comando Militar da Pontinha, saída da escola prática de cavalaria de Santarém).

2.Rossio: Leitura do 1º comunicado do MFA e observação *in situ* dos locais representados nas fotografias no dia 25 de Abril de 1974. – o guião ressalva o encontro entre o regimento de cavalaria 7 e as tropas de Salgueiro Maia no Terreiro do Paço, local que, por questões horárias, apenas foi visitado no final do trajecto.

3.Rossio – Chiado: leitura do comunicado das 11h45 do MFA / identificação dos locais presentes nas fotografias.

4.Quartel do Carmo: visita guiada ao interior do quartel do Carmo conduzida pelo Tenente Coronel Prazeres / Leitura da descrição do cerco por Salgueiro Maia e do comunicado das 18h20 que anuncia a rendição da GNR.

5.Rua António Maria Cardoso – antiga sede da PIDE/DGS: leitura de excertos da obra *PIDE: a história da repressão* e de uma notícia do jornal *NEW YORK TIMES* onde se descreve a arbitrariedade das prisões políticas.

6.Terreiro do Paço: identificação dos locais presentes nas fotografias / análise dos *cartoons* referentes ao dia e às suas consequências.

## AValiação

Consideraram-se diversas possibilidades ao nível da avaliação da presente experiência de aprendizagem; inicialmente pensou-se na construção e distribuição de um questionário pelos alunos com o fito de aquilatar as impressões dos discentes

relativamente à visita de estudo. No entanto, sendo certo que tal documento forneceria uma noção útil da correspondência entre o decorrer da visita e as expectativas iniciais dos alunos considerou-se, em última análise, que a um documento desse género faltaria sempre a componente que mais interesse o professor teria em avaliar, ou seja, a componente didáctica. Assim, e porque a sensibilidade do estagiário conduziu à conclusão de que seria contra-producente, no final de uma actividade exigente do ponto de vista físico e cognitivo, “bombardear” os alunos com documentos de avaliação variados (no caso de questionários, quantas vezes preenchidos sem grande reflexão, com o acelerar do tempo como único critério de preenchimento) decidiu-se por uma abordagem distinta. Após a leitura dos últimos documentos, por baixo do arco da Rua Augusta, os alunos foram confrontados com a sugestão de realização de um relatório final, a ser entregue posteriormente em contexto de sala de aula, onde, para além da reflexão crítica sobre as motivações e implicações da Revolução de Abril, deveriam igualmente avaliar qualitativamente a presente actividade.

#### BALANÇO FINAL

A presente experiência didáctica correspondeu plenamente aos seus objectivos iniciais: considera-se amplamente conseguido o aprofundamento temático dos conteúdos associados ao contexto revolucionário, patente nos relatórios elaborados pelos alunos, mas, sobretudo no interesse por estes demonstrado no decorrer da visita de estudo. Igualmente relevante revelou-se a promoção nos alunos, nomeadamente daqueles que, sendo estrangeiros, possuem um conhecimento reduzido da realidade histórica, social e patrimonial portuguesa, de um contacto directo com o centro fundamental de todas as conjunturas históricas nacionais: a baixa pombalina. Na verdade, a realização desta visita de estudo permitiu entrecruzar momentos históricos bastante díspares. Desde a ocupação islâmica do território nacional (no varandim do Quartel do Carmo podemos observar a tipologia urbana de carácter islâmico, visível na Mouraria e em Alfama) à fundação da nacionalidade (observação do Castelo de São Jorge) passando pela conjuntura revolucionária de 1383-85 (desenhando pontes com outros contextos revolucionários contemporâneos, e associando o Convento ao Condestável) e pela evolução da cidade medieval para a cidade iluminista de Pombal

(visualização das artérias ortogonais, dos prédios sistematizados) ou mesmo a evocação do determinismo geográfico subjacente à vocação marítima portuguesa, fundadora de um império cujo estertor é decretado no 25 de Abril. Inclusivamente os novos contextos culturais reflexo do romantismo oitocentista foram abordados (o Teatro Nacional D. Maria II, a estação neo-manuelina do Rossio) na sua importância transformadora da sociedade portuguesa e da cidade. Todas estas reflexões foram salientadas nesta visita de estudo, todas estas noções foram reflectidas numa significação efectiva da aprendizagem, conducente à literacia histórica dos alunos, à percepção dos processos de continuidade e de ruptura nos espaços onde a história decorre, e igualmente contribuindo para o seu posicionamento individual e identitário enquanto cidadãos membros de uma comunidade secular que urge conhecer.

#### AULAS nº 7, 8, 9 e 10

As restantes quatro aulas de 90 minutos leccionadas obedeceram a um modelo mais clássico no que ao planeamento de experiências didácticas diz respeito. Na verdade, após o desenvolvimento das duas experiências anteriores, implicando trabalho de investigação individualizado e em grupo, aula dialogada com resolução de ficha de consolidação e visita de estudo, o estagiário pretendeu aproveitar o tempo lectivo ainda ao seu dispor para concretizar, também na disciplina de História, uma sequência lectiva que, ancorada no modelo de aula oficina, constituísse um registo modelar de mais corrente operacionalização no contexto de um ano lectivo completo e que, simultaneamente, sistematizasse um tipo de trabalho a desenvolver com os alunos onde as experiências avaliativas se aproximassem bastante dos modelos do exame nacional. Nesta medida, surge o manual da disciplina como precioso auxiliar didáctico. A decisão pelo seu uso respeitou dois critérios fundamentais: em primeiro lugar, o reconhecimento por parte do professor da qualidade dos documentos nele apresentados, a variedade de fontes, bem como a pertinência da generalidade das questões nele formuladas; por outro, a asserção de que o manual é, efectivamente, o material de trabalho mais disponível para os alunos, de maior proximidade e a base de estudo ao dispor dos mesmos para o exame nacional, logo, o seu conhecimento e a sua operacionalização (obviamente já convenientemente explorados pela professora Helena Neto) deverá ser

promovido. Contudo, deve claramente referir-se que, para as aulas adiante descritas, sempre que se considerou como insuficientes os materiais de trabalho disponibilizados pelo manual, foram acrescentados outros, da autoria do professor.

Assim, a sétima aula leccionada, consagrada ao tema genérico *O Fim do Modelo Soviético*, ancorou-se no manual de História A enquanto fornecedor dos documentos históricos de trabalho. Importa referir que a presente aula decorreu junto da turma do 12ºI a qual, para além de bastante menos numerosa (14 alunos) é igualmente uma turma constituída por alguns dos melhores alunos da disciplina dentro da área das humanidades desta escola, formando um todo que, para além de naturalmente participativo, é igualmente potenciador de diálogos muito pertinentes entre o professor e os alunos dentro dos contextos temáticos a desenvolver, mas por vezes extrapolando mesmo esses conceitos. A conclusão tirada pelo autor ao trabalhar com uma turma com esta idiossincrasia é a de que, sendo muito motivador para um professor contar com alunos tão interessados e participativos, é igualmente fundamental controlar o tempo da aula de forma a garantir a realização do planeamento idealizado e a leccionação dos conteúdos. Assim, partindo da exploração das ideias prévias dos alunos relativamente ao colapso deste modelo político-ideológico, através de uma prática lectiva dialogada, visou-se potenciar a construção do conhecimento através da análise dos documentos de trabalho sugeridos pelo manual e constantes da planificação (cfr. Anexo 24). No final da aula, optou-se pela visualização de uma reportagem televisiva da época relativa à queda do muro de Berlim, efectuando-se um debate final sobre o mesmo com vista à consolidação dos conceitos fundamentais deste tema: *Perestroika e Glasnost; Tratado de Washington; O Solidarnosc polaco; Queda do muro de Berlim e reunificação alemã; Desintegração da URSS*.

A aula seguinte voltou a decorrer junto da turma do 12º H. Tendo em consideração a temática em questão (*O espaço económico da Ásia-Pacífico / A questão de Timor*) e atendendo à sua complexidade, pretendeu-se elaborar um documento de trabalho que enformasse e sistematizasse os conteúdos debatidos, constituindo um resumo operativo para os alunos, visando não só promover a construção do seu próprio conhecimento mas, ao mesmo tempo, fornecer um elemento de estudo bastante simplificado sobre este tema. Assim, partindo da exploração das ideias tácitas dos alunos relativamente ao desenvolvimento económico do espaço asiático (utilizando o

exemplo japonês anteriormente estudado no decorrer do 2º período) partiu-se para a reflexão sobre a geografia, os tempos e os motores do desenvolvimento económico da Ásia-pacífico, centrada nos 4 dragões e na ASEAN. A base documental utilizada foi, novamente fornecida pelo manual. A decomposição das conclusões obtidas da sua observação conduziu ao preenchimento de um esquema conceptual, inicialmente em branco, passado no quadro pelo estagiário no início da aula (cfr. Anexo 25). Tratou-se de uma metodologia com resultados bastante positivos no decorrer da aula, na medida em que acrescentou desafio à mera análise dialogada das fontes históricas, mostrando-se os alunos bastante empenhados no preenchimento do esquema. Todavia, os bons resultados obtidos com esta experiência didáctica tiveram o senão de prolongar bastante o tempo inicialmente previsto para a realização do mesmo, pelo que a abordagem da questão timorense teve que ser leccionada posteriormente pela professora orientadora no decorrer das suas aulas. Desta forma, a actividade de debate sobre o vídeo do massacre do cemitério de Santa Cruz em Díli teve que ficar sem efeito.

A aula seguinte, consagrada aos *Conflitos do Médio Oriente e da Bósnia*, decorreu segundo o modelo já experimentado na aula sobre o *Fim do Modelo Soviético*: aula dialogada suportada por análise de fontes escritas e iconográficas, resolução de exercícios propostos no manual e visualização e debate sobre conteúdos iconográficos observados no final da aula (conflitos no muro da *Cisjordânia* e massacre de *Srebrenica*). Tendo decorrido de novo junto do 12ºI, este modelo de aula revelou-se bastante potenciador da participação dos alunos e da sua aprendizagem, tendo-se o estagiário congratulado por assistir, paulatinamente, a uma participação cada vez mais activa na aula – tanto do ponto de vista da oralidade como dos exercícios escritos – por parte dos alunos habitualmente menos participativos da turma, nomeadamente uma aluna guineense recentemente chegada a Portugal e com grandes limitações ao nível do domínio do português europeu. Tal facto foi igualmente assinalado pela professora orientadora o que, volta a referir-se, muito motivou o estagiário.

A 9ª aula ministrada pelo autor na disciplina de História na Escola Secundária Miguel Torga, sendo consagrada a um tema ao mesmo tempo de grande actualidade mas igualmente passível de dimensionar as diversas conjunturas temáticas abordadas recentemente em contexto de sala de aula (nomeadamente os reflexos da queda do bloco de leste e os nacionalismos balcânicos e do médio oriente) – *O debate do Estado-Nação*

– concorria para um planeamento um pouco mais audaz no que concerne a metodologia oficial. Na verdade, visando a condução das experiências de aprendizagem para o patamar adequado a este público, logo construtor de um conhecimento capaz de guiar o aluno a *“levantar novas questões e hipóteses a investigar (...) exprimindo a sua interpretação e compreensão das (diversas) experiências humanas (...) integrando as tarefas de aprendizagem em situações diversificadas”* (Barca, 2002 p.135) concluiu o autor prestarem-se as características específicas tanto dos conteúdos a abordar como da turma onde a aula iria decorrer (12ºI) à elaboração de um debate. Assim, e após a contextualização inicial, dialogada, sobre as características essenciais de um estado-nação, a resenha histórica do seu augúrio durante o liberalismo e as suas ameaças e contradições no tempo presente (terrorismo, genocídio, recrudescimento dos nacionalismos, o drama dos refugiados, entre outros) os alunos foram convidados a participar activamente num debate cujo principal objectivo era reflectir sobre a importância do contexto de estado-nação na actualidade, o papel por este desempenhado na organização política mundial, as causas da sua crise bem como as possíveis alternativas existentes no quadro da globalização. Considerou-se a possibilidade de definir previamente uma distribuição equitativa dos membros da turma em dois núcleos (prós e contra a opinião de que o estado-nação é um conceito organizativo a caminho de se tornar obsoleto) no entanto, considerando que *“interpretar o passado não significa apenas compreender uma versão acabada da história que é reproduzida no manual ou pelo professor (mas sim) a interpretação do contraditório, isto é, da convergência e divergência de mensagens (rumo) ao conhecimento histórico genuíno”* (idem, p. 139) optou-se por lançar a questão e deixar os alunos formularem livremente a sua opinião, tendo-se naturalmente (e como previsto inicialmente) formado pequenos grupos defensores de uma e de outra tendência, ao mesmo tempo que se percepcionavam alunos indefinidos no seu posicionamento relativamente a esta matéria.

Esta experiência revelou-se mais fácil de gerir do que era a expectativa inicial do professor. Na verdade, aguardava-se a existência de alguma conflitualidade, possivelmente de alguma “desordem” no decorrer dos trabalhos, estando o professor muito alerta para desempenhar um papel moderador significativo. Contudo, apesar da existência de posicionamentos um pouco extremados (característicos da sensibilidade adolescente e dos jovens adultos) de ferimentos infligidos em algumas sensibilidades

(sempre latentes em contextos multiculturais) considera-se que os próprios alunos foram capazes de recorrer à extrapolação constante da taxonomia de Bloom, “*estendendo as correntes e tendências (conceptuais) para lá dos dados apresentados*” (Minder, 1986, p. 57) no decorrer da aula, simultaneamente revelando maturidade ao nível da discussão, discordando mas aceitando as diversas “*Weltanschauung*” (visões do mundo) nas suas “*concepções universais e filosofias de vida*” (Idem, p. 64), ao encontro do quadro afectivo definido por Krathwohl, agindo simultaneamente segundo as suas opções (ideológicas, vivenciais etc) de encontro à concepção do “*estado psicologicamente adulto*” conceptualizado por G. de Landsheere (Ibidem, p.65 ). O balanço final desta experiência de aprendizagem é, assim, profundamente positivo, salientando-se o grau de autonomia demonstrado pelos alunos, mérito e apanágio deles próprios, naturalmente, do hábito de livre discussão incutido nas aulas da professora Helena Neto, mas que se considera ter tido um impulso efectivo nas aulas ministradas pelo estagiário e particularmente na corrente, ao assumir uma postura como emissor

*“interessada, democrática, evocando, através do diálogo, experiencias anteriores ou outras motivações que captem a atenção, permutando ideias e opiniões com os alunos e, como receptor, dando aos alunos oportunidade para formular perguntas, recebendo e aceitando diferentes pontos de vista, aproveitando as questões da turma para construir o saber”* (Proença, 1989, p. 285).

A última aula leccionada foi, curiosamente, a única no decorrer de todo o estágio em que este teve oportunidade de ser observado por um dos seus orientadores da faculdade, no caso a Professora Raquel Pereira Henriques. Afigura-se imperioso salientar a importância que essa observação tem, na medida em que é de todo conveniente conjugar as opiniões e aferições das professoras titulares com a dos orientadores da faculdade, que naturalmente suscitam à reflexão sobre toda a experiência didáctica novos pontos de vista, novas abordagens, conducentes a uma melhoria na prática lectiva dos estagiários. Sabendo que a formulação do estágio dificulta bastante a conjugação de tantos horários distintos, considera-se contudo um aspecto a melhorar que não poderia deixar de ser enunciado no presente relatório.

A aula em questão subordinou-se ao seguinte conteúdo didáctico: *O Mundo Lusófono*. Passando os objectivos específicos do tratamento deste tema pelas relações

de Portugal com o mundo lusófono mas também com a América Latina, pretendeu-se aproveitar o contexto multicultural da turma em questão (mais uma vez o 12ºI, onde para além de alunos lusos, temos angolanos, guineenses e descendentes de membros de outras ex-províncias ultramarinas) para enriquecer a experiência de aprendizagem. Tal desiderato alicerçou-se mais uma vez numa metodologia interactiva, com recurso ao debate, ao diálogo orientado e à análise de documentos diversos. O professor optou por recorrer de novo ao manual da disciplina, conjugando a abordagem de alguns dos documentos nele constantes com outros materiais por ele construídos previamente e organizados segundo o modelo de ficha de trabalho (cfr. Anexo 26). O autor não pode deixar de confessar que pretendeu apresentar à professora orientadora da faculdade a metodologia que tende a considerar tipo do seu processo de trabalho, organizando uma aula dialogada que, partindo das ideias e (neste caso) sensibilidades prévias dos alunos, parte para a construção do conhecimento com recurso a suportes historiográficos variados. Assim, no decorrer da aula, previu-se o uso e análise de planisférios, historiografia, notícias de imprensa e de documentos audiovisuais. As perguntas a que os alunos eram convidados a responder na ficha de trabalho aproximavam-se, na sua formulação, do registo utilizado nos exames nacionais.

A aula voltou a decorrer de forma serena e proffícua, tendo sido atingidas as metas de aprendizagem a que o professor se propôs na sua planificação (cfr. Anexo 27). Contudo, e pela primeira vez no decorrer de todo o estágio, o autor do presente relatório não contou com a colaboração dos meios electrónicos ao dispor, na medida em que a ligação à internet falhou durante toda a aula, logo comprometendo a visualização da entrevista ao secretário-geral da CPLP inicialmente prevista. Crê-se contudo que tal evento, não obstante conduzir a aula para um certo monolitismo documental assente em fontes escritas, acabou por ter sido contornado pelo estagiário de forma positiva, socorrendo-se o mesmo do seu conhecimento dos conteúdos do manual para lançar actividades de trabalho alternativas.

## CONCLUSÃO

### Capítulo autónomo do relatório de estágio

O balanço final da prática analisada no presente relatório é extremamente positivo. Ao estagiário foi conferida a oportunidade de experimentar um contacto efectivo com a realidade escolar, de problematizar (tantas vezes através do método tentativa-erro) o seu posicionamento enquanto docente, as suas sensibilidades didácticas e pedagógicas junto de um universo de alunos diversificado, aos quais fica claramente a dever a aprendizagem mais significativa de todo o percurso realizado durante este mestrado. É essa, na verdade, a principal conclusão que o autor tira deste estágio: a actividade docente é um processo permanentemente inacabado, permanentemente desafiador onde, trabalhando em prol dos alunos, o professor falha tantas vezes quantas acerta na definição das metodologias mais correctas de transmissão do conhecimento mas igualmente dos valores e da promoção da autonomia. O domínio científico é apenas uma base na qual se estabelece um edifício complexo, sujeito às vicissitudes mais variadas, cujos alicerces não poderão nunca deixar de ser a preocupação constante com a evolução humana e científica dos nossos alunos: somos uma parcela influenciadora do seu desenvolvimento numa fase extraordinariamente sensível do seu percurso de formação, daí a extrema responsabilidade que nos cabe e simultaneamente nos convoca a contribuir para o futuro da sociedade no geral. Daí o papel do professor não poder nunca ser alvo de negligência num contexto civilizacional que se pretende avançado e progressista; daí ser urgente a sua defesa: não, obviamente, numa perspectiva de interesse corporativo, de classe ou de grupo, mas de encontro àquilo de que de mais humanista se compõe o ofício: a orientação de jovens rumo à procura do saber, a estimulação de uma vivência cidadã e culta tantas vezes sacrificada na sociedade actual perante objectivos meramente produtivos. Saber quem somos, onde estamos ou o que herdámos são valências geográficas e históricas insubstituíveis numa sociedade desenvolvida, pontos de orientação que, mais do que assegurar balanços económico-financeiros, asseguram a permanência de uma cultura por mais de dois mil anos construída. É essa a responsabilidade de um professor de História e é essa a

responsabilidade de um professor de Geografia. Perceber isto (bem como transmiti-lo) é, no entender do autor, distinguir o simples estar na profissão docente do encarar a prática como uma missão. Este estágio assegurou ser a última a postura deste futuro docente.

## BIBLIOGRAFIA

ALEGRIA, M. Fernanda (2001). *Alguns problemas para a concepção de programas de Didácticas no início do século XXI*. Comunicação apresentada ao IV Congresso de didácticas e metodologias, Évora:

BARCA, Isabel (org.) (2004). *Para uma Educação Histórica de Qualidade, Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho.

BARCA, Isabel (org.) (2003). *Educação Histórica e Museus*. Braga: CIED, Universidade do Minho.

BARCA, Isabel (org.) (1998). *O ensino da História - problemas de didáctica e do saber histórico*. Actas do Congresso, APH - Associação de Professores de História.

CACHINHO, H. (2004). *Criar Asas: do Sentido da Geografia Escolar na Pós-Modernidade. V Congresso da Geografia Portuguesa*. Guimarães: Universidade do Minho.

CACHINHO, Herculano (2002). *Geografia escolar: orientação teórica e praxis didáctica*. in Rev. Inforgeo nº 15. Lisboa: Associação Portuguesa de Geógrafos/Ed.

CÂMARA, et alii (2009). *Geografia. Orientações Curriculares 3º Ciclo*. Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.

CASTRO, Adriano Sampaio et alii (2007). *Guia de Campo. As árvores e os arbustos de Portugal continental*. Lisboa: Público, Comunicação Social, S.A.

COLTHAM; Jeanette B et FINES, John (1982). *Objectivos Educacionais para o Estudo da História: APH*.

COUTO, Célia et alii (2010). *O Tempo da História – História A – 12º ano – 3ª Parte*: Porto Editora.

DOMINGOS, Ana & NEVES, Isabel & GALHARDO, Luísa (1987). *Uma forma de estruturar o ensino e a aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte - Biblioteca do Educador-Colibri.

DOMINGOS, Cristina & LEMOS, Jorge & CANAVILHAS, Telma (2011). *A Terra: estudos e representações – Tema 1 – Geografia 7ºAno*. Plátano Editora

MARQUES, Ramiro (1983). *Mudar a Escola. Novas práticas de Ensino*. Livros Horizonte.

MINDER, Michel (1986). *Didáctica Funcional*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada.

PROENÇA, Maria Cândida (1989). *Didáctica da História, Textos complementares*. Lisboa: Universidade Aberta.

SÁ, Luiza Lopes Zenha Reis (2001). *Pedagogia diferenciada. Uma forma de aprender a aprender*. Asa Editores.

SANTANA Filho, Manuel Martins (2006). *A Educação Geográfica na Escola: elementos para exercício desafiante da cidadania*; Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, L. & FERREIRA, C. (2002). *O Cidadão Geograficamente Competente: Competências da Geografia no Ensino Básico. Inforgeo – Educação Geográfica, 15*. Lisboa: Edições Colibri e Associação Portuguesa de Geógrafos.

SCHOUMAKKER, Bernadette Mérenne; *Didáctica da Geografia; Edições Asa*.

## WEBGRAFIA

Junta de Freguesia de Monte Abraão - <http://www.jf-monteabrao.pt/>

Instituto Nacional de Estatística –  
[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0005890&contexto=pi&selTab=tab0](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0005890&contexto=pi&selTab=tab0)

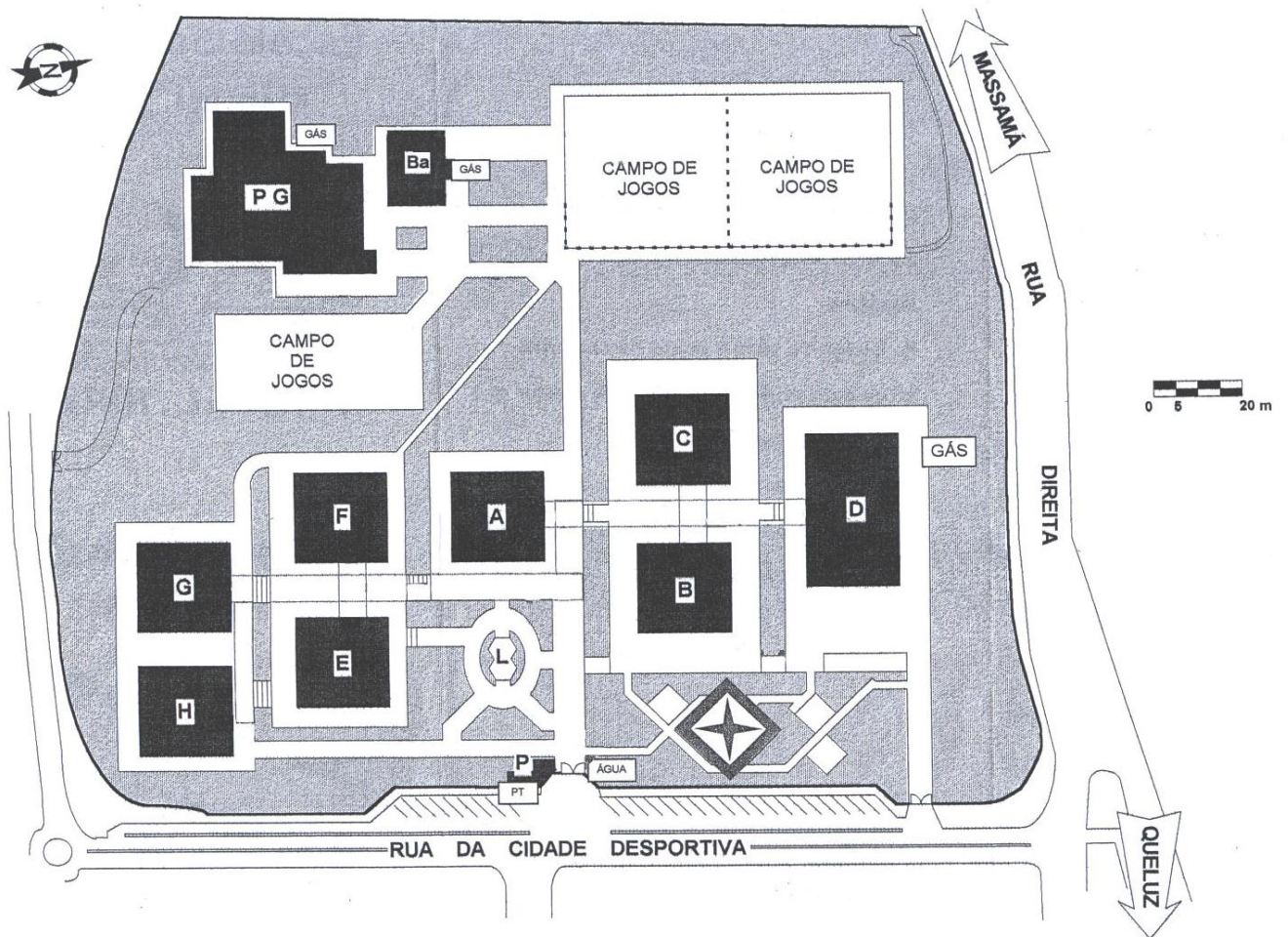
Guerra Colonial - [www.guerracolonial.org](http://www.guerracolonial.org)

*CIA the world factbook* - <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>

*Google earth* - [www.google.com/intl/pt-PT/earth/index.html](http://www.google.com/intl/pt-PT/earth/index.html)

# **ANEXOS**

Anexo 1 – Planta da Escola



Anexo 2 – Planificação anual da disciplina de geografia



**PLANIFICAÇÃO ANUAL**  
**GEOGRAFIA – 7º Ano** **Ano lectivo 2011/12**



**TEMA 1: A TERRA: ESTUDOS E REPRESENTAÇÕES**  
 /  
**TEMA 2: MEIO NATURAL**

TEMAS / CONTEÚDOS	Períodos lectivos
<p><b>TEMA 1: A TERRA: ESTUDOS E REPRESENTAÇÕES</b></p> <p><b>1. A Geografia como ciência das paisagens terrestres</b></p> <p style="padding-left: 20px;">1.1 A diversidade das paisagens terrestres</p> <p style="padding-left: 20px;">1.2 Os métodos e as técnicas de análise das paisagens terrestres</p> <p><b>2. As representações da superfície terrestre</b></p> <p style="padding-left: 20px;">2.1 As formas de representar a Terra.</p> <p style="padding-left: 20px;">2.2 Os globos e os mapas.</p> <p style="padding-left: 20px;">2.3 Os elementos fundamentais dos mapas.</p> <p style="padding-left: 20px;">2.4 Os tipos de mapas.</p> <p><b>3. A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre</b></p> <p style="padding-left: 20px;">3.1 O Mundo.</p> <p style="padding-left: 20px;">3.2 A União Europeia.</p> <p style="padding-left: 20px;">3.3 A localização relativa.</p> <p style="padding-left: 20px;">3.4 A localização absoluta</p>	<p><b>1º P</b></p>
<p><b>TEMA 2: MEIO NATURAL</b></p> <p><b>1. O clima e as formações vegetais</b></p> <p style="padding-left: 20px;">1.1 O estado de tempo e o clima</p> <p style="padding-left: 20px;">1.2 Variação do estado de tempo</p> <p style="padding-left: 20px;">1.3 Os climas e a vegetação: distribuição e características</p> <p><b>2. Relevo</b></p> <p style="padding-left: 20px;">2.1 Grandes conjuntos de relevo</p> <p style="padding-left: 20px;">2.2 Dinâmica de uma bacia hidrográfica</p> <p style="padding-left: 20px;">2.3 Dinâmica do litoral</p>	<p><b>2º P</b></p>
	<p><b>3º P</b></p>

Aulas Previstas	
1º Período	13 blocos
2º Período	11 blocos
3º Período	10 blocos



Ano lectivo 2011/12

# GEOGRAFIA – Critérios de avaliação

## 7º Ano

<b>Domínio das Atitudes e Valores</b>	<b>40%</b>
---------------------------------------	------------

Constituem objecto de avaliação e desenvolvimento as atitudes/valores, agrupados da seguinte forma:

- a) ASSIDUIDADE/PONTUALIDADE (20)
- b) PARTICIPAÇÃO/EMPENHO (10+10)
- c) COMPORTAMENTO (20)
- d) MATERIAL (20)
- e) TRABALHOS DE CASA (20)

$$(a + b + c + d + e) \times 0,40$$

<b>Domínio Cognitivo</b>	<b>60%</b>
--------------------------	------------

Constituem objecto de avaliação/desenvolvimento os objectivos/competências específicos da disciplina, tendo em conta a mobilização do saber e domínio de linguagens, técnicas e metodologias de trabalho.

✓ **FICHAS DE AVALIAÇÃO**

- 1 Ficha de Avaliação por período;

**(40%)**

- Média das Fichas de Avaliação x 0,40

✓ **FICHAS DE TRABALHO** (grupo e/ou de pares em sala de aula)

- 1 Ficha de trabalho por período.

**(20%)**

- Média dos Trabalhos x 0,20

**Classificação Final = Fichas de avaliação + Trabalhos + Atitudes e Valores**

### Anexo 3 – Apresentação em PowerPoint da primeira aula de geografia

Escola Secundária Miguel Torga

Geografia – 7º ano (turma A)

A Terra, estudos e representações: A Paisagem



O que têm em comum estas paisagens?



E estas?





Em qual destas paisagens consegues ver a ação do Homem?

### Elementos da paisagem

Elementos Naturais: respeitantes à natureza, aqueles que ela própria produz: as rochas de uma montanha, a vegetação, o relevo.



Elementos humanos: aqueles que são produzidos pelo Homem: os edifícios, as vias de comunicação, as plantações agrícolas.



Não existem duas paisagens iguais. Às características específicas de uma paisagem chama-se a sua individualidade.



A ausência de vegetação numa paisagem desértica individualiza este tipo de paisagem.



O que torna esta paisagem única?

**A paisagem está em constante transformação.**



Factores humanos de transformação.

Os tempos mudam: baía do Estoril, início do século XX e actualidade



Factores naturais de transformação.

Funchal antes e depois das cheias de 2010

Paisagens naturais: aquelas cujas condições naturais dificultam ou impossibilitam a atividade humana, nunca tendo sido transformadas por ação do Homem.



O que têm em comum estas paisagens?

Paisagens Humanizadas: paisagem onde os elementos naturais foram eliminados ou substituídos por outros por ação do Homem.



## Paisagem Natural ou Humanizada?



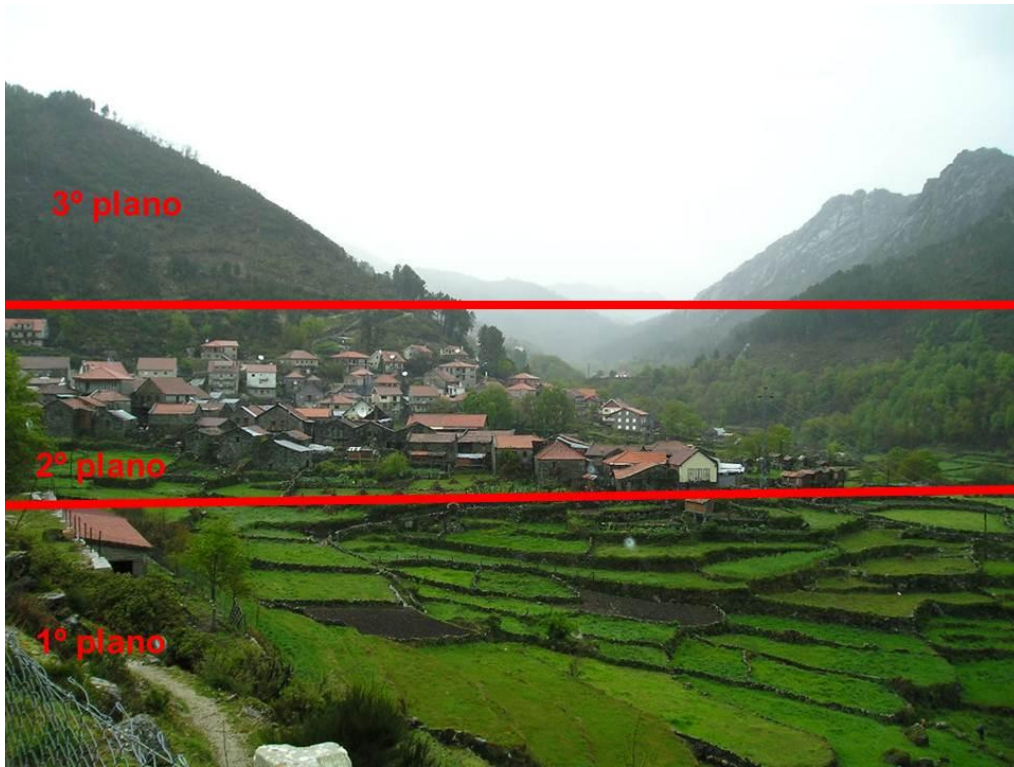
## Fontes de Observação



Direta



Indireta





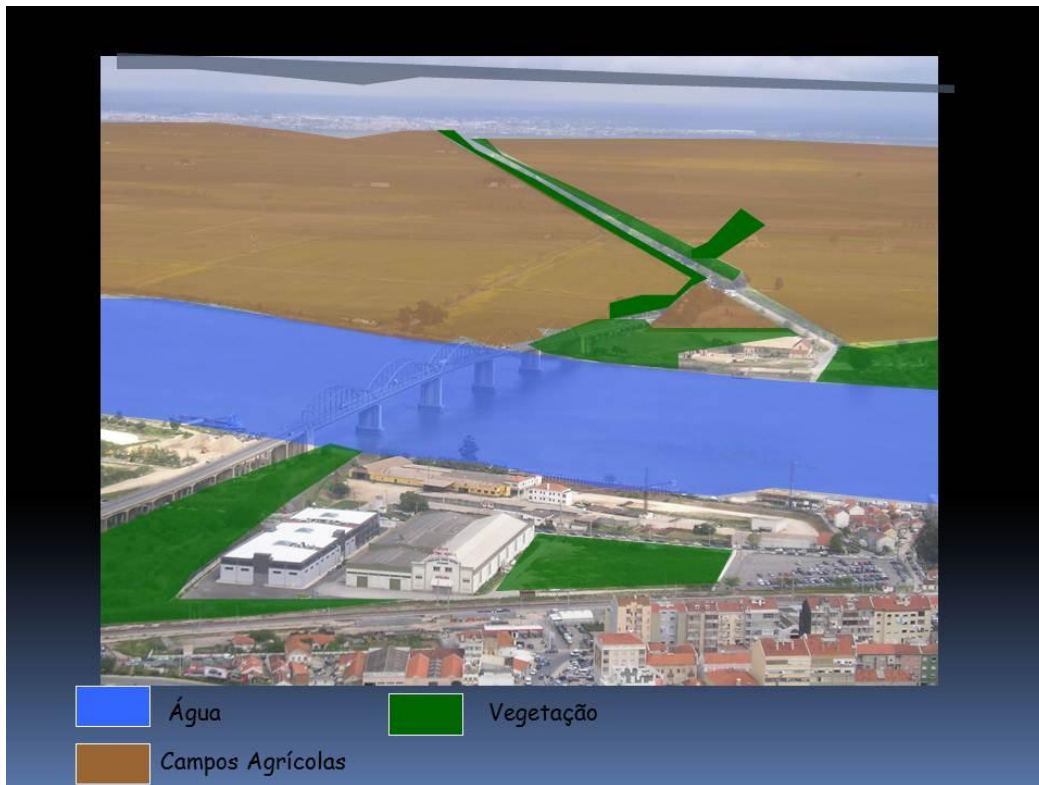
Água

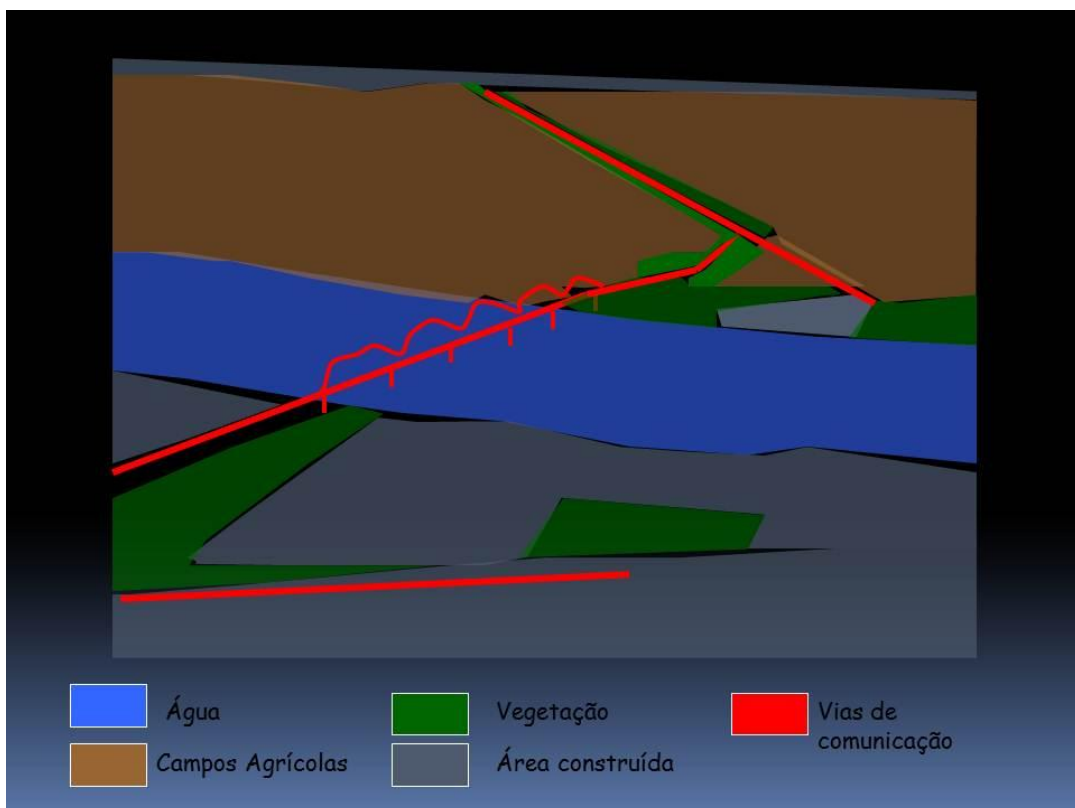
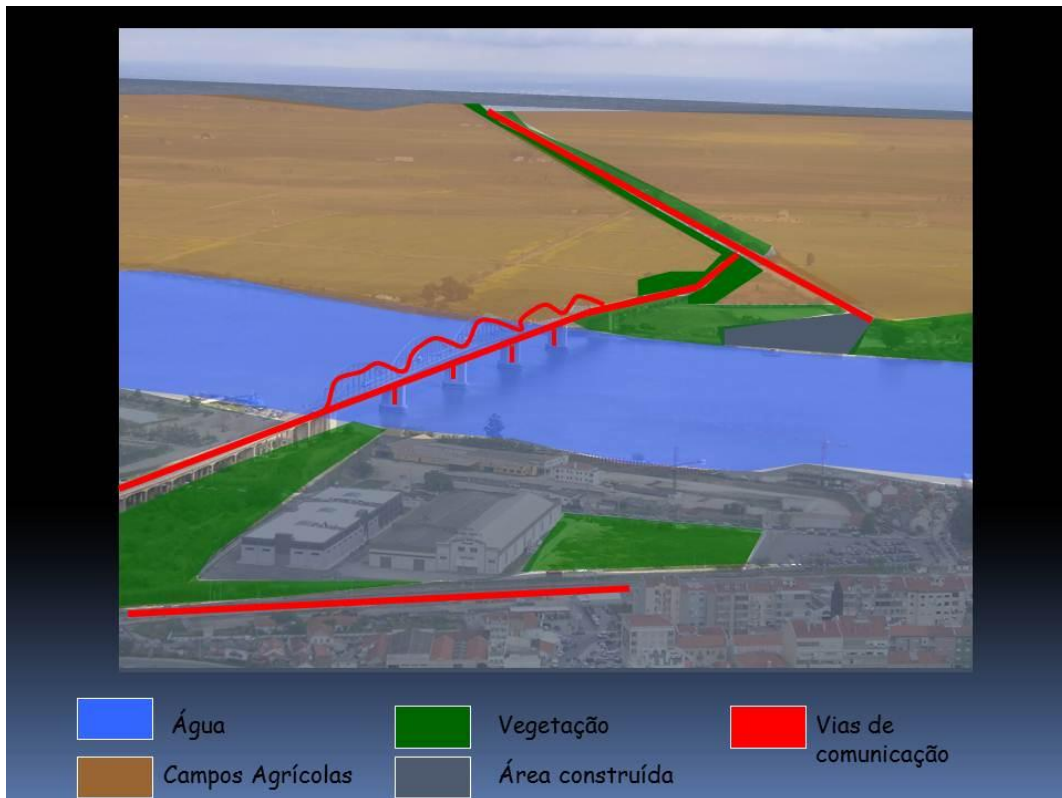


Água



Campos Agrícolas





Anexo 4 – Ficha de trabalho da primeira aula de geografia



Geografia 2011/12 7º Ano Turma A  
**Ficha formativa**

Nome:		
Nº	Turma:	Data

Avaliação:
Profª:

1 – Identifica os elementos humanos e naturais presentes nas seguintes imagens:



Fig. 1 Azenhas do Mar, Colares



Fig. 2 Aldeia Bosquimane

**Elementos Humanos**  
Edifícios (aldeia) e piscina.

**Habitacões bosquimanes, via de comunicação, poço**

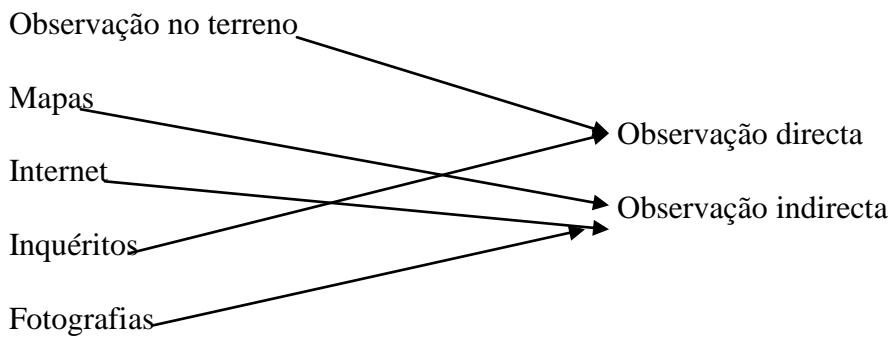
**Elementos Naturais**  
Arriba, Rochas, Oceano, vegetação

**Montanha, vegetação, solo**

2 – Observa a paisagem que se segue e divide-a segundo os 3 planos de paisagem:



3 – Une as fontes de informação indicadas à esquerda com os tipos de observação correspondentes à direita:



4 – Para cada paisagem apresentada, assinala a resposta correcta:



- a) Esta paisagem é humanizada porque os elementos naturais foram destruídos por acção do Homem.
- b) Esta paisagem é humanizada porque os rios são transformados por acção do Homem.
- c) Esta paisagem é natural porque não se encontram vestígios da presença do Homem ou da sua acção sobre a mesma.**



- a) Esta paisagem é natural porque não se observam vestígios da presença do Homem.
- b) Esta paisagem é humanizada porque não se observam arranha-céus.
- c) Esta paisagem é humanizada porque os elementos naturais foram eliminados e substituídos por outros por acção do Homem.**



- a) Esta paisagem é natural porque tem árvores.
- b) Esta paisagem é humanizada porque se observa a actividade agrícola, um dos meios com que o Homem altera a paisagem.**
- c) Esta paisagem é humanizada porque aparece uma pessoa.

## Anexo 5 – Planificação da primeira aula de geografia

### Planos de Aula para Conteúdo Programático

Disciplina	Hora	Sala	Ano	Turma
Geografia	10h00 – 11h30	GEO	7º	A

#### 1. Lição Nº 5 e 6 Sumário

As paisagens naturais e as paisagens humanizadas. Os métodos e técnicas de análise das paisagens terrestres.

#### 2. Conteúdos programáticos

A diversidade das paisagens terrestres.  
As paisagens naturais e as paisagens humanizadas.  
Os métodos e as técnicas de análise das paisagens terrestres.

#### 3. Objectivos

**Identificar a diversidade das paisagens terrestres.**  
**Distinguir paisagens naturais de paisagens humanas, identificando os elementos naturais e humanos das paisagens.**  
**Caracterizar as fontes directas e indirectas de informação geográfica.**  
**Comunicar, discutir e defender ideias próprias, utilizando vocabulário geográfico.**  
**Observar e questionar a realidade observada nas imagens**

#### 4. Desenvolvimento da aula: actividades / estratégias e recursos utilizados

##### Tarefas do Professor

###### ANTES DA AULA

- Preparar e organizar os recursos necessários.

###### DURANTE A AULA

- Ditar o sumário
- Enumerar os objectivos da aula
- Elucidar os conteúdos programáticos, esclarecendo todas as dúvidas dos alunos.
- Distribuir a ficha de trabalho e esclarecer os objectivos da resolução dos exercícios.

##### Tarefas do Alunos

###### DURANTE A AULA




- Escrever o sumário
- Escutar o professor
- Intervir em caso de dúvida e/ou se for interpelado
- Resolver os exercícios propostos

##### Recursos:

- Apresentação em powerpoint.
- Ficha de trabalho.




## GLOBOS

**VANTAGENS?**  =  = 

**DESVANTAGENS?**

- Difíceis de transportar, de arrumar e de manusear.
- Difícil leitura: não conseguimos visualizar ao mesmo tempo todo o planeta.
- Representam a realidade com dimensões muito reduzidas.

Onde está a Ásia ???



The diagram shows a globe, a green circle, and a satellite image of Earth, all connected by equals signs. Below, a globe has a red arrow pointing to the Asian continent.

# MAPAS

A REPRESENTAÇÃO DA SUPERFÍCIE TERRESTRE SEMPRE FOI  
UMA NECESSIDADE DO HOMEM



# MAPAS

VANTAGENS?



FÁCIL DE UTILIZAR,  
MANUSEAR E  
ARRUMAR

PODEM REPRESENTAR A TERRA  
TODA



OU SÓ 1 CONTINENTE...



1 SÓ PAÍS...



UMA SÓ CIDADE...



# MAPAS

DESVANTAGENS?



**NÃO PODEMOS TRANSFORMAR UMA  
ESFERA NUM PLANO SEM DEFORMAR A  
REPRESENTAÇÃO**

## MAPAS E GLOBOS

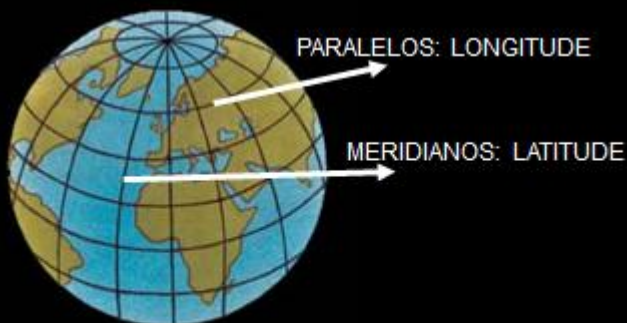
PODEMOS TRANSFORMAR UM  
GLOBO NUM MAPA???

**NÃO!**

MAS PODEMOS TENTAR...

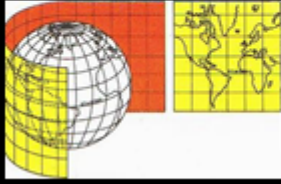
**COMO?**

REPRODUZINDO OS  
MERIDIANOS E PARALELOS



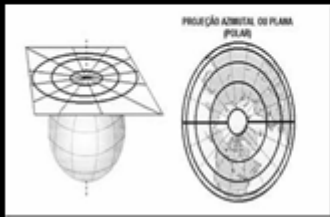
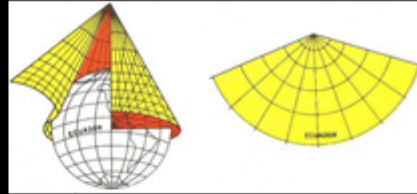
**E DEPOIS?**

**HÁ 3 HIPÓTESES POSSÍVEIS...**



**HIPÓTESE 1: PROJEÇÃO CILÍNDRICA DE MERCATOR: OS ELEMENTOS DO GLOBO PROJETAM-SE NUMA SUPERFÍCIE TANGENTE AO EQUADOR**

**HIPÓTESE 2: PROJEÇÃO CÔNICA DE LAMBERT: PROJETA-SE UM CONE COM O VÉRTICE SOBRE 1 DOS PÓLOS.**



**HIPÓTESE 3: PROJEÇÃO ZENITAL: PROJEÇÃO DA TERRA NUM PONTO ESCOLHIDO.**



PLANISFÉRIO MERCATOR



PLANISFÉRIO LAMBERT



PLANISFÉRIO ZENITAL

# MAPAS

QUE TIPOS DE MAPAS CONHECES?



FÍSICO



POLÍTICO



HIPSOMÉTRICO



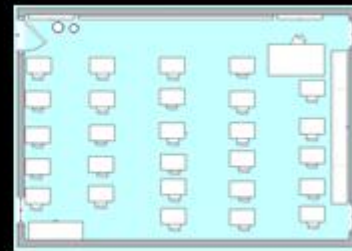
TOPOGRÁFICO



ESTRADAS



DEMOGRÁFICO



PLANTAS



# OUTRAS PLANTAS



PLANTA DE UMA CASA

AS PLANTAS PERMITEM-NOS  
CONHECER A REALIDADE DE FORMA  
MUITO APROXIMADA, COM GRANDE  
RIGOR



PLANTA DA CIDADE DE LISBOA



# SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA (SIG)

O QUE É? Organização por níveis da informação geográfica, devidamente referenciada.

COMO? Mapas, tabelas, imagens de satélite, fotografia aérea

ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

INFORMÁTICA



Anexo 7 - Ficha de trabalho da segunda aula de geografia



Geografia 2011/12 7º Ano Turma A  
**Ficha formativa**

Nome:
Nº Turma: Data

Avaliação:
Profª:

1. De entre as hipóteses apresentadas, escolhe a que consideras mais correcta:

- a) A grande vantagem do uso de globos para representar a superfície terrestre é serem fáceis de arrumar.
- b) A grande vantagem do uso de globos para representar a superfície terrestre é serem fáceis de transportar.
- c) A grande vantagem do uso de globos para representar a superfície terrestre é possibilitarem a representação esférica do planeta.**



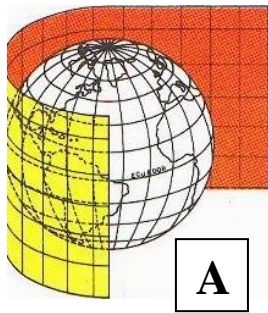
- a) Uma desvantagem do uso de globos para representar a superfície terrestre é a impossibilidade de visualizar todo o planeta ao mesmo tempo.**
- b) Uma desvantagem do uso de globos para representar a superfície terrestre é o seu grande detalhe.
- c) Uma desvantagem do uso de globos para representar a superfície terrestre é ter a forma esférica.

- a) Os mapas são instrumentos de representação fáceis de utilizar mas difíceis de transportar.
- b) Os mapas são instrumentos de representação que tanto nos permitem observar a totalidade do planeta, como dos continentes, de um país ou de uma cidade.**
- c) Os mapas são instrumentos de representação pouco detalhados.

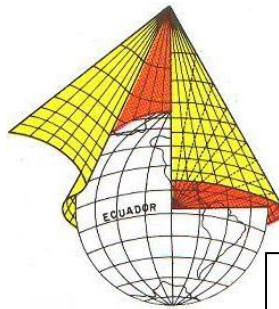


- a) Os mapas têm a desvantagem de não possibilitarem uma visão de conjunto do planeta.
- b) Os mapas têm a desvantagem de deformarem a realidade ao transformarem superfícies esféricas em planos.**
- c) Os mapas têm a desvantagem de serem muito imprecisos na representação da superfície terrestre.

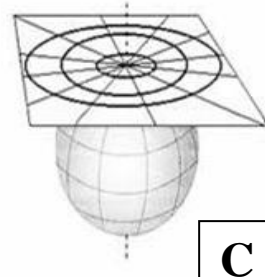
2. Ordena as projecções apresentadas com a respectiva caixa de texto:



**A**



**B**



**C**

Projecção  
Zenital

**1**

Projecção  
cilíndrica de  
Mercator

**2**

Projecção  
cónica de  
Lambert

**3**

1 - C 2 - A 3 - B

3. Une as 3 representações da coluna da esquerda com as imagens respectivas.

Planisfério Zenital  
Planisfério Lambert  
Planisfério Mercator



4. Utiliza as seguintes expressões para completares o texto apresentado:

Estado do Tempo  
Planeamento do Território  
Cara  
Visão de conjunto



Vista aérea de Lisboa

A fotografia aérea tem a vantagem de permitir uma **VISÃO DE CONJUNTO** da realidade observada, sendo muito útil para o **PLANEAMENTO DO TERRITÓRIO**. Contudo, apresenta o inconveniente de ser bastante **CARA** e de estar dependente do **ESTADO DO TEMPO** para se poder realizar.



## 5. Mapas, Satélites e SIG's.

Resolve as palavras cruzadas:

1						S	I	G										
2							M	E	T	E	O	R	O	L	O	G	I	A
3							T	O	P	O	G	R	Á	F	I	C	O	
4				D	E	M	O	G	R	Á	F	I	C	O				
5	H	I	P	S	O	M	É	T	R	I	C	O						
6							P	L	A	N	T	A						
7							I	N	F	O	R	M	Á	T	I	C	A	
8					P	O	L	Í	T	I	C	O						
9		C	O	M	U	N	I	C	A	Ç	Õ	E	S					

Palavras a descobrir	
1	Sistema de organização de informação geográfica, devidamente referenciada (abreviatura)
2	Ciência que utiliza as imagens de satélite como objecto de estudo.
3	Tipo de mapa que representa o relevo de uma pequena região.
4	Tipo de mapa que identifica os contingentes populacionais de uma região.
5	Tipo de Mapa que representa o relevo de um continente ou país
6	Tipo de Mapa que nos permite representar a realidade com grande pormenor.
7	Método que permite a elaboração de um Sistema de Informação Geográfico.
8	Tipo de mapa que apresenta as fronteiras dos países.
9	Os satélites fornecem os meios que permitem a sua realização.

## Anexo 8 - Planificação da terceira aula de geografia

 <p>ESCOLA SECUNDÁRIA MIGUEL TORREGALVA</p>	<p><b>3ª Aula Assistida</b></p> <p>7º Ano, Turma A</p> <p><b>PROFESSOR:</b> Pedro Sequeira Lopes <b>Professora Orientadora:</b> Sílvia Lemos</p> <p>26 de Outubro de 2011</p>	 <p>Núcleo de Estágio de Geografia</p>
--	---	---

### TEMA: A terra, estudos e representações

SUB-TEMA: Os elementos fundamentais dos mapas: título, legenda, orientação e escala

Lição nº 9 e 10

Sumário: Correção da ficha de trabalho sobre as representações da superfície terrestre; os elementos

Competências a Desenvolver	A localização	O conhecimento de lugares e regiões	O Dinamismo das inter-relações entre espaços
■ Comparar representações diversas da superfície da Terra, utilizando o conceito de escala.	✓		
■ Ler e interpretar globos, mapas e plantas de várias escalas, utilizando a legenda, a escala e as coordenadas geográficas.	✓		
■ Utilizar o vocabulário geográfico em descrições orais e escritas de lugares, regiões e distribuições de fenómenos geográficos.		✓	
■ Comparar distribuições de fenómenos naturais e humanos, utilizando planisférios e mapas de diferentes escalas.		✓	

### Experiência de Aprendizagem

- Observar mapas de escalas diferentes de forma a identificar os elementos constituintes dos mesmos: título, legenda, orientação e escala.
- Observar mapas cujos elementos se encontram ausentes, identificando-os.
- Comparação de mapas de grande e pequena escala e de mapas com escala gráfica e numérica.
- Observação de mapas de tipos distintos (gerais e temáticos).

Objectivos	Cognitivo	Sócio-Afectivo
■ Identificar os elementos constituintes de um mapa, distinguindo-os.	✓	
■ Explicar a definição de escala.	✓	
■ Definir grande escala de pequena escala.	✓	
■ Distinguir as escalas numéricas das escalas gráficas.	✓	
■ Calcular a distância real a partir de uma escala.	✓	
■ Calcular a escala de um mapa a partir das distâncias no mapa.	✓	
■ Identificar os tipos de mapas existentes, distinguindo-os.	✓	
■ Participar activamente na aula.		✓
■ Respeitar os colegas e o professor.		✓
■ Colaborar com os colegas e o professor na elaboração das tarefas sugeridas.		✓

Sequência de Aprendizagem	Tempo	Operacionalização do professor
<b>I</b> <b>Articulação com a aula anterior</b>	20 min  (10:20)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Nº de lição e sumário</li> <li>. Entrega das fichas de trabalho elaboradas na aula anterior.</li> <li>. Corrige as fichas de trabalho, pedindo aos alunos que enunciem os conceitos apreendidos.</li> </ul>
<b>II</b> <b>Elementos fundamentais dos mapas</b>	30 min  (10:50)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Explica quais os elementos fundamentais de um mapa.</li> <li>. Apresenta mapas ilustrativos dos 4 elementos a abordar.</li> <li>. Define o conteúdo do título de um mapa.</li> <li>. Apresenta mapas ilustrando títulos diferentes.</li> <li>. Define o conteúdo da legenda de um mapa.</li> <li>. Apresenta mapas ilustrando diferentes legendas.</li> <li>. Define o conteúdo da orientação de um mapa.</li> <li>. Apresenta símbolos distintos de orientação.</li> <li>. Pede aos alunos para enumerarem os conteúdos respeitantes ao título, legenda e orientação.</li> <li>. Pede aos alunos para identificarem o título, a legenda, a orientação e a escala em diferentes mapas.</li> </ul>
<b>III</b> <b>A Escala</b>	35 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Define o conteúdo de escala de um mapa.</li> <li>. Distingue pequena escala, média escala e grande escala.</li> <li>. Apresenta exemplos concretos de mapas de escala pequena, média e grande</li> <li>. Realiza a distinção entre escala numérica e escala gráfica.</li> <li>. Apresenta exemplos concretos de mapas com escala gráfica e escala numérica.</li> </ul>

	(11:25)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Explica o cálculo de uma distância real a partir de uma escala.</li> <li>. Pede aos alunos para resolverem dois exercícios de cálculo de uma DR a partir de uma escala.</li> <li>. Corrige o exercício.</li> <li>. Explica o cálculo da escala de um mapa.</li> <li>. Pede aos alunos para resolverem dois exercícios de cálculo da escala de um mapa.</li> <li>. Corrige o exercício.</li> </ul>
<b>Finalização da aula</b>	5 min. (11:30)	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Manda sair os alunos depois do toque.</li> </ul>

Anexo 9 - Ficha de trabalho da quarta aula de geografia

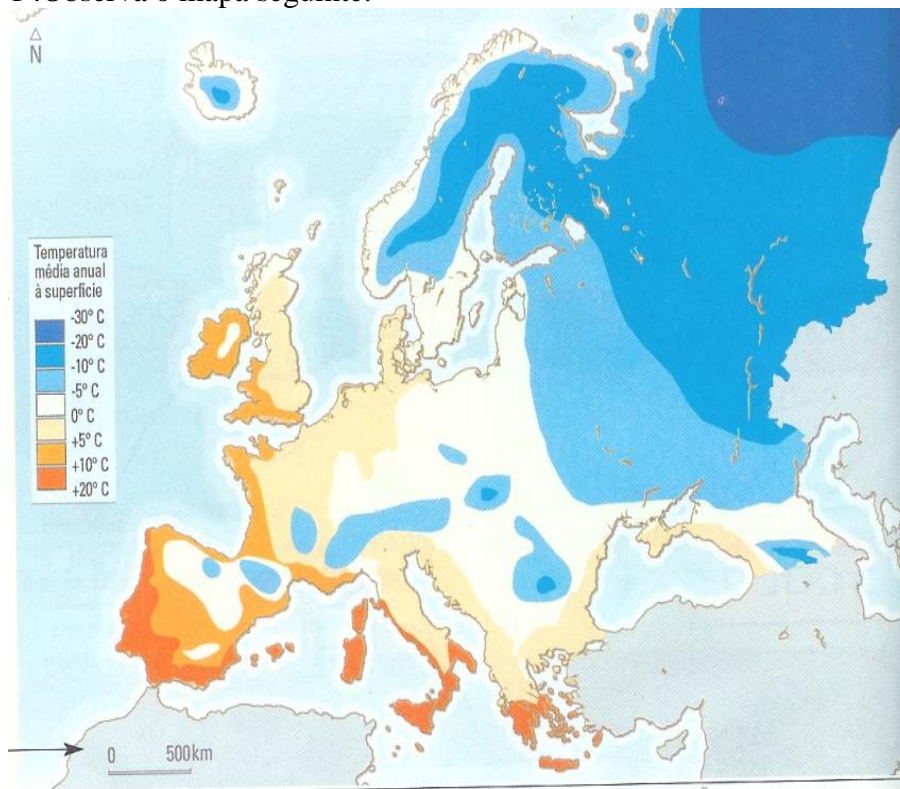


Geografia 2011/12 7º Ano Turma A  
**Ficha formativa**

Nome:		
Nº	Turma:	Data

Avaliação:
Profª:

1 .Observa o mapa seguinte:



**Fig. 1**

Encontra um título apropriado para o mapa da Fig.1 sabendo que os dados dizem respeito a 2001.  
**Temperatura Média Anual à Superfície na Europa, 2001**

2 – Observa o mapa que se segue:

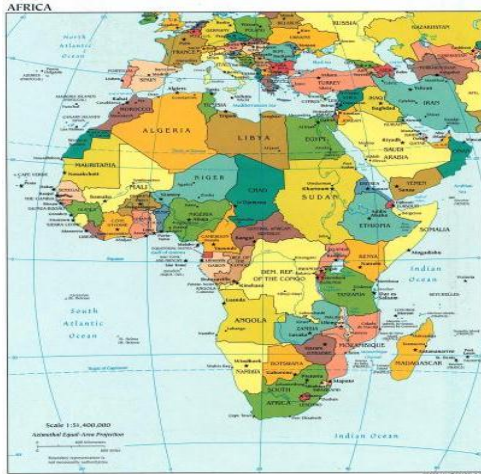


Fig.2

2.1 - Qual das seguintes escalas consideradas apropriada para esta representação?

A) 1: 500

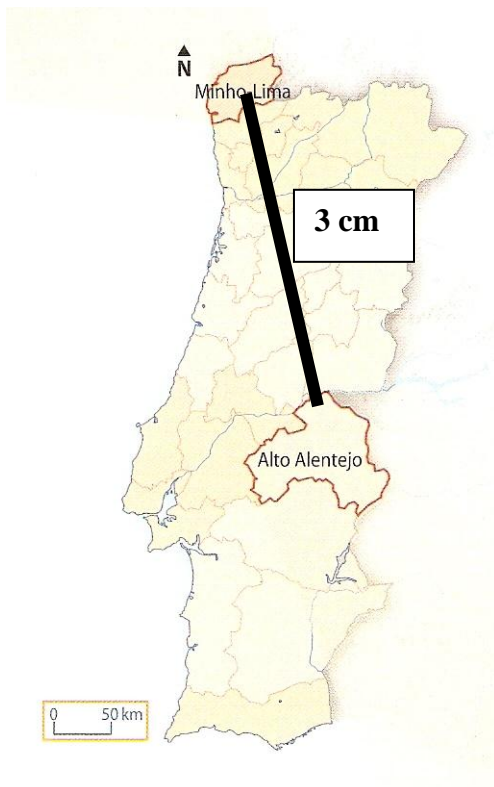
**B) 1: 50 000 000**

C) 1: 500 000

2.2 – Que tipo de mapa se encontra representado?

**Mapa Político**

3.



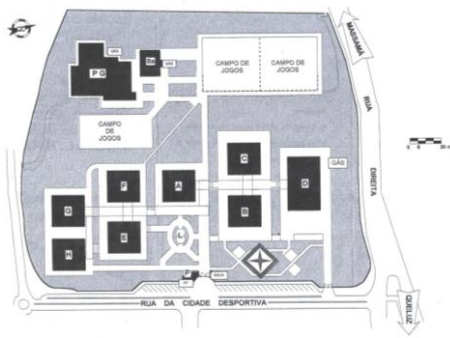
3.1 Calcula a distância real entre a região Minho-Lima e o Alto Alentejo.

$$DR = \frac{50000000 \times 3}{1}$$


$$DR = 150000000 \text{ cm}$$

$$DR = 150 \text{ Km}$$

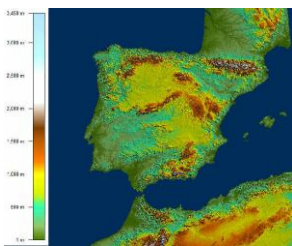
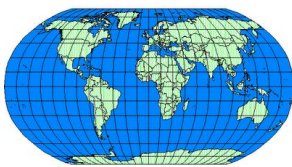
4. Observa a planta da Escola Secundária Miguel Torga:



4.1 – A escala utilizada nesta planta é grande ou pequena? **GRANDE**  
4.2 – Sendo a escala da planta de 1:1000 transforma-a numa escala gráfica expressa em metros.

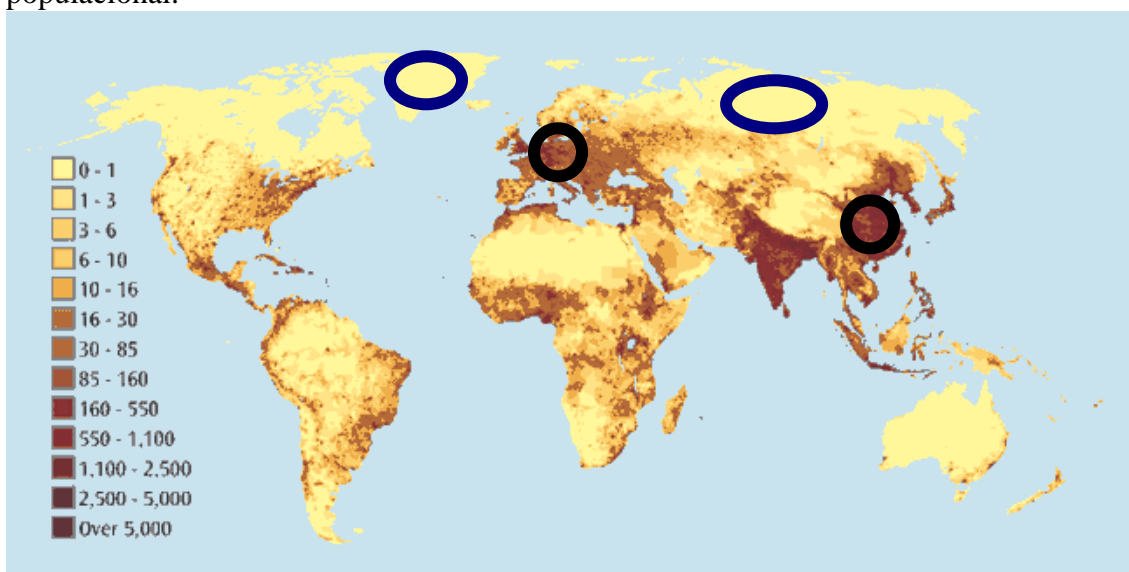


5. Observa os vários mapas apresentados e faz correspondê-los ao tipo correcto.



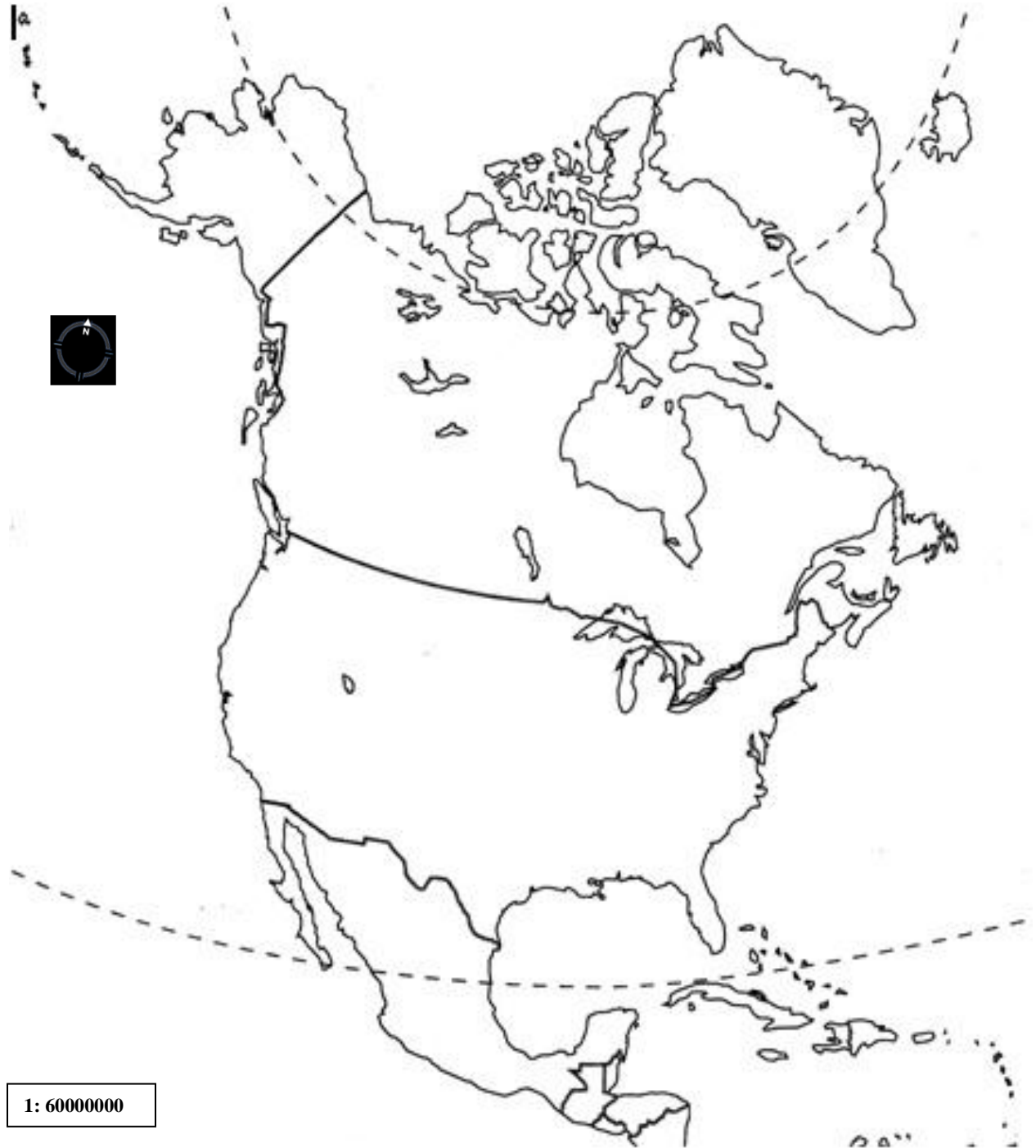
- Mapa Hipsométrico da Península Ibérica
- Mapa Hidrográfico da Península Ibérica
- Planisfério
- Mapa Político da Ásia

6. Observa o mapa que se segue e circula a azul 2 regiões do mundo com baixa densidade populacional e a outra cor 2 regiões do mundo com elevada densidade populacional.



Anexo 10 – Mapas usados no trabalho de grupo

**TÍTULO:**



**LEGENDA**

TÍTULO:



1: 7 000 000

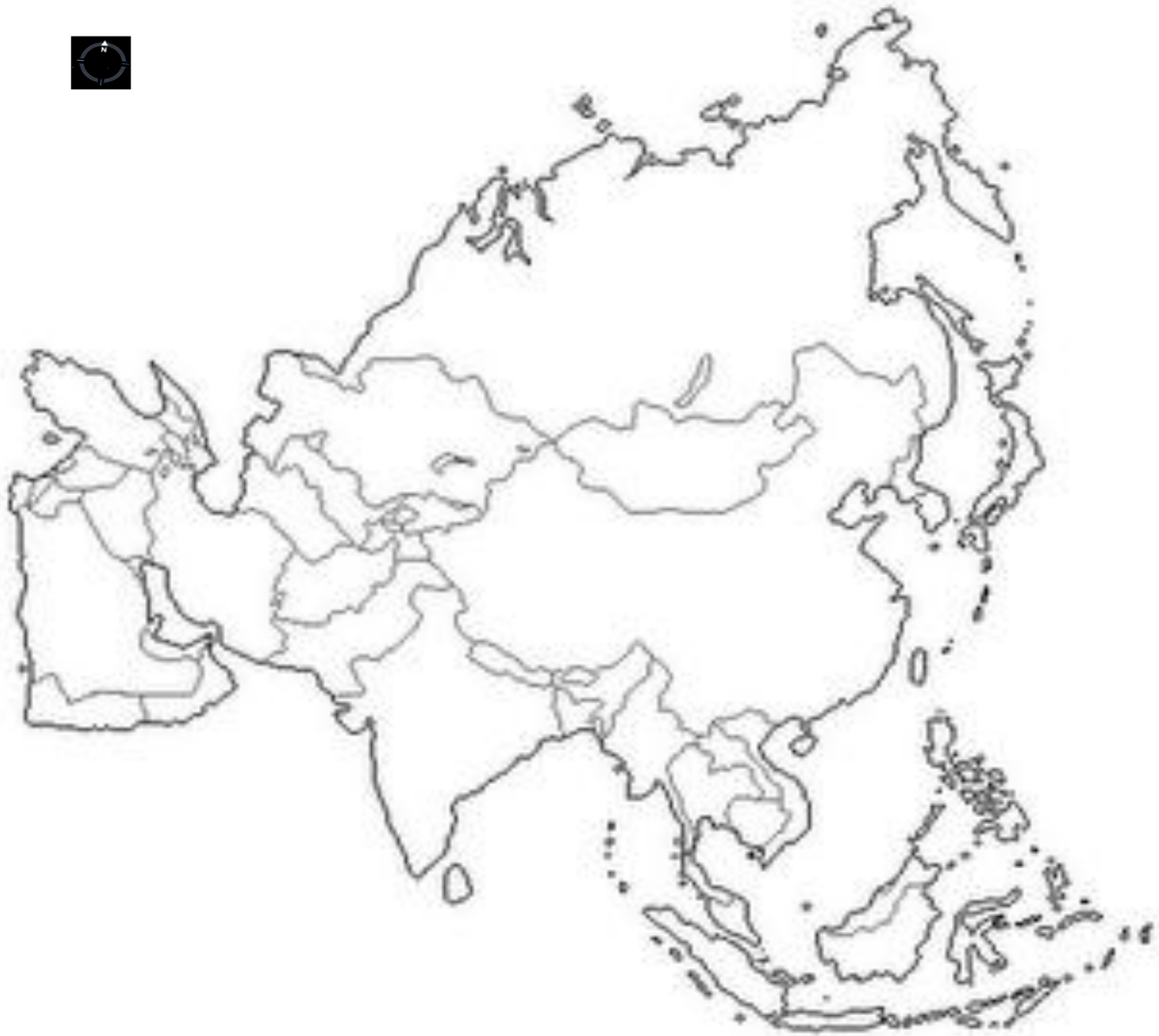
LEGENDA:

TÍTULO:



LEGENDA

TÍTULO:



LEGENDA:

1: 6 000000

**TÍTULO:**



**LEGENDA:**

1: 50000000

TÍTULO:



## Anexo 11 – Guião do trabalho de grupo

Nome:		
Nº	Turma:	Data :



**Disciplina: Geografia**

**Turma: 7ºA**

### **Trabalho de Pesquisa em Grupo**

**Tema:** A Terra: Estudos e Representações.

**Sub-tema:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.

**Áreas geográficas em análise:** África, América do Sul, América do Norte e Central, Europa, Ásia e Oceânia.

**Material necessário:** Lápis de cor, papel vegetal.

**Bibliografia:** Geographica; atlas ilustrado do mundo; Manual de Geografia;

**Webgrafia:** Google earth, Google imagens; CIA the world factbook, Apolo 11; Mapas – Guia Geográfico

**Nota:** a bibliografia e webgrafia recomendadas estarão disponíveis para consulta na sala de aula.

### **Contextualização:**

Como sabem, nesta primeira fase do estudo da disciplina de geografia abordámos temas relacionados com as paisagens terrestres, que são o objeto de estudo da geografia, bem como as diversas formas de representar a superfície do nosso planeta em globos, mapas, fotografias aéreas, de satélite etc.

O vosso próximo objectivo é localizar os diferentes elementos da superfície terrestre, bem como alguns dos mais importantes fenómenos geográficos que neles podemos encontrar. Para isso, a tarefa que vos propomos é a realização de um trabalho de pesquisa, para o qual deverão utilizar as diversas fontes indiretas de informação geográfica que colocamos ao vosso dispor.

A tabela que se segue deve acompanhar-vos sempre ao longo da realização do trabalho. Nela encontrarão todas as tarefas propostas, bem como as referências a todas as fontes de pesquisa que devem utilizar em cada fase do trabalho. Conforme o vosso grupo terminar uma tarefa, devem assinalá-lo no estado de realização com a seguinte simbologia: ✓

Quando todas missões estiverem assinaladas com um ✓ é sinal de que o objetivo foi cumprido e que o trabalho terminou.

<b>Fase: nº1</b>		
<b>Tarefa</b>	<b>Estado de realização</b>	<b>Fontes de pesquisa, elementos a pesquisar/representar e método de trabalho.</b>
1.1. Constituição dos grupos de trabalho e selecção do continente a estudar.		
1.2. <b>Localizar</b> os diferentes continentes num planisfério.		<b>Única tarefa</b> a ser realizada por toda a turma em conjunto com o professor como ponto de partida para a elaboração das pesquisas.
1.3. <b>Pesquisa</b> nas fontes bibliográficas e webgráficas à disposição dos <b>fenómenos físicos mais relevantes do continente estudado.</b>		<b>Pesquisa:</b> localizar os <b>limites do continente</b> de acordo com a rosa-dos-ventos, bem como as principais formas de <b>relevo, rios, desertos, glaciares e áreas de floresta.</b>
1.4. <b>Ilustração</b> dos elementos encontrados no ponto nº 3 com <b>fotografias e imagens de satélite.</b>		Com base nas fontes de pesquisa sugeridas, <b>seleccionar 2 imagens diferentes para cada elemento (fotografia + imagem de satélite)</b> <b>Fontes de pesquisa Web:</b> Google Earth, Google Imagens, Cia the world factbook, Mapa – guia geográfico
1.5 – Elaboração de <b>descrições escritas</b> das imagens encontradas em 1.4.		O grupo deverá elaborar pequenas descrições das imagens seleccionadas em 1.4, utilizando vocabulário geográfico adequado.
1.6 – <b>Pesquisa de dados humanos, políticos e culturais</b> relevantes acerca dos continentes.		<b>Pesquisa: o grupo deverá encontrar nas fontes colocadas à disposição os 3 maiores países em extensão territorial; os 3 países mais populosos, as 3 cidades mais populosas e as 3 línguas mais faladas no continente, registando a informação nos cadernos diários.</b>
1.7. <b>Tratamento da informação</b> encontrada em 1.3, 1.4, 1.5 e 1.6.		A informação obtida nas tarefas 1.3, 1.4, 1.5 e 1.6 deverá ser reunida e separada por categorias.
1.8. Elaboração <b>de fichas de identificação do continente</b> estudado com base em toda a informação pesquisada e tratada.		Com base na tarefa 1.7 os grupos devem elaborar cartazes com a informação acerca dos elementos geográficos pesquisados, ilustrados com as imagens e respectivas descrições e separados por categorias. Ferramentas a utilizar: Paint e Microsoft Office: Word
<b>Notas:</b>		

<b>Fase Nº2</b>		
<b>Tarefa</b>	<b>Estado de realização</b>	<b>Fontes de pesquisa e elementos a pesquisar/representar</b>
2.1. Recolher os mapas do continente fornecidos pelo professor.		O professor distribuirá os mapas que serão utilizados durante a fase nº 2 do trabalho de pesquisa.
2.2. <b>Completar os mapas políticos e demográficos</b> dos continentes, efectuando a respectiva legenda.		<b>Material a utilizar:</b> mapa político e demográfico do continente, papel vegetal e lápis de cor. <b>Elementos a representar:</b> Mapa 1 - os países em falta e respectivas capitais, Mapa 2 - os 3 países com maior extensão territorial, Mapa 3 - os 3 países mais populosos Mapa 4 - países onde se falam as 3 línguas mais faladas no continente.
2.3. Representar no mapa físico do continente os fenómenos físicos mais relevantes.		<b>Material a utilizar:</b> Mapa físico do continente, papel vegetal e lápis de cor. <b>Elementos a representar:</b> Mapa 1 - principais formas de relevo, rios, desertos, glaciares e áreas de floresta.
<b>Fase nº 3</b>		
<b>Tarefa</b>	<b>Estado de realização</b>	<b>Fontes de pesquisa e elementos a pesquisar/representar</b>
3.1. Elaboração de cartazes com a informação pesquisada e tratada nas fases 1 e 2 e organização de exposição na escola.		Microsoft Office: Word. Paint.

## **AValiação**

Nenhum trabalho de investigação em grupo resulta sem o empenho de todos os participantes. Este trabalho não é excepção.

Desde o momento em que o grupo comece a cumprir as várias missões propostas, terá de se organizar de forma a dividir o trabalho e a garantir que todos os elementos do grupo participam activamente na sua realização. A avaliação de cada aluno dependerá não só da avaliação final do trabalho mas igualmente do empenho individual de cada um dos elementos do grupo na elaboração do mesmo, bem como da capacidade de organização do trabalho em equipa. A nota final de cada elemento do grupo dependerá do empenho individual e da qualidade do trabalho de cada um.

A tabela que se segue dá-te todas as informações acerca da forma como o trabalho será avaliado. Qualquer dúvida acerca deste ponto deverá ser colocada ao teu professor.

### Grelha de avaliação

<b>1. Trabalho em sala de aula</b>		
<b>Elemento de avaliação</b>	<b>% na avaliação</b>	<b>Total</b>
1.1 Empenho na realização das actividades	10%	<b>40%</b>
1.2 Capacidade de colaboração e comunicação com o grupo	10%	
1.3 Cumprimento do trabalho individual	10%	
1.4 Respeito pelos colegas e professores	10%	
<b>2. Documento Final</b>		
<b>Elemento de avaliação</b>	<b>% na avaliação</b>	<b>Total</b>
2.1 Organização e apresentação gráfica	12%	<b>60%</b>
2.2 Correção científica	12%	
2.3 Pertinência das imagens apresentadas	12%	
2.4 Elaboração de textos próprios nas descrições	12%	
2.5 Correção da informação cartografada.	12%	

### Descrição pormenorizada da avaliação a aplicar:

1.1 Empenho na realização das actividades	<b>2,5 – falta de empenho</b> <b>5 – pouco empenhado.</b> <b>7,5 – empenhado</b> <b>10 – muito empenhado</b>
1.2 Capacidade de colaboração e comunicação com o grupo	<b>2,5 – colaboração e comunicação insuficiente</b> <b>5 – colaboração e comunicação suficiente.</b> <b>7,5 – boa colaboração e comunicação</b> <b>10 – muito boa colaboração e comunicação.</b>
1.3 Cumprimento do trabalho individual	<b>2,5 – não cumpriu o trabalho individual</b> <b>5 – cumpriu satisfatoriamente</b> <b>7,5 – cumpriu bem o trabalho individual</b> <b>10 – cumpriu plenamente o trabalho individual</b>

1.4 Respeito pelos colegas e professores	2,5 – insuficiente 5 – suficiente 7,5 – bom 10 – muito bom
2.1 Organização e apresentação gráfica	3 – Conteúdos desorganizados e apresentação insuficiente 6 – Conteúdos organizados e apresentação suficiente. 9 – boa organização dos conteúdos e apresentação 12 – muito boa organização dos conteúdos e apresentação
2.2 Correção científica	3 – 6 ou + erros científicos nas fichas dos continentes 6 – 3 ou + erros científicos 9 – 1 ou 2 erros científicos 12 – sem erros científicos
2.3 Pertinência das imagens apresentadas	3 – 4 ou + imagens não correspondem ao elemento geográfico a representar. 6 – 2 ou 3 imagens não correspondem ao elemento geográfico a representar. 9 – 1 imagem não corresponde ao elemento geográfico a representar. 12 – todas as imagens correspondem ao elemento geográfico a representar.
2.4 Elaboração de textos próprios nas descrições	3 – textos plagiados. 6 – textos pouco claros acerca do elemento representado com erros ortográficos 9 – textos claros com erros ortográficos 12 – textos claros sem erros ortográficos
2.5 Correção da informação cartografada.	3 – 4 ou + mapas cartografados incorrectamente. 6 – 2 ou 3 mapas cartografados incorrectamente 9 – 1 mapa cartografado incorrectamente 12 – todos os mapas correctamente cartografados.

### **CALENDARIZAÇÃO:**

16 de Novembro – 4ª feira: apresentação do trabalho; definição de metodologia e objectivos; constituição dos grupos.

23 de Novembro – 4ª feira: Fase nº1

30 de Novembro – 4ª feira: Fase nº 2

07 de Dezembro – 4ª feira: Fase nº 3

**BOM TRABALHO!!!!**

**Trabalho de Pesquisa em**  
**Grupo**

**APRESENTAÇÃO**

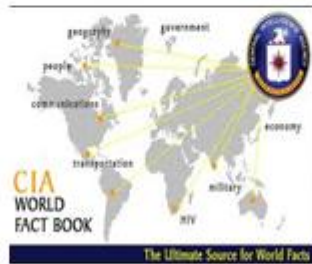
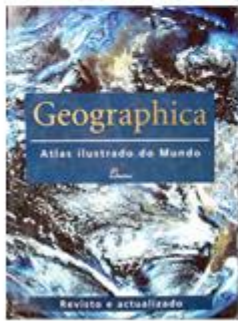
**Tema:** A Terra: Estudos e Representações.

**Sub-tema:** A localização dos diferentes elementos da superfície terrestre.



**Áreas geográficas em análise:** África, América do Sul, América do Norte e Central, Europa, Ásia e Oceânia.

**Material necessário:** Lápis de cor, papel vegetal.  
**Bibliografia:** Geographica; atlas ilustrado do mundo;  
 Manual de Geografia;  
**Webgrafia:** Google earth, Google imagens; CIA the world factbook, Apolo11; Mapas – Guia Geográfico  
**Nota:** a bibliografia e webgrafia recomendadas estarão disponíveis para consulta na sala de aula.



**Objectivo Geral do Trabalho:** localizar os diferentes elementos da superfície terrestre / fenómenos geográficos mais significativos dos diferentes continentes.

Através de

**O quê???**

Realização de um trabalho de pesquisa, para o qual deverão utilizar as diversas fontes indiretas de informação geográfica que colocamos ao vosso dispor.

Fase 1	Fase 2	Fase 3
Elaboração de Fichas de Identificação dos continentes	Cartografar os elementos pesquisados	Elaboração de cartazes / organização de uma exposição



### Exemplo de uma ilustração legendada



Serra da Estrela, Torre: o ponto de maior altitude de Portugal Continental (1993m): é limitada por três concelhos (Covilhã, Manteigas e Seia) e é o local onde podemos encontrar a única estância de SKI natural de Portugal



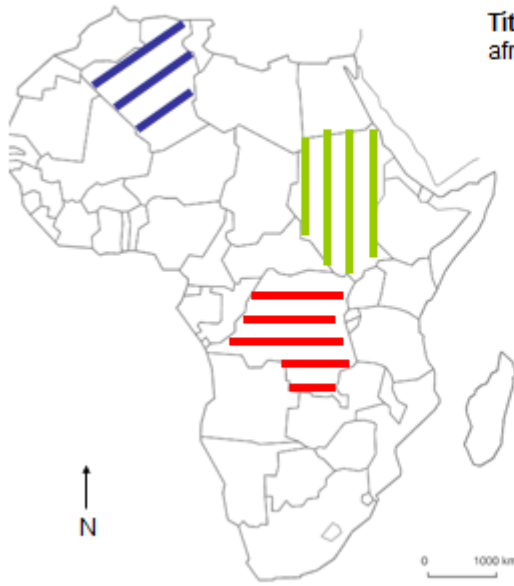
Serra da Estrela, Torre: Imagem de Satélite onde se pode visualizar o cume gelado.

Fonte: Google Earth

## Como???


Fase Nº2	
Tarefa	Fontes de pesquisa e elementos a pesquisar/representar
2.1. Recolher os mapas do continente fornecidos pelo professor.	O professor distribuirá os mapas que serão utilizados durante a fase nº 2 do trabalho de pesquisa.
2.2. Completar os mapas políticos e demográficos dos continentes, efectuando a respectiva legenda.	<b>Material a utilizar:</b> mapa político e demográfico do continente, papel vegetal e lápis de cor. <b>Elementos a representar:</b> Mapa 1 - os países em falta e respectivas capitais, Mapa 2 - os 3 países com maior extensão territorial, Mapa 3 - os 3 países mais populosos Mapa 4 - países onde se falam as 3 línguas mais faladas no continente.
2.3. Representar no mapa físico do continente os fenómenos físicos mais relevantes.	<b>Material a utilizar:</b> Mapa físico do continente, papel vegetal e lápis de cor. <b>Elementos a representar:</b> Mapa 1 - principais formas de relevo, rios, desertos, glaciares e áreas de floresta.


**Exemplo de uma informação cartografada**




**Título:** Os 3 maiores países africanos em extensão territorial.

**Legenda:**

Argélia (2 381 741 km<sup>2</sup>) 

R.D. Congo (2 344 858 ) 

Sudão (1 886 068 km<sup>2</sup>) 

<b>Fase nº 3</b>	
<b>Tarefa</b>	<b>Fontes de pesquisa e elementos a pesquisar/representar</b>
<p>3.1. Elaboração de cartazes com a informação pesquisada e tratada nas fases 1 e 2 e organização de exposição na escola.</p>	<p>Microsoft Office: Word, Paint.</p>

Como???

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_


\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_


\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

+



+



Serra da Estrela, Torre: imagem de Satélite onde se pode visualizar o cume gelado.

## AVALIAÇÃO

1. Trabalho em sala de aula		
Elemento de avaliação	% na avaliação	Total
1.1. Empenho na realização das actividades	10%	<b>40 %</b>
1.2. Capacidade de colaboração e comunicação com o grupo	10%	
1.3. Cumprimento do trabalho individual	10%	
1.4. Respeito pelos colegas e professores	10%	

2. Documento Final		
Elemento de avaliação	% na avaliação	Total
2.1. Organização e apresentação gráfica	12%	<b>60 %</b>
2.2. Correção científica	12%	
2.3. Pertinência das imagens apresentadas	12%	
2.4. Elaboração de textos próprios nas descrições	12%	
2.5. Correção da informação cartografada.	12%	

**Todos os alunos serão avaliados pelo seu desempenho individual assim como pelo desempenho geral do grupo**

## Quando???

### CALENDARIZAÇÃO:

16 de Novembro – 4ª feira: apresentação do trabalho; definição de metodologia e objectivos; constituição dos grupos.

23 de Novembro – 4ª feira: Fase nº1

30 de Novembro – 4ª feira: Fase nº 2

07 de Dezembro – 4ª feira: Fase nº 3

Anexo 13 – Grelhas de avaliação do trabalho de grupo

**Avaliação Individual do Trabalho de Grupo**

7ºA

<b>Nome</b>	<b>Nº</b>	<b>Grupo</b>	<b>1.1</b>	<b>1.2</b>	<b>1.3</b>	<b>1.4</b>	<b>Total</b>
Alice Ferreira	2	Europa	10	10	10	10	40
Ana Profeta	3	Europa	7,5	10	7,5	10	35
Ana Dias	4	África	7,5	7,5	7,5	10	32,5
Ana Antunes	5	Europa	10	10	10	10	40
André Castro	6	Ásia	7,5	7,5	7,5	10	32,5
Beatriz Silva	7	África	10	7,5	7,5	10	35
Carlos Marçal	8	África	10	7,5	7,5	10	35
Carolina Almeida	9	África	10	7,5	7,5	10	35
Chantal Encarnação	10	África	10	7,5	7,5	10	35
Cíntia Ferreira	11	A. Norte /Central	7,5	7,5	10	10	35
Diana Torres	12	A. Norte /Central	7,5	7,5	7,5	10	32,5
Filipa Pinto	13	A. Norte /Central	7,5	7,5	7,5	10	32,5
Gonçalo Freire	14	A. Norte /Central	7,5	7,5	7,5	10	32,5
Jéssica Neves	15	América do Sul	7,5	7,5	10	10	35
Joana Machado	16	América do Sul	7,5	7,5	7,5	10	32,5
Jorge Melo	17	América do Sul	10	7,5	10	10	37,5
Matilde Neves	18	Ásia	10	7,5	10	10	37,5
Miguel Alves	19	América do Sul	10	7,5	10	10	37,5
Miguel Alves	20	Oceânia	7,5	5	10	10	32,5
Pedro Ribeiro	21	Ásia	7,5	7,5	7,5	10	32,5
Pedro Andrade	22	Oceânia	5	5	7,5	10	27,5
Rúben Monteiro	23						
Sara Sousa	24	Oceânia	7,5	5	7,5	10	30
Selma Costa	25	Oceânia	7,5	5	10	10	32,5
Telma Costa	26	Ásia	10	7,5	10	10	37,5
Tiago Sousa	27	A. Norte /Central	2,5	2,5	2,5	10	17,5
Tiago Filipe	28	Ásia	7,5	7,5	7,5	10	32,5
Diogo Silva	30	Europa	10	10	10	10	40

**Avaliação documento final - Trabalho de Grupo**

7ºA

<b>Grupo</b>	<b>2.1</b>	<b>2.2</b>	<b>2.3</b>	<b>2.4</b>	<b>2.5</b>	<b>Total</b>
Europa	12	9	12	6	12	51
África	9	9	12	6	9	45
Ásia	9	9	12	6	9	45
A. Norte /Central	9	9	12	6	6	42
América do Sul	9	9	12	6	12	48
Oceânia	6	9	12	6	9	42

**Avaliação Final Trabalho de Grupo sobre os Continentes.**

7ºA

<b>Nome</b>	<b>Nº</b>	<b>Grupo</b>	<b>Av. Individual</b>	<b>Av. Doc. Final</b>	<b>Av. Final</b>
Alice Ferreira	2	Europa	40	51	<b>91</b>
Ana Profeta	3	Europa	35	51	<b>86</b>
Ana Dias	4	África	32,5	45	<b>77,5</b>
Ana Antunes	5	Europa	40	51	<b>91</b>
André Castro	6	Ásia	32,5	45	<b>77,5</b>
Beatriz Silva	7	África	35	45	<b>80</b>
Carlos Marçal	8	África	35	45	<b>80</b>
Carolina Almeida	9	África	35	45	<b>80</b>
Chantal Encarnação	10	África	35	45	<b>80</b>
Cíntia Ferreira	11	A. Norte /Central	35	42	<b>77</b>
Diana Torres	12	A. Norte /Central	32,5	42	<b>74,5</b>
Filipa Pinto	13	A. Norte /Central	32,5	42	<b>74,5</b>
Gonçalo Freire	14	A. Norte /Central	32,5	42	<b>74,5</b>
Jéssica Neves	15	América do Sul	35	48	<b>83</b>
Joana Machado	16	América do Sul	32,5	48	<b>80,5</b>
Jorge Melo	17	América do Sul	37,5	48	<b>85,5</b>
Matilde Neves	18	Ásia	37,5	45	<b>82,5</b>
Miguel Alves	19	América do Sul	37,5	48	<b>85,5</b>
Miguel Alves	20	Oceânia	32,5	42	<b>74,5</b>
Pedro Ribeiro	21	Ásia	32,5	45	<b>77,5</b>
Pedro Andrade	22	Oceânia	27,5	42	<b>69,5</b>
Rúben Monteiro	23				
Sara Sousa	24	Oceânia	30	42	<b>72</b>
Selma Costa	25	Oceânia	32,5	42	<b>74,5</b>
Telma Costa	26	Ásia	37,5	45	<b>82,5</b>
Tiago Sousa	27	A. Norte /Central	17,5	42	<b>59,5</b>
Tiago Filipe	28	Ásia	32,5	45	<b>77,5</b>
Diogo Silva	30	Europa	40	51	<b>91</b>

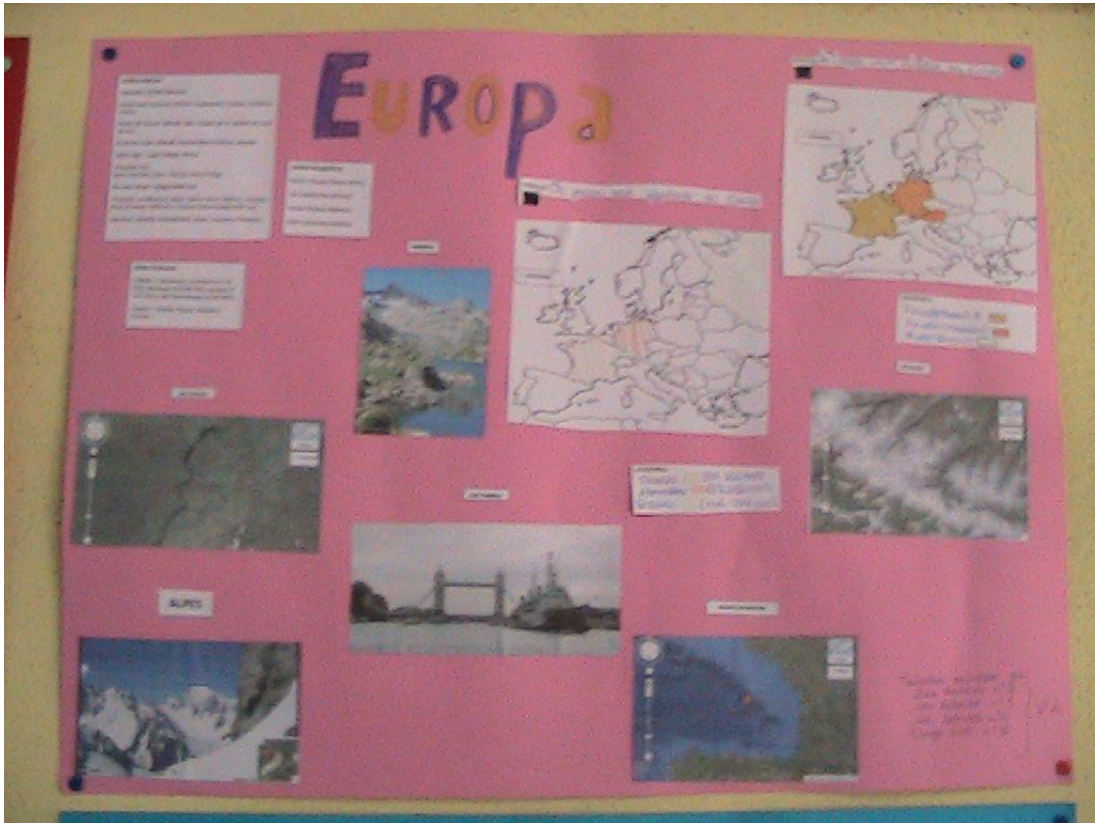
Anexo 14 – Fotografias da exposição do trabalho de grupo.















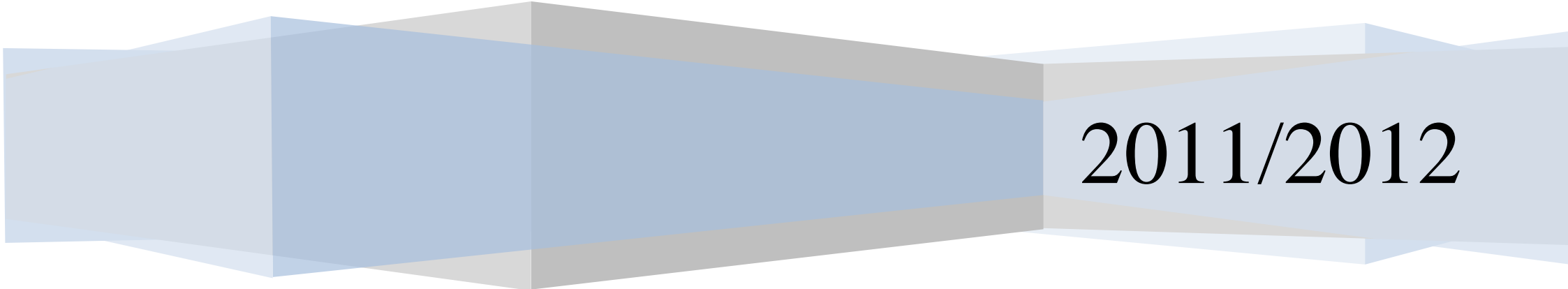
Anexo 15 – Plano Curricular de história – 12.º ano

Escola Secundária Miguel Torga

# Planificação anual

História A

12º ano



2011/2012

## Competências Gerais

- **Pesquisar, de forma autónoma mas planificada**, em meios diversificados, informação relevante para assuntos em estudo, organizando-a segundo critérios de pertinência;
- **Analisar fontes de natureza diversa**, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respectivos limites para o conhecimento do passado;
- **Analisar textos historiográficos**, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação susceptível de revisão em função dos avanços historiográficos;
- **Situar cronológica e espacialmente** acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram;
- **Identificar a multiplicidade de factores e a relevância da acção de indivíduos ou grupos**, relativamente a fenómenos Históricos circunscritos no tempo e no espaço;
- **Situar e caracterizar aspectos relevantes da história de Portugal, europeia e mundial**;
- **Relacionar a história de Portugal com a história europeia e mundial**, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional
- **Assumir responsabilidades em actividades individuais e de grupo**;
- **Participar em dinâmicas de equipa**, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e proffcuas;
- **Manifestar abertura à Dimensão intercultural** das Sociedades contemporâneas;
- **Disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação.**
- 

### **Módulo 7 – CRISES, EMBATES IDEOLÓGICOS E MUTAÇÕES CULTURAIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

#### **Orientação Geral:**

O módulo 7 abrange um período de intervencionismo do Estado em todos os domínios da sociedade, devendo ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:

- destacar a especificidade das ideologias em confronto e os processos de radicalização que ocorreram;
- salientar as relações entre os aspectos económicos, políticos e ideológicos e as transformações socioculturais e de mentalidade que progressivamente se foram afirmando;
- clarificar a evolução de Portugal no período em análise, destacando os condicionalismos internos e as marcas da influência de modelos externos.

**Tempo previsto:** 32 aulas, sendo de **aprofundamento** os pontos **1.1., 1.2., 1.4., 1.5., 2.2., 2.3. e 2.5.**, para os quais serão reservadas **25 aulas**.

**Conhecimentos do Ensino Básico considerados como suporte:** *A Primeira Guerra Mundial; A Revolução Soviética.*



<p>sociais e nas opções de política interna e externa dos Estados demoliberais;</p> <p>- Relacionar os períodos de crise gerados pelo capitalismo liberal com a expansão de novas ideologias e com a inflexão intervencionista dos Estados democráticos;</p> <p>-Caracterizar a ideologia fascista, distinguindo particularismos e influências mútuas;</p>	<p>- <b>As vanguardas: rupturas com os cânones das artes e da literatura.</b></p> <p><b>1.5. Portugal no primeiro pós-guerra</b></p> <p>- <b>As dificuldades económicas e a instabilidade política e social; a falência da 1ª República.</b></p> <p>- <b>Tendências culturais: entre o naturalismo e as vanguardas.</b></p> <p>2. O agudizar das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30</p> <p>2.1. A grande depressão e o seu impacto social.</p> <p><b>2.2. As opções totalitárias</b></p> <p>- <b>Os fascismos, teoria e práticas: uma nova ordem nacionalista, anti-liberal e antisocialista; elites e enquadramento das massas; o culto da força e da violência e a negação dos direitos humanos; a autarcia como modelo económico.</b></p> <p>- <b>O estalinismo: planificação da economia, colectivização dos campos, burocratização do partido; repressão.</b></p> <p><b>2.3. A resistência das democracias liberais</b></p> <p>- <b>O intervencionismo do Estado.</b></p> <p>- <b>Os governos de Frente Popular e a mobilização dos</b></p>	<p>Fauvismo Cubismo Abstraccionismo Futurismo Dadaísmo Surrealismo</p> <p>Crash bolsista Deflação Inflação</p> <p>Totalitarismo* Fascismo* Nazismo* Corporativismo* Anti-semitismo Genocídio Propaganda</p> <p>Intervencionismo* <i>New Deal</i></p>	<p>1933 (p. ex., artigo 8º, “Direitos e Garantias Individuais”) e de excertos de discursos de Salazar que evidenciem as restrições às liberdades no Estado Novo.</p> <p>- Leitura de mensagens veiculadas por cartazes e <i>slogans</i> de propaganda dos regimes políticos estudados – análise dos processos utilizados para suscitar a adesão das massas.</p> <p>- Visita de estudo ao Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian ou outros, para contacto com obras plásticas, pertencentes ao acervo dos museus ou patentes em exposições temporárias. Visita virtual a museus estrangeiros com colecções de obras de arte do período em estudo.</p> <p>- Cotejo de imagens e de textos teóricos que evidenciem a feição normalizadora da arquitectura e do urbanismo, p. ex., dos arquitectos da Bauhaus; Carta de Atenas; textos dos CIAM.</p> <p>- Visionamento e análise de documentários cinematográficos ou excertos de filmes que recriem a época em estudo, p. ex., <i>Reds</i> de W. Beatty (1981); <i>A Rosa Púrpura do Cairo</i> (1985) de Woody Allen; <i>A Lista de Schindler</i> de Spielberg (1994); <i>A Vida é Bela</i> de Benigni (1997);</p> <p>- Audição de obras significativas das vanguardas musicais, p. ex., de Stravinsky, de Schonberg, de Alban Berg. Audição de composições musicais de resistentes antifascistas, p. ex., Fernando Lopes Graça.</p> <p><b>Trabalhos em equipa:</b></p> <p>- Recolha de memórias orais sobre o Estado Novo, a guerra civil de Espanha, a 2ª Guerra mundial.</p> <p>- Realização de uma pequena biografia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• de uma figura feminina representativa da luta pelos direitos das mulheres ou da assunção de uma causa política – ao nível mundial ou nacional - p. ex., Emmeline Pankhurst, recurso a <a href="http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/wpankhurstE.htm">http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/wpankhurstE.htm</a>; ou Rosa Luxemburgo, recurso a <a href="http://www.marxists.org/archive/luxemburg/">http://www.marxists.org/archive/luxemburg/</a>; recurso, para</li> </ul>	<p>4</p> <p>4</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>5</p>	
--	--	--	---	--	--

<p>- Compreender os condicionalismos internos e externos que, em Portugal, conduziram à falência do projecto político e social da 1ª República e que favoreceram a ascensão de forças conservadoras e a implantação de um regime autoritário;</p> <p>- Reconhecer que, no Estado Novo, a defesa da estabilidade e da autarcia se apoiou na adopção de mecanismos repressivos e impediu a modernização económica e social do país;</p> <p>- Distinguir cultura de elites e cultura de massas, avaliando o peso das massas nas transformações socioculturais e identificando formas de</p>	<p><b>cidadãos.</b></p> <p>2.4. A dimensão social e política da cultura</p> <p>- A cultura de massas e o desejo de evasão; os grandes entretenimentos colectivos; os <i>media</i>, veículo de modelos socioculturais.</p> <p>- As preocupações sociais na literatura e na arte; o funcionalismo e o urbanismo.</p> <p>- A cultura e o desporto ao serviço dos Estados.</p> <p><b>2.5. Portugal: o Estado Novo</b></p> <p>- <b>O triunfo das forças conservadoras; a progressiva adopção do modelo fascista italiano nas instituições e no imaginário político.</b></p> <p>- <b>Uma economia submetida aos imperativos políticos: prioridade à estabilidade financeira; defesa da ruralidade; obras públicas e condicionamento industrial; a corporativização dos sindicatos.</b></p> <p><b>A política colonial.</b></p> <p>- <b>O projecto cultural do regime.</b></p> <p>3. A degradação do ambiente internacional</p> <p>- A irradiação do fascismo no mundo.</p> <p>- As hesitações face à Guerra Civil de Espanha; a aliança contra o imperialismo do</p>	<p>Cultura de massas</p> <p>Estandardização de comportamentos</p> <p><i>Media</i></p> <p>Funcionalismo</p> <p>Realismo socialista</p>	<p>Portugal, a R. W. N. Lamas (1995). <i>Mulheres para além do seu tempo</i>. Lisboa: Livraria Bertrand;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• de um cientista, p. ex., A. Einstein, recurso a <a href="http://www.westegg.com/einstein/">http://www.westegg.com/einstein/</a>;</li> <li>• de políticos, p. ex., Roosevelt, recurso a <a href="http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USA.html">http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USA.html</a>, ou W. Churchill, recurso a <a href="http://www.winstonchurchill.org">http://www.winstonchurchill.org</a>.</li> </ul> <p>- Trabalho de síntese e debate – <i>Portugal e a Guerra Civil de Espanha</i>.</p> <p>Recolha, análise e tratamento da informação sobre o apoio do Estado Novo aos nacionalistas e a participação dos portugueses nos dois campos do conflito. Recurso a C. Oliveira (1988). <i>Salazar e a Guerra Civil de Espanha</i>, Lisboa: Edições “O Jornal”; a J. V. Moutinho (1998). <i>No Pasarán!</i>, Lisboa: Editorial Notícias; e a <a href="http://burn.ucsd.edu/scw.htm">http://burn.ucsd.edu/scw.htm</a>.</p> <p>- Trabalho escrito, exposição oral e debate - <i>A mulher nos regimes fascistas ou A formação da juventude nos regimes fascistas</i>.</p> <p>Recolha, análise e tratamento de informação sobre a mulher ou a educação da juventude e enquadramento nas sociedades alemãs e italiana; comparação com as condições existentes em Portugal durante o Estado Novo. Recurso a obras historiográficas e a fontes – discursos políticos, livros didácticos, imprensa, cartazes de propaganda, representação na pintura e documentários filmados. Recolha de memória oral. Apresentação do trabalho à turma, seguida de debate.</p> <p>- Trabalho multimédia e debate - <i>O Holocausto</i>.</p> <p>Recolha de informação sobre o Holocausto. Recurso a bibliografia</p> <p><i>Trabalho de grupo: Portugal – dentro e fora das vanguardas.</i></p> <p>Recolha de informação sobre percursos artísticos portugueses, na primeira metade do século XX, sua articulação com as transformações culturais coetâneas e visibilidade no país e no estrangeiro. Selecção de imagens de obras arquitectónicas ou plásticas emblemáticas. Organização de tabelas cronológicas e selecção de dados que contextualizem as imagens.</p> <p>- Organização de uma sessão de visionamento de um filme</p>	<p>2</p> <p>3</p>	<p>Nov</p>
--	---	---	--	-------------------	------------

controlo do comportamento da mesmas.	eixo nazifascista; a mundialização do conflito.		<p>- <i>Linguagens e temas do cinema nas décadas de 30 e 40.</i>  Visionamento prévio do filme pela turma. Recolha de informação sobre o realizador, a corrente em que eventualmente se integra, o tema tratado, os processos fílmicos utilizados. Elaboração de um pequeno folheto, a colocar à disposição dos espectadores, que oriente o debate após o visionamento.  Sugestões de temas:  • <i>A sátira</i> - p. ex., <i>Os Tempos Modernos</i> (1936) ou <i>O Grande Ditador</i> (1940), de C. Chaplin;  • <i>Retratos de Portugal nos anos 40</i> – p. ex., <i>O Leão da Estrela</i> de Artur Duarte (1947); <i>Aniki-Bobó</i> de Manoel de Oliveira (1942).</p> <p><b>Ao longo do módulo:</b> análise de documentos vários do manual ou projectados  Realização de fichas de trabalho do caderno de actividades  Recurso a metodologias: dialogo orientado, trabalho cooperativo, construtivismo, educação multicultural, exposição oral, debate.  Recurso às TIC: como motivação, consolidação de conhecimentos ou construção do conhecimento</p>	5	Dez
--------------------------------------	---	--	---	---	-----

**Na sequência da actividade desenvolvida, relevam-se as seguintes aprendizagens:**

- \*\*compreender o corte que se opera na mentalidade confiante e racionalista da sociedade burguesa de início do século XX, devido ao choque da Primeira Guerra Mundial, às crises subsequentes e à evolução técnica do mundo industrial;
- \*\*reconhecer como principais vectores da mudança cultural, no limiar do século, a emergência do relativismo científico, a influência da psicanálise e a ruptura com os cânones clássicos da arte europeia;
- \*\*compreender a expansão de regimes autoritários como reflexo do problema do enquadramento das massas na vida política, em países em que a democracia representativa não se consolidara;
- \*\*avaliar o impacto exercido pelo modelo soviético nos movimentos sociais e nas opções de política interna e externa dos Estados demoliberais;
- \*\*relacionar os períodos de crise gerados pelo capitalismo liberal com a expansão de novas ideologias e com a inflexão intervencionista dos Estados democráticos;
- \*\*caracterizar a ideologia fascista, distinguindo particularismos e influências mútuas;
- \*\*compreender os condicionalismos internos e externos que, em Portugal, conduziram à falência do projecto político e social da 1ª República e que favoreceram a ascensão de forças conservadoras e a implantação de um regime autoritário;
- \*\*reconhecer que, no Estado Novo, a defesa da estabilidade e da autarcia se apoiou na adopção de mecanismos repressivos e impediu a modernização económica e social do país;
- distinguir cultura de elites e cultura de massas, avaliando o peso das massas nas transformações socioculturais e identificando formas de controlo do comportamento das mesmas.

## Módulo 8 – PORTUGAL E O MUNDO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL AO INÍCIO DA DÉCADA DE 80 – OPÇÕES INTERNAS E CONTEXTO INTERNACIONAL

### Orientação Geral:

O módulo 8 estrutura-se em torno de dois eixos que requerem tipos de abordagem diferentes: analítica, sobre História de Portugal; sintética, sobre História Geral. Deve ser desenvolvido em função da seguinte orientação:

- destacar a interação entre a política interna e externa dos Estados, e o seu condicionamento por factores geoestratégicos;
- realçar a profundidade da ruptura operada pela Revolução de Abril na sociedade portuguesa, bem como o seu impacto internacional;
- evidenciar as transformações socioculturais do terceiro quartel do século, quer ampliando tendências já desenhadas no período anterior, quer anunciando mudanças que se afirmarão a partir dos anos oitenta.

**Tempo previsto:** 32 aulas, sendo de **aprofundamento** os pontos **1.2.**, **2.1.** e **2.2.**, para os quais serão reservadas **25 aulas**.

**Aprendizagens do Ensino Básico consideradas como suporte:** *A Segunda Guerra Mundial.*

Competências específicas	Conteúdos	Conceitos	Experiências de aprendizagem		
				Blocos	Mês
<p>- Compreender que, após a 2ª Guerra Mundial, a vida internacional foi determinada pelo confronto entre as duas superpotências defensoras de ideologias e de modelos político-económicos antagónicos;</p> <p>- Caracterizar as políticas económicas e sociais das democracias ocidentais, no 2º pós-guerra; - Perspectivar as razões do crescimento económico do mundo ocidental, bem como as da recessão dos anos 70 e as respectivas implicações sociais;</p>	<p>Nascimento e afirmação de um novo quadro geopolítico</p> <p>1.1. A reconstrução do pós-guerra</p> <p>- A definição de áreas de influência; a Organização das Nações Unidas; as novas regras da economia internacional. A primeira vaga de descolonizações.</p> <p><b>1.2. O tempo da Guerra Fria - a consolidação de um mundo Bipolar</b></p> <p>- <b>O mundo capitalista: a política de alianças liderada pelos EUA; a prosperidade económica e a sociedade de consumo; a afirmação do Estado-providência.</b></p> <p>- <b>O mundo comunista: o expansionismo soviético;</b></p>	<p>Descolonização*</p> <p>Guerra Fria*</p> <p>Social-democracia*</p> <p>Democracia cristã*</p> <p>Sociedade de consumo</p>	<p>Análise de mapas: sistema de alianças e evolução das áreas de influência entre 1945 e 1980; conflitos e zonas de tensão no mesmo período; evolução política do globo na sequência das descolonizações; adesões à ONU e à NATO; construção e alargamento da CE; fluxos migratórios.</p> <p>- Análise de tabelas cronológicas: conflitos e conferências para o desarmamento durante a Guerra Fria; etapas da descolonização; movimentos de contestação ao regime português; tensões políticas em Portugal entre 1974 e 1982; inovação científica e tecnológica; aparecimento e afirmação de correntes culturais.</p> <p>- Recolha, análise e tratamento gráfico de dados quantitativos: ajudas financeiras no âmbito do plano Marshall; evolução económica e demográfica de países e áreas do globo; corrida aos armamentos. Portugal: evolução económica e demográfica; fluxos migratórios e de capitais; participação em actos eleitorais; movimentos grevistas.</p> <p>- Análise de excertos de documentos: <i>Carta das Nações Unidas; Declaração Universal dos Direitos do Homem; Constituições europeias do pós-guerra; Lei Orgânica do Ultramar Português; Programa do Movimento das Forças Armadas Portuguesas; Constituição Portuguesa de 1976 e Revisão de 1982.</i></p>	<p><b>2</b></p> <p><b>8</b></p>	<p>2 testes sumativos</p> <p>Avaliação formativa</p> <p>Trabalho de grupo</p> <p>Jan</p>

<p>- Relacionar a aceleração dos movimentos independentistas com o direito internacional estabelecido após a Segunda Guerra Mundial e com a luta das superpotências no contexto da Guerra Fria; Identificar os condicionalismos que concorreram para o enfraquecimento do bipolarismo na década de 70;</p> <p>-Analisar a manutenção do regime do Estado Novo nos anos do pós-guerra no quadro internacional da Guerra Fria;</p> <p>- Relacionar a fragilidade da tentativa liberalizadora e de modernização económica do marcelismo com o</p>	<p><b>opções e realizações da economia de direcção central.</b></p> <p><b>- A escalada armamentista e o início da era espacial.</b></p> <p>1.3. A afirmação de novas potências</p> <p>- O rápido crescimento do Japão; o afastamento da China do bloco soviético; a ascensão da Europa.</p> <p>- A política de <i>não-alinhamento</i>; a segunda vaga de descolonizações.</p> <p>1.4. O termo da prosperidade económica: origens e efeitos.</p> <p><b>2. Portugal do autoritarismo à democracia</b></p> <p><b>2.1. Imobilismo político e crescimento económico do pós-guerra a 1974</b></p> <p><b>- Estagnação do mundo rural; emigração. Surto industrial e urbano; fomento económico nas colónias.</b></p> <p><b>- A radicalização das oposições e o sobressalto político de 1958; a questão colonial - soluções preconizadas, luta armada, isolamento internacional.</b></p> <p><b>- A “primavera marcelista”:</b></p> <p><b>reformismo político não</b></p>	<p>Democracia popular</p> <p>Maoísmo</p> <p>Movimento nacionalista</p> <p>Terceiro Mundo</p> <p>Neocolonialismo</p> <p>Oposição democrática*</p>	<p>- Audição de canções de protesto político, p. ex., de Adriano Correia de Oliveira ou de José Afonso, recurso a <a href="http://alfarrabio.um.geira.pt/Zeca/dis.html">http://alfarrabio.um.geira.pt/Zeca/dis.html</a>; leitura de poemas de intervenção política de autores como Sophia de Mello Breyner, Ary dos Santos ou Manuel Alegre; audição de canções representativas dos movimentos internacionais dos anos 60, p. ex., de Joan Baez ou de Bob Dylan.</p> <p>Visita virtual a museus nacionais e estrangeiros com colecções de obras de arte contemporâneas, p. ex., MOMA.</p> <p>- Visionamento e análise de documentários cinematográficos ou de excertos de filmes realizados na época ou que a recriem: <i>Platoon</i> de Oliver Stone (1986); <i>O Último Imperador</i> de B. Bertolucci (1998); <i>Pollock</i> de Ed Harris (2001).</p> <p>- Elaboração de fichas de leitura de textos representativos: de doutrinas políticas, p. ex.: excertos dos grandes líderes da reconstrução da Europa e da construção da Unidade Europeia; <i>Diplomacia</i> de H. Kissinger; <i>Livro Vermelho</i> de Mao Zedong; num âmbito mais restrito, <i>Discursos</i>, de Salazar e de Marcelo Caetano referentes à guerra colonial; da reflexão filosófica, p. ex., <i>O Existencialismo é um Humanismo</i> de Sartre; de preocupações ecuménicas, p. ex., <i>Declaração Sobre o Ecumenismo</i>, Concílio Vaticano II.</p> <p><b>Trabalhos em equipa:</b></p> <p>- Exposição - <i>A Organização das Nações Unidas</i>. Recolha, análise e tratamento da informação sobre a fundação da ONU, no contexto da época em estudo: objectivos, forma de funcionamento, organismos especializados e actuação.</p> <p>- Elaboração de pequena biografia de figuras representativas: da luta pelos direitos humanos, p. ex., Martin Luther King (recurso a <a href="http://www.stanford.edu/group/king">http://www.stanford.edu/group/king</a>); da luta pela independência das colónias, p. ex., Leopold Senghor (recurso a <a href="http://www.afric-network.fr/afric/senegal/histoire/senghor.html">http://www.afric-network.fr/afric/senegal/histoire/senghor.html</a>), Amílcar Cabral (recurso a <a href="http://www.fallenmartyrs.com/">http://www.fallenmartyrs.com/</a>);</p> <p>- Organização de um trabalho de síntese - <i>Olhares cruzados sobre a guerra colonial portuguesa</i>.</p>	<p><b>3</b></p> <p><b>1</b></p> <p><b>8</b></p>	<p>Jan</p> <p>Fev</p>
--	---	--	--	---	-----------------------

<p>anacronismo da sua solução para o problema colonial.</p> <p>- Perspectivar o sucesso da Revolução de 74 no contexto da evolução interna do país e no quadro internacional; Reconhecer a modernização da sociedade portuguesa nas décadas de 60 e 70, nos comportamentos demográficos, na modificação de estrutura da população activa e na relativa aproximação dos portugueses a padrões de comportamento europeus; Identificar na Constituição de 1976 e na Revisão de 1982 a evolução do projecto de sociedade para Portugal emergente da Revolução de Abril;</p> <p>- Caracterizar as transformações culturais e de mentalidade ocorridas no período em estudo, reconhecendo o impacto no quotidiano da inovação científica e</p>	<p><b>sustentado; o impacto da guerra colonial.</b></p> <p><b>2.2. Da Revolução à estabilização da democracia</b></p> <p><b>- O Movimento das Forças Armadas e a eclosão da Revolução.</b></p> <p><b>- Desmantelamento das estruturas de suporte do Estado</b></p> <p><b>Novo; tensões político-ideológicas na sociedade e no interior do movimento revolucionário; política económica anti-monopolista e intervenção do Estado nos domínios económico e financeiro. A opção constitucional de 1976.</b></p> <p><b>- O reconhecimento dos movimentos nacionalistas e o processo de descolonização.</b></p> <p><b>- A revisão constitucional de 1982 e o funcionamento das instituições democráticas.</b></p> <p>2.3. O significado internacional da revolução portuguesa.</p> <p>3. As transformações sociais e culturais do terceiro quartel do século XX</p> <p>- A importância dos pólos culturais anglo-americanos. A</p>	<p>Poder popular*</p> <p>Nacionalização*</p> <p>Reforma agrária*</p>	<p>Recolha de informação em textos de dirigentes portugueses, políticos e militares, de ideólogos dos movimentos de libertação, de exilados, de combatentes e de portugueses oriundos das ex-colónias. Acompanhar com trabalho de recolha de memória oral de testemunhas civis e militares (recurso a J. Drumond e H. Barber. (s/d). <i>Angola: Depoimentos para a História Recente (1950-1976)</i>; a Vasco Lourenço (1975). <i>No Regresso Vinham Todos, Relato da Companhia</i> n° 2549. Lisboa: Editorial Notícias; e a <i>Memórias da Guerra Colonial</i> – <a href="http://www.uc.pt/ceis20/colonial">http://www.uc.pt/ceis20/colonial</a>).</p> <p>- Encenação de uma sessão da Assembleia Constituinte de 75/76; recurso a <i>Constituição da República Portuguesa</i>, 1976 (anotada), Victor Silva Lopes. Lisboa: Editus e a <i>Vozes da Assembleia da República – Uma exposição virtual 25 anos depois</i> - <a href="http://www.seap.gov.pt/vozes">www.seap.gov.pt/vozes</a>.</p> <p>- Organização de uma sessão comemorativa de efeméride, aberta à escola, p. ex., <i>O nascimento da democracia em Portugal</i>. Recolha de dados sobre a Revolução de Abril, sucessos político-sociais subsequentes e seus protagonistas, selecção e exposição de dados que contextualizem fotografias/imagens apresentadas. Recurso a publicações do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, nomeadamente aos materiais constantes da “maleta pedagógica”, ao CD-Rom <i>25 de Abril: Uma Aventura para a Democracia</i> e a <a href="http://www.ci.uc.pt/cd25a/">http://www.ci.uc.pt/cd25a/</a>.</p> <p>Trabalho escrito de pesquisa e em equipa de análise de documentos para o tema As transformações sociais e culturais do terceiro quartel do século XX.</p> <p><b>Ao longo do módulo:</b> análise de documentos vários do manual ou projectados</p> <p>Realização de fichas de trabalho do caderno de actividades</p> <p>Recurso a metodologias: dialogo orientado, trabalho cooperativo, construtivismo, educação multicultural, exposição oral, debate.</p> <p>Recurso às TIC: como motivação, consolidação de conhecimentos ou construção do conhecimento.</p>	<p>9</p>	<p>Mar</p>
--	---	--	---	----------	------------

<p>tecnológica e da pressão dos <i>media</i>;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Valorizar o empenhamento cívico e político, reconhecendo a importância do oposicionismo da sociedade civil na desagregação de regimes autoritários.</li> </ul>	<p>reflexão sobre a condição humana nas artes e nas letras. O progresso científico e a inovação tecnológica.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A evolução dos <i>media</i>: os novos centros de produção cinematográfica; o impacto da TV e da música no quotidiano; a hegemonia de hábitos socioculturais norte-americanos.</li> <li>- Alterações na estrutura social e nos comportamentos: a terciarização da sociedade; os anos 60 e a gestação de uma nova mentalidade - procura de novos referentes ideológicos,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Expressionismo abstracto</li> <li>Pop art</li> <li>Arte conceptual</li> <li>Existencialismo</li> <li>Ecumenismo</li> <li>Ecologia</li> <li>Movimento pacifista</li> <li>Contracultura</li> </ul>	<p><i>Visita de Estudo à Assembleia da República</i></p>		
---	---	---	--	--	--

**Na sequência da actividade desenvolvida, relevam-se as seguintes aprendizagens:**

- \*\*compreender que, após a 2ª Guerra Mundial, a vida internacional foi determinada pelo confronto entre as duas superpotências defensoras de ideologias e de modelos político-económicos antagónicos;
- \*\*caracterizar as políticas económicas e sociais das democracias ocidentais, no 2º pós-guerra;
- perspectivar as razões do crescimento económico do mundo ocidental, bem como as da recessão dos anos 70 e as respectivas implicações sociais;
- relacionar a aceleração dos movimentos independentistas com o direito internacional estabelecido após a Segunda Guerra Mundial e com a luta das superpotências no contexto da Guerra Fria;
- identificar os condicionalismos que concorreram para o enfraquecimento do bipolarismo na década de 70;
- analisar a manutenção do regime do Estado Novo nos anos do pós-guerra no quadro internacional da Guerra Fria;
- \*\*relacionar a fragilidade da tentativa liberalizadora e de modernização económica do marcelismo com o anacronismo da sua solução para o problema colonial;
- \*\*perspectivar o sucesso da Revolução de 74 no contexto da evolução interna do país e no quadro internacional;
- \*\*reconhecer a modernização da sociedade portuguesa nas décadas de 60 e 70, nos comportamentos demográficos, na modificação de estrutura da população activa e na relativa aproximação dos portugueses a padrões de comportamento europeus;
- \*\*identificar na Constituição de 1976 e na Revisão de 1982 a evolução do projecto de sociedade para Portugal emergente da Revolução de Abril;
- caracterizar as transformações culturais e de mentalidade ocorridas no período em estudo, reconhecendo o impacto no quotidiano da inovação científica e tecnológica e da pressão dos *media*;
- valorizar o empenhamento cívico e político, reconhecendo a importância do oposicionismo da sociedade civil na desagregação de regimes autoritários.

## Modulo 9 - ALTERAÇÕES GEOESTRATÉGICAS, TENSÕES POLÍTICAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NO MUNDO ACTUAL

### Orientação Geral:

O módulo 9 centra-se no estudo da evolução ocorrida nas sociedades contemporâneas, na viragem do século XX para o século XXI, devendo ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:

- proporcionar uma visão do novo quadro internacional decorrente das transformações dos anos 80, evidenciando a diversidade de situações no mundo contemporâneo;
- destacar as alterações decorrentes da sociedade da informação e das novas perspectivas de globalização;
- reflectir sobre a especificidade do percurso português no último quartel do século XX.

**Tempo previsto:** 26 aulas, sendo de **aprofundamento** os pontos **1.2.**, **2.1.** e **3.**, para os quais serão reservadas **18 aulas**.

**Aprendizagens do Ensino Básico consideradas como suporte:** *As transformações do mundo contemporâneo.*

Competências específicas	Conteúdos	Conceitos	Experiências de aprendizagem	Calendarização	
				Blocos	Avaliação
<p>- Compreender o impacto da desagregação do bloco soviético na evolução geopolítica internacional;</p> <p>- Caracterizar pólos de desenvolvimento económico uniformizados pela economia de mercado e diferenciados pelas áreas culturais de pertença;</p> <p>- Analisar as dinâmicas de transformação da Europa, identificando a sua</p>	<p>1. O fim do sistema internacional da Guerra Fria e a persistência da dicotomia Norte-Sul 1.1. O colapso do bloco soviético e a reorganização do mapa político da Europa de Leste. Os problemas da transição para a economia de mercado</p> <p><b>1.2. Os pólos do desenvolvimento económico - Hegemonia dos Estados Unidos: supremacia militar, prosperidade económica, dinamismo científico e tecnológico.</b></p> <p>- <b>Consolidação da comunidade europeia; integração das novas democracias da Europa do Sul; a UE e as dificuldades na constituição de uma Europa</b></p>	<p>Perestroika</p> <p>Cidadania europeia</p>	<p>- Análise de mapas: evolução dos Estados soberanos no período considerado; regimes políticos; abrangência espacial de grandes grupos económicos multimédia; espaço de dominância das grandes religiões do globo; fluxos migratórios; áreas de atracção das grandes cidades.</p> <p>- Análise de tabelas cronológicas: principais acontecimentos políticos; inovação científica e mudanças tecnológicas; aparecimento e afirmação de correntes culturais.</p> <p>- Recolha, análise e tratamento de dados quantitativos referentes a: evolução económica; comportamentos demográficos; sectores de actividade económica; recepção, difusão e generalização de inovações tecnológicas; praticantes das grandes religiões do globo; fluxos migratórios.</p> <p>- Leitura crítica de excertos de artigos publicados em jornais e revistas contemporâneas sobre acontecimentos em estudo; levantamento dos processos utilizados nos <i>media</i> seleccionados.</p> <p>- Leitura de excertos de documentos representativos da consolidação da União Europeia, p. ex., Tratado de Maastricht (1992), Tratado de Amesterdão (1997), Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia (2000).</p> <p>Visita virtual a museus nacionais e estrangeiros com colecções de obras de arte contemporâneas.</p>	<p><b>1</b></p> <p><b>6</b></p>	<p>2 testes sumativos</p> <p>Avaliação formativa</p> <p>Trabalho de grupo</p> <p>Mar</p>

<p>importância no sistema mundial e perspectivando nesse processo a situação de Portugal;</p> <p>- Reconhecer a crise das sociedades do “Terceiro Mundo” e o papel da Guerra Fria e do seu desfecho na persistência de tensões pluriétnicas ou nacionalistas em regiões periféricas;</p> <p>- Analisar elementos definidores do tempo presente – fenómeno da massificação; hegemonia da cultura urbana; triunfo da electrónica; ideologia dos direitos humanos; consciência ecológica;</p> <p>- Valorizar uma nova cidadania de envolvimento em causas universais de dimensão ética.</p>	<p><b>política.</b></p> <p><b>- Afirmação do espaço económico da Ásia-Pacífico; a questão de Timor.</b></p> <p><b>- Modernização e abertura da China à economia de mercado; a integração de Hong Kong e de Macau.</b></p> <p>1.3. Permanência de focos de tensão em regiões periféricas</p> <p>- Degradação das condições de existência na África subsaariana; etnias e Estados.</p> <p>- Descolagem contida e endividamento externo na América latina; ditaduras e movimentos de guerrilha; a expansão das democracias.</p> <p>- Nacionalismo e confrontos políticos e religiosos no Médio Oriente e nos Balcãs.</p> <p>2. A viragem para uma outra era</p> <p><b>2.1. Mutações sociopolíticas e novo modelo económico</b></p> <p><b>- O debate do Estado-Nação; a explosão das realidades étnicas; as questões transnacionais: migrações, segurança, ambiente.</b></p> <p><b>- Afirmação do neo-liberalismo e globalização da economia. Rarefacção da classe operária; declínio da militância política e do sindicalismo.</b></p> <p>2.2. Dimensões da ciência e da cultura no contexto da</p>	<p>Tribalismo Sionismo Fundamentalismo</p> <p>Interculturalidade Ambientalismo Globalização Neo-liberalismo Biotecnologia Pós-modernismo PALOP</p>	<p>- Audição de composições musicais das novas vanguardas musicais, p. ex., de John Cage, de Philip Glass, de Emmanuel Nunes.</p> <p>- Realização de uma ficha de leitura de capítulos de <i>O Século XXI. Reflexões Sobre o Futuro</i> de Hobsbawm (2000).</p> <p><b>Trabalhos em equipa:</b></p> <p>- Elaboração de pequena biografia de figuras de projecção internacional ou pesquisa de informação sobre movimentos que se tenham destacado na luta pela conquista dos direitos do povo a que pertencem, p. ex., Nelson Mandela, (recurso a <a href="http://www.anc.org.za/people/mandela.html">http://www.anc.org.za/people/mandela.html</a>, Xanana Gusmão (<a href="http://www.cphc.org.uk/">http://www.cphc.org.uk/</a>), Movimento dos Sem Terra (<a href="http://www.mst.org.br/">http://www.mst.org.br/</a>).</p> <p>- Realização de debates. Sugestões:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>O imperialismo dos media - manipulação ou liberdade.</i></li> <li>• <i>Os avanços da ciência e da tecnologia – limites éticos.</i></li> <li>• <i>Fórum Económico Mundial/Fórum Social Mundial.</i></li> <li>• <i>Os crimes contra a Humanidade no banco dos réus.</i></li> <li>• <i>Ecologia e cidadania.</i></li> </ul> <p>- Trabalho de síntese:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>A segurança colectiva e a manutenção da paz.</i> Recolha de informação sobre a origem, evolução e consequências de conflitos políticos da actualidade e suas consequências sociais; o papel da ONU (recurso à imprensa, p. ex., <a href="http://www.monde.diplomatique.fr/cahier">http://www.monde.diplomatique.fr/cahier</a> ou <a href="http://www.un.org/">http://www.un.org/</a> e a T. G. Ash (2001). <i>História do Presente</i>. Lisboa: Editorial Notícias: ou</li> <li>• <i>Os refugiados e a solidariedade internacional.</i> Pesquisa sobre a acção das ONG, p. ex., Médicos Sem Fronteiras (<a href="http://www.msf.org">http://www.msf.org</a>), Cruz Vermelha (<a href="http://www.croix.rouge.fr/">http://www.croix.rouge.fr/</a>) e Alto Comissariado das Nações Unidas Para os Refugiados (<a href="http://www.unhcr.ch/french/fwelcome.htm">http://www.unhcr.ch/french/fwelcome.htm</a>) no teatro dos vários conflitos e nos campos de refugiados. Os alunos debatem os temas e em grupo registam a sua reflexão.</li> </ul> <p>- identificação de problemas e de temáticas surgidas em tempos</p>	<p>4</p> <p>6</p>	<p>Mar</p> <p>Abr</p> <p>Mai</p>
--	--	--	---	-------------------	----------------------------------





## TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

### GUIÃO

**Disciplina:** História A

**Ano:** 12º

**Turma:** H

**Tema:** Portugal e o Mundo: da 2ª Guerra Mundial ao Início da Década de 80 – Opções Internas e Contexto Internacional.

**Conteúdo a desenvolver:** Guerra Colonial.

**Cronologia:** 1961-1974

**Espaços:** Portugal (Metrópole e Províncias Ultramarinas de Angola, Moçambique e Guiné)

**Fonte de investigação:** sítio da Internet - “Guerra Colonial – 1961/74”

<http://www.guerracolonial.org>

**Suporte de elaboração do trabalho:** Documento em Microsoft Word - máximo 10 páginas (excluindo anexos) – espaçamento: 1,5 + entrevista gravada (suporte visual ou áudio).

**Duração prevista:** 2 aulas de 90 minutos (1ª aula dia 29 de fevereiro; 2ª aula dia 1 de março)

**Nota:** O trabalho pode (e deve) ser igualmente elaborado (ou completado) fora da sala de aula.

**Data de Entrega:** 7 de Março (o trabalho poderá ser entregue em suporte digital)

**Grupos de Trabalho:** Grupos constituídos por 4/5 elementos.

**Avaliação:** Trabalho Individual (50%) Documento Final (50%)

#### **Objectivos:**

Os cinco grupos criados possuem os mesmos quatro objectivos:

1 – Contextualizar Portugal na cena internacional.

2 – Caracterizar os teatros de operações nas suas diversas particularidades.

3 - Problematizar os aspetos socioculturais mais relevantes vivenciados pelos portugueses no período descrito.

4 – Entrevistar uma pessoa que tenha vivido o período histórico estudado.

5 – Coligir os materiais obtidos nos pontos anteriores num documento escrito, coerente e cientificamente correcto.

Nota: o grupo deverá obrigatoriamente proceder à distribuição dos objectivos pelos seus elementos. Apenas os objectivos 4 e 5 deverão ser elaborados em conjunto pelos 5 elementos do grupo. O guião da entrevista deve ser preparado em conjunto embora a sua realização possa ser feita por apenas um dos elementos do grupo).

## **Descritores dos objectivos:**

### **Objectivo nº 1: Contextualizar Portugal na cena internacional.**

Através da análise dos documentos propostos pretende-se que o grupo reflita sobre o posicionamento de Portugal no contexto mundial, analisando as suas relações com os EUA, a ONU e as províncias ultramarinas, num contexto global bipolarizado onde decorre acelerado processo de descolonização.

Sugere-se a elaboração de uma reflexão própria e coerente, efectuada por escrito e reforçada com fotografias, gráficos e outros elementos visuais ou iconográficos

### **Documentos de trabalho sugeridos:**

A - “Portugal na cena internacional 1960-61”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=114>

B – “Portugal e os ventos da História”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=126>

C – “Portugal não é um país pequeno”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=230>

D – “Cronologia Geral Internacional”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=18&category=13&dateBegin=1960&dateEnd=1975>

E – “Descolonização do Continente Africano”

[http://www.guerracolonia.org/specific/querra\\_colonial/uploaded/flash/desocupacao\\_africa.swf](http://www.guerracolonia.org/specific/querra_colonial/uploaded/flash/desocupacao_africa.swf)

F – “Do impasse ao litígio: ONU e Portugal”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=117>

### **Objectivo nº 2: Caracterizar os teatros das operações nas suas diversas particularidades.**

Através da análise dos documentos propostos pretende-se que o grupo caracterize os principais teatros de operações (Angola, Moçambique e Guiné) particularizando as características de cada um dos movimentos de libertação (UPA-FNLA, MPLA, UNITA, FRELIMO e PAIGC) acompanhadas de pequenas biografias dos seus líderes, analise e trate os dados relativos aos contingentes militares portugueses envolvidos nas hostilidades (mobilizados, feridos e mortos) bem como problematize o quotidiano das tropas em combate.

Sugere-se a elaboração de uma reflexão própria e coerente, efectuada por escrito e reforçada com fotografias, gráficos e outros elementos visuais ou iconográficos.

#### **Documentos de trabalho sugeridos:**

G – “Cronologia Guerra Colonial Angola”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=18&category=4&dateBegin=1960&dateEnd=1975>

H – “Cronologia Guerra Colonial Moçambique”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=18&category=6&dateBegin=1960&dateEnd=1975>

I – “Cronologia Guerra Colonial Guiné”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=18&category=5&dateBegin=1960&dateEnd=1975>

J – “Estatística do Total de efectivos”

[http://www.guerracolonia.org/resize\\_image?resource=2099](http://www.guerracolonia.org/resize_image?resource=2099)

K – “Estatística Deficientes durante a Guerra Colonial”

[http://www.guerracolonia.org/specific/guerra\\_colonial/uploaded/graficos/estaticas/deficientes.swf](http://www.guerracolonia.org/specific/guerra_colonial/uploaded/graficos/estaticas/deficientes.swf)

L- “Estatística Mortos durante a Guerra Colonial”

[http://www.guerracolonia.org/specific/guerra\\_colonial/uploaded/graficos/estaticas/mortos.swf](http://www.guerracolonia.org/specific/guerra_colonial/uploaded/graficos/estaticas/mortos.swf)

M – “Mapa da Guerra”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=134>

N – “O Mato”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=135>

O – “Dados geográficos: Angola, Guiné e Moçambique”

<http://www.guerracolonia.org/index.php?content=260>

P – “Forças dos Movimentos de Libertação”

<http://www.guerracolonia.org/home#106>

Q – “Armas, Operações, Quartéis e Quotidiano; Feridas de Guerra”

<http://www.guerracolonia.org/home#107>

<http://www.guerracolonia.org/home#109>

#### **Objectivo nº 3: Apresentar os aspectos socioculturais mais relevantes vividos pelos portugueses no período descrito.**

Através da análise dos documentos propostos pretende-se que o grupo reúna elementos historiográficos que lhe permitam caracterizar o Portugal do período da guerra ultramarina, na perspectiva dos movimentos de apoio à actuação do regime relativamente ao ultramar (ex. Movimento Nacional Feminino) dos movimentos oposicionistas (ex: congressos da oposição democrática) e ainda, o “pulsar” da opinião pública relativamente à guerra, através de manifestações artísticas e culturais.

Sugere-se a elaboração de uma reflexão própria e coerente, efectuada por escrito e reforçada com fotografias, gráficos e outros elementos visuais ou iconográficos.

### **Documentos de trabalho sugeridos:**

R – “Crescer em tempo de guerra”

<http://www.guerracolonial.org/index.php?content=124>

S – “Resistência Anti-Fascista”

<http://www.guerracolonial.org/index.php?content=196>

T – “Estatística: faltosos à inspecção”

[http://www.guerracolonial.org/resize\\_image?resource=2071](http://www.guerracolonial.org/resize_image?resource=2071)

U – “O Correio durante a Guerra Colonial”

<http://www.guerracolonial.org/index.php?content=17>

V – “A Guerra nas Artes e nas Letras”

<http://www.guerracolonial.org/home#112>

W – “Embarque de Tropas no Cais de Alcântara”

<http://www.guerracolonial.org/index.php?content=2413>

X – “Congresso da Oposição Democrática em Aveiro 1973”~

<http://www.guerracolonial.org/index.php?content=2413>

### **Objectivo nº 4: Entrevistar uma pessoa que tenha vivido o período histórico estudado.**

Após a conclusão dos três primeiros objectivos, o grupo deverá seleccionar de entre os seus conhecidos (familiares, amigos, professores etc.) uma pessoa a quem proporá a realização de uma entrevista. A mesma deverá obrigatoriamente versar o período histórico em análise, sendo todavia livre o posicionamento do entrevistado durante a guerra (ex: ex-combatentes por Portugal ou pelos Movimentos de Libertação; adolescentes durante a guerra colonial; portugueses que retornaram à metrópole após o 25 de Abril etc.). A entrevista não tem limite de perguntas e pretende-se que, quando concluída, apresente claramente as recordações do entrevistado sobre a guerra colonial.

### **Objectivo nº5: Coligir os materiais obtidos nos pontos anteriores num documento escrito, coerente e cientificamente correcto.**

Todos os textos e ilustrações resultantes do trabalho elaborado previamente deverão ser coligidos num único documento. É obrigatória a elaboração de uma conclusão final que englobe os conhecimentos obtidos em 1, 2, 3 e 4.

Poderá ainda ser consultada bibliografia adicional disponível na biblioteca da escola.

As aulas de trabalho de grupo deverão ser aproveitadas para esclarecimento de todas dúvidas relativas ao mesmo.

No dia 1 de março será feita uma avaliação intermédia do trabalho.

Bom trabalho!

Anexo 17 – Descritores de nível de desempenho – Guerra Colonial

Objectivo 1:

20 pontos (x3 objectivos)

Descritores de nível de desempenho no domínio da comunicação em Língua Portuguesa			Níveis		
			3	2	1
Descritores do nível de desempenho No domínio específico da disciplina					
<b>Níveis</b>	<b>3</b>	Contextualizar Portugal na cena internacional: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relações de Portugal com os EUA</li> <li>• Relações de Portugal com a ONU</li> <li>• Relação com as províncias ultramarinas</li> </ul> Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.	20	19	17
	<b>2</b>	Nível Intercalar	15	14	12
	<b>1</b>	Um dos itens anteriores Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.	10	9	7

Objectivo 2:

20 pontos (x3 objectivos)

<b>Níveis</b>	<b>3</b>	Caracterizar os teatros de operações nas suas diversas particularidades. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterização geográfica dos teatros de operações (Angola, Moçambique e Guiné)</li> <li>• Características dos movimentos de libertação + biografias dos líderes.</li> <li>• Tratamento dos dados respeitantes aos contingentes militares portugueses + quotidiano das tropas em combate.</li> </ul> Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.	20	19	17
	<b>2</b>	Nível Intercalar	15	14	12
	<b>1</b>	Um dos itens anteriores Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.	10	9	7

Objectivo 3  
20 pontos (x 3 objectivos)

<b>Níveis</b>	<b>3</b>	<p>Apresentar os aspectos socioculturais mais relevantes vividos pelos portugueses no período descrito.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar as perspectivas dos movimentos de apoio ao regime relativamente à guerra colonial.</li> <li>• Apresentar as perspectivas dos movimentos oposicionistas relativamente à guerra colonial.</li> <li>• Caracterizar o “pulsar” da opinião pública face à guerra através de manifestações artísticas e culturais.</li> </ul> <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.</p>	20	19	17
	<b>2</b>	Nível Intercalar	15	14	12
	<b>1</b>	Um dos itens anteriores Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.	10	9	7

Objectivo 4  
20 pontos (x 3 objectivos)

<b>Níveis</b>	<b>3</b>	<p>Entrevistar uma pessoa que tenha vivido o período histórico estudado</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pertinência / relevância das questões formuladas relativamente ao período histórico em estudo.</li> <li>• Objectividade na condução da entrevista.</li> <li>• Apresentação da entrevista em suporte adequado à sua percepção.</li> </ul> <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.</p>	20	19	17
	<b>2</b>	Nível Intercalar	15	14	12
	<b>1</b>	Um dos itens anteriores Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.	10	9	7

Objectivo 5  
20 pontos (x 3 objectivos)

<b>Níveis</b>	<b>3</b>	<p>Elaboração de um documento final cientificamente coerente onde se coligem os objectivos anteriormente referidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Correcto uso de citações, referências bibliográficas, webgráficas e de outras fontes históricas.</li> <li>• Organização formal e estética do trabalho (índice, introdução, conclusão e grafia).</li> <li>• Relevância da conclusão de conjunto do grupo.</li> </ul> <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.</p>	20	19	17
	<b>2</b>	Nível Intercalar	15	14	12
	<b>1</b>	<p>Um dos itens anteriores</p> <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.</p>	10	9	7



DESCRITORES DA GRELHA DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL:

Elemento de Avaliação	Percentagem na avaliação final	Descritores	
Empenho / participação	10%	2,5 – empenho e participação insuficientes. 5 – empenho e participação suficientes. 7,5 – empenho e participação bons. 10 – empenho e participação excelentes.	
Destreza com equipamento	5%	1,25 – Destreza insuficiente. 1,50 – Destreza suficiente. 1,75 – Muito destro. 2,00 – Destreza excelente.	
Cumprimento do trabalho individual.	25%	6,25 – Incumprimento 12,5 – Cumprimento satisfatório. 18,75 – Cumprimento muito bom. 25 – Cumprimento excelente.	
Resumo dos conteúdos	30%	7,5 – resumo insuficiente. 15 – suficiente. 22,5 – Bom 25 – excelente.	
Utilização de fontes variadas.	15%	3,75 – uso de apenas fontes secundárias. 7,5 – fontes secundárias + fonte documental escrita. 11,25 – fontes secundárias + fonte documental escrita + fonte documental visual. 15 – fontes secundárias + fonte documental escrita + fonte documental visual + vídeo.	
Citações correctamente apresentadas / expressão escrita	15%	3,75 - citações incorrectamente apresentadas + exp. Escrita insuficiente. 7,5 – citações incorrectamente apresentadas + exp. Escrita suficiente. 11,25 – citações correctamente apresentadas + expressão escrita suficiente. 15 – citações e expressão escritas de nível Bom ou Excelente.	

Excerto de trabalho de grupo sobre a Guerra Colonial.

### Entrevista

Nome: Dimas Simões Ribeiro

Idade: 63

Em que ano é que partiu e em área é que esteve durante o período da guerra?

Parti em Novembro de 1969 até Janeiro de 72 e estive em Angola mais propriamente em Ambrizete.

Como reagiram os seus familiares à sua partida para África?

Com muita tristeza obviamente mas os meus familiares já estavam conformados porque também os meus irmãos tinham partido para a guerra antes de mim.

Qual foi a experiência mais marcante enquanto esteve em Angola?

Foi uma emboscada no dia 24 de Dezembro, feita por civis onde morreram 5 pessoas, foi chocante porque não se vêem coisas daquelas todos os dias, ainda por cima numa véspera de Natal.

Que armas eram utilizadas?

Eu como trabalhava na secção de descargas em armazéns não tinha necessidade de andar armado o tempo todo, mas quando era necessário, utilizávamos uma G3 que era a arma mais utilizada na guerra.

Em Angola, onde é que estavam mobilizados?

Estava instalado com os meus colegas no PDA, que era o Pelotão de Apoio Directo.

E qual era a sua função?

Eu trabalhava no reabastecimento de material por exemplo, para peças para automóveis, de armas, esse género de coisas...

Quais eram as maiores dificuldades e o seu maior medo?

A maior dificuldade, claro era a distância da família mas também tinha muito medo daquilo que podia vir a enfrentar.

Anexo 20 – Planificação de aula sobre o 25 de Abril



## AULA 25 DE ABRIL

### **3ª aula assistida**

**Estagiário: Pedro Sequeira Lopes**

**Professora orientadora: Helena Neto**

**Disciplina:** História A

**Ano:** 12º

**Turma:** H

**Tema:** Portugal e o Mundo: da 2ª Guerra Mundial ao Início da Década de 80 – Opções Internas e Contexto Internacional.

**Conteúdo a desenvolver:** Operação fim de regime / A caminho da democracia

**Cronologia:** 1973-1974

**Espaços:** Portugal

Objectivos Gerais	Objectivos específicos	Conteúdos	Actividades	Recursos	Momentos de Avaliação	Tempo (de acordo com as Actividades)
<p>1. Caracterizar o período revolucionário em Portugal nas suas diferentes dimensões cronológicas: o pré, o durante e o pós 25 de Abril.</p>	<p>1. Explorar as ideias prévias dos alunos relativamente ao período revolucionário.</p> <p>2. Compreender as motivações que conduziram à formação do movimento dos capitães.</p> <p>3. Apresentar as evidências de desagregação do regime entre 73 e 74.</p> <p>4. Contextualizar a «operação fim de regime» relevando os seus objectivos militares, a sua concretização e o apoio popular.</p> <p>5. Salientar as medidas tomadas pela Junta de Salvação no período imediatamente pós-revolucionário na lógica de desmantelamento das estruturas do anterior regime.</p>	<p>a) Antecedentes da revolução.</p> <p>b) Golpe das Caldas.</p> <p>c) A operação «fim de regime».</p> <p>d) O programa do MFA e da Junta de Salvação Nacional.</p> <p>e) Desmatelamento das estruturas do anterior regime.</p>	<p>A –Diálogo com os alunos com o intuito de aferir os seus conhecimentos prévios sobre as implicações do 25 de Abril.</p> <p>B –Aula dialogada suportada por iconografia, fotografias, filmes e textos da época em análise.</p> <p>C – Realização de uma ficha de consolidação de conhecimentos.</p>	<p>1. Computador (apresentação em powerpoint)</p> <p>2. Vídeo sobre a ocupação do Quartel do Carmo.</p> <p>3. Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra.</p>	<p>1. Participação no diálogo inicial de aferição de conhecimentos prévios e na componente dialogada da aula.</p> <p>2. Realização de uma ficha de trabalho de consolidação de conhecimentos.</p>	<p>A: 20 minutos</p> <p>B: 40 minutos</p> <p>C: 30 minutos</p>

***Competências a desenvolver:***

- analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respectivos limites para o conhecimento do passado;
- analisar textos historiográficos, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação susceptível de revisão em função dos avanços historiográficos; situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram;
- situar e caracterizar aspectos relevantes da história de Portugal, europeia e mundial;

## Operação fim de regime / A caminho da democracia



Prof. Pedro Lopes

12ºH

História A

## Portugal pré e pós Abril

# O QUE MUDOU?



**PORTUGUESES**  
O ESTADO NOVO trouxe a Portugal **ORDEM** e **PROGRESSO**  
**SALAZAR** deu-lhe finanças equilibradas, economia sã, boa administração, estradas, esquadras, portos, escolas, etc.

**Portugal** é de novo uma Nação que os outros Povos olham com admiração e apontam como exemplo.

Despertam as energias nacionais e **PORTUGAL** renasce com a antiga Fé para a sua Missão histórica de civilizador do **TERCEIRO IMPÉRIO COLONIAL DO MUNDO**.

Por isso! Tudo isto que há nove anos, apenas, parecia insusceptível, está a ser realizado!


Porque, DE MUITO MAIOR VALOR é a obra de construção do Futuro, é o **ORDEN NOVA** que, sob o comando de Salazar, se propõe a sua tarefa, a todos, **PAZ E PROSPERIDADE**, para todos os tempos, para todos os classes, **NA JUSTIÇA E NA EQUIDADE**.

**Portugueses** At eleições que vão realizar-se em 1976, despois de grande intervenção política e social que, para bem da Nação, há de ser concluída vitoriosamente.

**Portugueses** O Interesse da Nação, o vosso Interesse e o dos vossos Filhos, EXIGE que seja manifestada dentro desse claro e decisivo, mas não vos, nunca, eludidos, no vosso insubstituível apoio ao Estado Novo, a vossa Fé e a vossa entusiástica Nacionalidade.

**Portugueses** É um imperioso DEVER ir votar: **PELA NAÇÃO** na lista da **UNIÃO NACIONAL**.

-  **PND** - Partido da Nova Democracia
-  **PTP** - Partido Trabalhista Português
-  **PS** - Partido Socialista
-  **PNR** - Partido Nacional Renovador
-  **PSD** - Partido Social-Democrata
-  **CDU** - Coligação Democrática Unitária FCF/FEV
-  **PPM** - Partido Popular Monárquico
-  **PAN** - Partido pelos Animais pela Natureza
-  **MEP** - Movimento Esperança Portugal
-  **BE** - Bloco de Esquerda
-  **MPT** - Movimento Partido da Terra
-  **CDS-PP** - Centro Democrático Social - Partido Popular
-  **PCTP/MRPP** - Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses/Movimento Reorganizado do Partido do Proletariado



Nome e apelido **Yosi Tomar da Fonseca**

Estado de origem **Portugal** Profissão **Professor de Ensino Normal** 90

Naturalidade **Santa Maria da Antiga** Data de nascimento **10-3-1917**

Pai **Uldino Tomar** Mãe **de Rosa Maria**


Residência **Antiga**

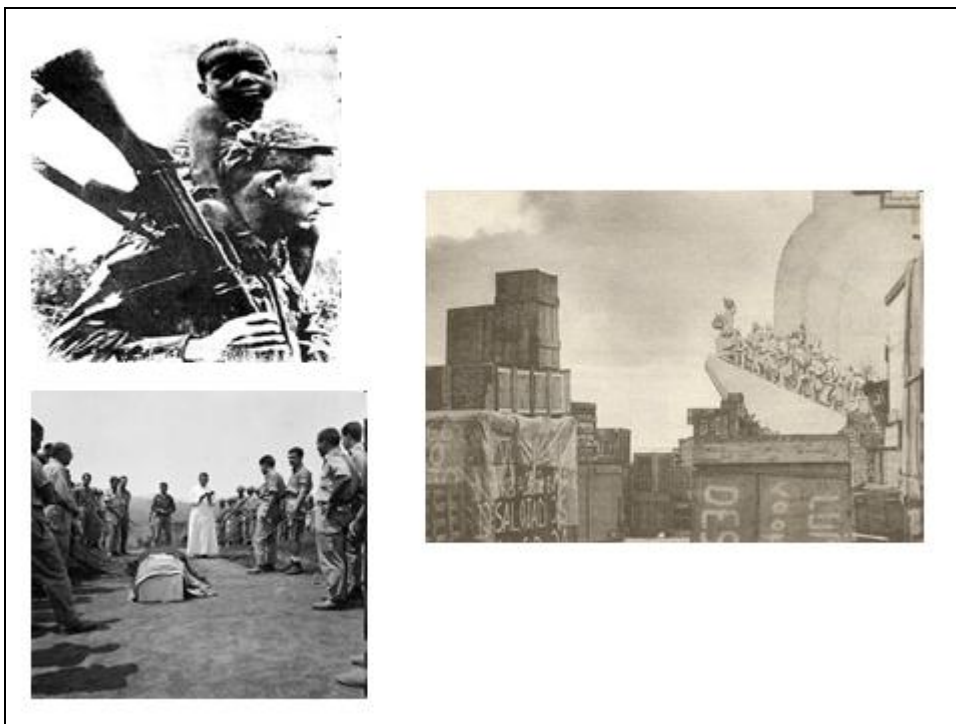
Organizações  
 Doc. n.º **231/77 - Esc. n.º 11/61**

Número de processo de reabilitação ou documentos apresentados  
 99/10/11 99/10/12

**BIOGRAFIA PESSOAL**

Abandonou a escolaridade em 3-5-1933 ao regressar de Lisboa para regressar em 6-6-1933 transferido em 3-5-34 para este liceu. Foi recebido a bordo de Lisboa (12/10) restituído a liberdade condicional em 30-5-1934 (e 3-11-34) passou a liberdade definitiva em 1-7-1938 (e 22/11/38)





## Antecedentes da Revolução



Movimento dos capitães (73)



Obra do General A. Spínola: é defendida a ideia de que a guerra não pode ser vencida (Fev. 74)

14 de Março de 74: hierarquia militar apresenta ao Presidente do Conselho, a expressão do seu apoio às posições governamentais relativamente à guerra do ultramar.



À reunião, que ficou conhecida como a "brigada do reumático", não comparecem Spínola e Costa.

EXONERADOS!!!

## GOLPE DAS CALDAS (MARÇO DE 74)



Fracassado devido a insuficiências de coordenação: apenas o regimento de infantaria 5 das Caldas da Rainha tomou posição rumo a Lisboa.



## OPERAÇÃO FIM DE REGIME

25 de Abril de 1974



**OBJECTIVOS PRIORITÁRIOS:**

Estações de rádio e de televisão:

- Emissora Nacional; Rádio Clube Português e RTP.



Canções – senha: “E depois do adeus”, Paulo de Carvalho e “Grândola Vila Morena”, José Afonso.

**Às 7 da manhã um amigo telefona-me: “Ouça o rádio”. Ouço sem entender: rebentou a Revolução. A Revolução? Mas que revolução? Por fim lá vou compreendendo. Toda a manhã a rádio nos vai esclarecendo com notícias. Passámos o dia à escuta. Será possível?**

Vergílio Ferreira (1980, p.187) in História de Portugal; José Mattoso, vol. 8 – Portugal em transe.

Otelo Saraiva de Carvalho é o autor e coordenador do plano de operações do MFA.

Apropriação dos meios de comunicação social e guerra de posicionamento apoiado por um bom sistema de comunicações.



Outras posições chave:

1. Terreiro do Paço
2. Banco de Portugal
3. Aeroporto da Portela



# Cerco ao quartel do Carmo

Momento emblemático da revolução sobretudo devido ao seu profundo conteúdo político: verdadeiro fim do regime com a rendição de Marcello Caetano.

A DESTACAR:

AUSÊNCIA DE REACÇÃO MILITAR DAS FORÇAS FIÉIS AO RÉGIME (com excepção da DGS)

O golpe das Caldas teria sido o culminar da actividade subversiva.

M. Caetano considerou inútil a resistência.



<http://www.youtube.com/watch?v=ti8AsJZdbDU>



27-4-1974, [Cid](#), in *República*, n. 15423 / 2ª série, p. 11



## O CAMINHO PARA A DEMOCRACIA

1974 A 1976 PREC

Período muito conturbado da história contemporânea de Portugal.

O MFA uniu-se às altas hierarquias militares formando a Junta de Salvação Nacional.

Realização de eleições constituintes no prazo máximo de 1 ano.

Presidente da República: General Spínola.

1º Ministro: Adelino da Palma Carlos

Liberalização da política partidária.

Desmembramento das estruturas do regime.

. PIDE/DGS, Legião, Censura.

. Libertação dos presos políticos e regresso dos exilados políticos.

. Autorização dos partidos políticos e dos sindicatos.



## FICHA DE CONSOLIDAÇÃO DE CONHECIMENTOS

### 1 – Leia atentamente o excerto que se segue:

“ (...) a 24 de Novembro de 1973, realiza-se uma reunião num primeiro andar de um casarão nas traseiras da Colónia Balnear e Infantil de O Século em São Pedro do Estoril, durante a qual se ouve propor « *o derrube, pela força, do governo marcelista, através de um golpe militar e o fim da ignominiosa guerra colonial contra os povos africanos*». Foram palavras produzidas pelo tenente-coronel Luís Banazol. (...) Esta intervenção suscitou a necessidade de realização de nova reunião, que teve lugar em Óbidos, no feriado do primeiro de Dezembro, na qual se decide dar nome à «coisa», que passa a designar-se por «Movimento dos Oficiais das Forças Armadas», e se decide eleger uma comissão coordenadora, sendo discutidas várias propostas de acção (...):

1. conquistar o poder e entregá-lo a uma junta militar, para democratizar o país;
2. dar oportunidade ao governo para se legitimar perante a Nação através de eleições livres, fiscalizadas pelo exército e antecedidas por um referendo sobre a política ultramarina;
3. utilizar reivindicações exclusivamente militares para recuperar o prestígio do exército e pressionar o governo. (...)”

Em José Mattoso, *História de Portugal*, vol.8 Portugal em Transe, 1994

**a) Identifique os principais objectivos do MFA expressos nas reuniões tidas em Novembro e Dezembro de 1973.**

**b) Explique porque é que o MFA sentia necessidade de recuperar o prestígio do exército no período histórico estudado.**

### 2. Analise os documentos que se apresentam:

#### doc.1 - 1º comunicado do MFA à população em 25/04/1974.

“Antes das 4 h

Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam e criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo.

Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica esperando a sua acorrência aos hospitais, a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária.”

**Centro de documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, Posto de Comando das Forças Armadas, 25-04-1974.**

**Doc. 2 – Fotografias do Largo do Carmo e da Praça dos Restauradores durante a operação «fim de regime».**



Centro de documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, Coleção Fototeca, Palácio Foz.

**a) compare o conteúdo dos documentos apresentados à luz das movimentações militares e populares do dia da revolução.**

**3. Analise atentamente os documentos que se seguem:**

**Doc.1 Extinção da DGS, LP e MP (Dec.- Lei 171/74 de 25 de Abril)**

Tendo a Junta de Salvação Nacional assumido os poderes legislativos que competem ao Governo, decreta, para valer como lei, o seguinte:

ARTIGO 1º

1. É extinta a Direcção-Geral de Segurança, criada pelo Decreto-Lei n.º 49 401, de 24 de Novembro de 1969.

2. No ultramar, depois de saneada, reorganizar-se-á em Polícia de Informação Militar, nas províncias em que as operações Militares o exigirem.

ARTIGO 2º

É extinta a Legião Portuguesa, criada pelo Decreto-Lei n.º 27 058, de 30 de Setembro de 1936.

ARTIGO 3º

São extintas a Mocidade Portuguesa e a Mocidade Portuguesa Feminina, criadas pela Lei n.º 141, de 11 de Abril de 1936, actualizada pelo Decreto-Lei n.º 486/71, de 8 de Novembro.

ARTIGO 4º

E extinto o Secretariado para a Juventude, criado pelo Decreto-Lei n.º 446/71, de 25 de Outubro.

ARTIGO 5º

Ficarão na dependência das Forças Armadas e à sua custódia todo o material mecânico, veículos, armamento e munições, mobiliário, livros, papéis de escrituração, documentos e demais elementos afectos à extinta Direcção-Geral de Segurança.

## ARTIGO 6º

Passam a ser atribuições da Polícia Judiciária as seguintes:

- a) Efectuar a investigação dos crimes contra a segurança interior e exterior do Estado, procedendo a instrução preparatória dos respectivos processos;
- b) Realizar a instrução preparatória relativamente às informações do regime legal de passagem das fronteiras e de entrada e permanência de estrangeiros em território nacional.

## ARTIGO 7º

Enquanto não for criado serviço próprio, passa a ser atribuição da Guarda Fiscal vigiar e fiscalizar as fronteiras terrestres, marítimas e aéreas.

## ARTIGO 8º

Este diploma entra imediatamente em vigor.

Visto e aprovado pela Junta de Salvação Nacional em 25 de Abril de 1974

Publique-se.

O Presidente da Junta de Salvação Nacional, *António de Spínola*.

## Doc 2.



“Calula Tomaz, que a noite passada sonhei que estávamos aqui como premiados do concurso telesorte da RTP.”

29-4-1974, [Cid](#), in *República*, n. 15424 / 2ª série, p. 10, em Centro de Documentação 25 de Abril, Univ. Coimbra.

**a) Comente os documentos apresentados, tendo em consideração os objectivos revolucionários da Junta de Salvação Nacional.**

**4 – Realize o exercício da página 129 do Manual de História adotado.**



## VISITA DE ESTUDO A LISBOA

OS LOCAIS MAIS EMBLEMÁTICOS DA REVOLUÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.

**DATA:** 23-03-2012

### **HORÁRIOS:**

Partida da Escola: Impreterivelmente às 9h10

Comboio CP Monte Abraão: 9h29.

Chegada ao Rossio: 09h49

Subida da Rua do Ouro + Rua Garrett (Chiado): 10h00

Largo do Carmo: 10h45

Entrada no Quartel do Carmo: 11h00

Saída do Quartel do Carmo: 12h00

Pequena pausa para almoço.

Rua António Maria Cardoso (antiga sede da PIDE/DGS): 12h45

Terreiro do Paço: 13h30

Estação do Rossio (regresso a Mt. Abraão): 14h30

### **É NECESSÁRIO LEVAR:**

Caneta e caderno para tirar apontamentos; guião do aluno; calçado confortável; almoço.



## GUIÃO DO ALUNO:

### **Local: Comboio**

A revolução dos cravos, delineada e planeada com meses de antecedência, começou a desenrolar-se na tarde do dia 24 de Abril. Algures nas páginas do Jornal República, uma pequena notícia alertava os leitores para a emissão do programa radiofónico “Limite” a ser transmitido pela Rádio Renascença. Tratava-se de uma mensagem encriptada que remetia os envolvidos na conspiração para a confirmação do início da operação militar através da audição de uma das canções-senha da revolução: “Grândola, Vila Morena” de José Afonso.

Por volta das 22h00 do dia 24, Otelo Saraiva de Carvalho tomava posição no Comando Militar da Pontinha, de onde coordenou todas as operações. Às 22h55, as Emissoras Associadas de Lisboa punham no ar a canção da moda em Portugal nesse ano, que Paulo de Carvalho levava ao Festival da Canção: “E depois do Adeus”. Era o sinal de que se desencadeara a Revolução.

Já em plena madrugada do dia 25 (às 00h20) o locutor Leite de Vasconcelos no programa Limite põe no ar a canção “Grândola Vila Morena”. Confirmava-se o desenrolar das operações e estava dado o sinal para as tropas revoltosas abandonarem os quartéis e marcharem em direcção a Lisboa.



#### GRÂNDOLA VILA MORENA

GRÂNDOLA VILA MORENA  
TERRA DA FRATERNIDADE  
O POVO É QUEM MAIS ORDENA  
DENTRO DE TI Ó CIDADE

DENTRO DE TI Ó CIDADE  
O POVO É QUEM MAIS ORDENA  
TERRA DA FRATERNIDADE  
GRÂNDOLA VILA MORENA

EM CADA ESQUINA UM AMIGO  
EM CADA ROSTO IGUALDADE  
GRÂNDOLA VILA MORENA  
TERRA DA FRATERNIDADE

TERRA DA FRATERNIDADE  
GRÂNDOLA VILA MORENA  
EM CADA ROSTO IGUALDADE  
O POVO É QUEM MAIS ORDENA

À SOMBRA DUMA AZINHEIRA  
QUE JÁ NÃO SABIA A IDADE  
JUREI TER POR COMPANHEIRA  
GRÂNDOLA A TUA VONTADE

GRÂNDOLA A TUA VONTADE  
JUREI TER POR COMPANHEIRA  
À SOMBRA DUMA AZINHEIRA  
QUE JÁ NÃO SABIA A IDADE

JOSÉ AFONSO

Publicado por Leonel Vicente em Abril 25, 2004 12:20, <http://memoriavirtual.weblog.com.pt/arquivo/094811.html>

As tropas estacionadas nos quartéis em volta da cidade de Lisboa são acordadas nas casernas pelo toque de alvorada. Em Santarém, na Escola Prática de Cavalaria, Salgueiro Maia, o herói mais destacado de Abril, profere perante os seus soldados um discurso de incitamento à revolta que ficará na história. Neste discurso o capitão utiliza a célebre expressão: “existe o estado corporativo, existe o estado socialista, existe o estado capitalista e existe o estado... a que nós chegámos!”

## Local: Rossio

Entre as 00h30 e as 16h30 são ocupados os principais pontos estratégicos definidos pelo plano de operações militares. Entre outros, salientam-se as instalações da RTP, da Emissora Nacional, do Rádio Clube Português (de onde são emitidos os comunicados à população) do Banco de Portugal, da Rádio Marconi, do Estado Maior do Exército e do Ministério do Exército.

### 1º comunicado do MFA (Movimento das Forças Armadas):

“Antes das 4h00

*Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam e criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo. Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica esperando a sua ocorrência aos hospitais, a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária.”*

Em Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra

Apesar dos apelos do MFA, a população lisboeta manifestou a sua adesão ao movimento desde a primeira hora, enchendo as ruas da capital de entusiasmo revolucionário. Apesar deste facto, os objectivos de não derramamento de sangue foram atingidos quase em pleno se consideramos a dimensão das operações militares: apenas 4 mortos e alguns feridos resultantes da resistência das forças da PIDE na sua sede da Rua António Maria Cardoso.



A população assiste ao movimento das tropas nos Restauradores. Em Centro de Documentação do 25 de Abril da Universidade de Coimbra.

Um dos acontecimentos mais importantes do dia da Revolução ocorreu na Rua do Arsenal, sobranceira ao Terreiro do Paço em Lisboa. Na manhã do dia 25, as forças da Escola Prática de Cavalaria de Santarém (lideradas pelo Capitão Salgueiro Maia) encontram o Regimento de Cavalaria 7 (afecto ao regime). Após a decisão corajosa do

capitão de Abril em parlamentar com os opositores dá-se a rendição deste regimento e a junção de muitos dos seus elementos às forças revolucionárias.

Por questões relacionadas com o horário que temos a cumprir iremos à Rua do Arsenal, e seguidamente ao Terreiro do Paço, apenas no final da nossa Visita de Estudo. Agora deveremos apontar baterias para o Quartel do Carmo.

### **Local: Rossio - Chiado**

### **Comunicado do MFA**

“Às 11.45 h

*Na sequência das acções desencadeadas na madrugada de hoje, com o objectivo de derrubar o regime que há longo tempo oprime o País, as Forças Armadas informam que de Norte a Sul dominam a situação e que em breve chegará a hora da libertação.*

*Recomenda-se de novo à população que se mantenha calma e nas suas residências para evitar incidentes desagradáveis cuja responsabilidade caberá integralmente às poucas forças que se opõem ao Movimento.*

*Chama-se a atenção de todos os estabelecimentos comerciais de que devem encerrar imediatamente as suas portas, colaborando desta forma com o Movimento, de modo a evitar açambarcamentos desnecessários e inúteis.*

*Caso esta determinação não seja acatada, será forçoso decretar o recolher obrigatório. Ciente de que interpreta fielmente os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá inabalavelmente na missão que a sua consciência de portugueses e militares lhes impõe. Viva Portugal!”*

Em Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra

Será interessante ao longo do trajecto entre o Rossio e o Largo do Carmo identificar os lugares presentes nestas fotografias:



Rua Augusta



Rua do Ouro



Rua do Ouro



Rua da Trindade



Praça D. Pedro IV



Chiado

### Local: Largo do Carmo

Atingimos o ponto nevrálgico do dia 25 de Abril de 1974. Na verdade, foi no quartel sobranceiro ao Largo do Carmo que Marcello Caetano se refugiou juntamente com 2 ministros do Regime e algumas tropas leais. As forças de Salgueiro Maia iniciam o cerco ao quartel pelas 12h30, por entre os “vivas” da multidão que acompanha cada passo das operações militares entoando o Hino Nacional e palavras de ordem. Por volta das 14h30, forças afectas ao regime cercam os revoltosos no Largo do Carmo, contudo rapidamente são cercadas por outra coluna do MFA, acabando por retirar ou por se render.

Salgueiro Maia inicia as negociações de rendição que posteriormente serão finalizadas pelo general Spínola.



## **Local: Interior do Quartel do Carmo**

*“Quando regresssei ao quartel do Carmo, dirigi-me ao comandante e disse-lhe que, se ele não mandava, então eu queria falar com quem mandasse. Conduziram-me à presença de Marcello Caetano”.*

*Marcello estava pálido, barba por fazer, gravata desapertada, mas digno.*

*Fiz-lhe a continência da praxe e disse-lhe que queria a rendição formal e imediata. Declarou-me já se ter rendido ao General Spínola, pelo telefone, e só aguardava a chegada deste para lhe transferir o poder, para que o mesmo não caísse na rua.*

*Estive para dizer-lhe que estava lá fora o poder do povo e que este estava na rua. Declarou esperar que o tratassem com a dignidade com que sempre tinha vivido e perguntou o que ia ser feito dele. Declarei que certamente seria tratado com dignidade, mas não sabia para onde iria, pois isso não me competia a mim decidir. Perguntou a quem competia. Declarei que a “Óscar”. Perguntou quem era “Óscar”. Declarei ser a Comissão Coordenadora. Perguntou-me quem eram os chefes. Declarei serem vários oficiais, incluindo alguns generais, isto para que ele não ficasse mal impressionado por a revolução ser feita essencialmente por capitães.*

*Perguntou-me ainda o que iria ser feito do ultramar. Declarei-lhe que a solução para a guerra seria obtida por conversações. Toda esta conversa, tida a sós, teve por fundo o barulho do povo a cantar o Hino Nacional e o Está na Hora.”*

Em O Tempo da História, 2ª parte; Salgueiro Maia, Capitão de Abril – Histórias da Guerra, do Ultramar e do 25 de Abril, Lisboa, Editorial Notícias, 1997.

## **Comunicado do MFA**

*“Às 18.20h*

*Aqui posto de comando das Forças Armadas. Em aditamento ao último comunicado, o Movimento das Forças Armadas informa a Nação que conseguiu forçar a entrada no quartel da Guarda Nacional Republicana, situado no Largo do Carmo, onde se encontrava o ex-Presidente do Conselho e outros membros do seu ex-Governo.*

*O Regimento de Lanceiros 2, onde se recolheram outros elementos do seu ex-Governo, entregou-se ao Movimento das Forças Armadas, sem que houvesse necessidade do emprego da força que os cercava.*

*A quase totalidade da Guarda Nacional Republicana, incluindo o seu comando e a maioria dos elementos da Polícia de Segurança Pública, já se rendeu ao Movimento das Forças Armadas.*

*O M. F. A. agradece à população civil todo o carinho e apoio que tem prestado aos seus soldados, insistindo na necessidade de ser mantido o seu valor cívico ao mais alto grau.*

*Solicita também que se mantenha nas suas residências durante a noite, a fim de não perturbar a consolidação das operações em curso, prevendo-se que possa retomar as suas actividades normais amanhã, dia 26. Viva Portugal!”*

Em Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra.

## Local: Rua António Maria Cardoso. – Sede da PIDE/DGS

*“Ultrapassava 20 000 o total de inspectores, sub-inspectores, chefes de brigada, agentes, informadores e funcionários da PIDE-DGS. Este impressionante número demonstra a infernal máquina opressora mantida pelo regime derrubado em 25 de Abril de 1974. (...) O número exacto dos que mantinham aquele aparelho, onde tantos portugueses foram assassinados e torturados, era de 22 800 (...) desde que a PIDE foi fundada (...) colaboraram nas suas actividades 200 mil indivíduos de ambos os sexos. (...)”*

PIDE, a história da repressão, Jornal do Fundão, 1976.

*“ (...)Embora um dos primeiros actos do Governo do presidente Caetano fosse a reorganização da polícia política, esta continua a ser uma força poderosa (que) por vezes usa arbitrária força. Esta semana, a polícia politica passou busca à residência de um oficial da Marinha, sem ordem do tribunal, deteve um seu filho de dezassete anos, também sem autorização, e espancou violentamente um tio do rapaz por ter protestado contra tal acção. O tio, Artur Cunha Leal, proeminente advogado de Lisboa, foi intimado a comparecer no tribunal, acusado de «resistir à polícia», logo que abandone o hospital. (...) As leis básicas, origem do poder da polícia política, continuam em vigor. Sob a lei da prisão preventiva, um indivíduo pode ser conservado na cadeia por 180 dias sem formação de processo, sem constituir advogado ou ter contacto com o exterior. Não há magistrado examinador em Portugal, e as investigações da polícia política são consideradas prova judicial. A polícia goza de impunidade, uma vez que possui o poder exclusivo de examinar as acusações de crimes cometidos pelos seus próprios membros.”*

New York Times, 28 de Março de 1971, em PIDE, a história da repressão, Jornal do Fundão, 1976.

No dia 25 de Abril de 1974, uma das aspirações do povo português era a aniquilação da polícia política. Às 20h20, cerca de 250 agentes da PIDE que se encontravam cercados na sede dispararam sobre os manifestantes fazendo 4 mortos e cerca de três dezenas de feridos. Mais tarde será abatido um agente que tenta fugir.



Negociação da rendição da DGS.

## **Comunicado do MFA**

*“Às 21 h*

*Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas. Segundo comunicação telefónica aqui recebida cerca das 20.30, ter-se-iam verificado incidentes na Rua António Maria Cardoso, onde se situa a sede da D. G. S.*

*No decorrer desses incidentes, foram feridas algumas pessoas, encontrando-se já no local assistência médica. Aguarda-se a todo o momento a intervenção das Forças Armadas. Estes incidentes vêm mais uma vez confirmar a necessidade de a população civil cumprir o pedido formulado pelo M. F. A., recolhendo às suas residências e mantendo a calma.*

*Para conhecimento de toda a população informa-se que se encontram sanados os incidentes ocorridos com a Polícia de Segurança Pública e que, a partir deste momento, ela aderiu totalmente ao movimento. Assim com a finalidade de manter a ordem e salvaguardar as vidas e os bens, pede-se a todos que aceitem, obediente e prontamente, quaisquer indicações que lhes sejam transmitidas por elementos daquela corporação ou da Polícia Militar. Igualmente deverão ser obedecidos os agentes das Brigadas de Trânsito. Torna-se indispensável que a população continue a manifestar a sua compreensão e civismo. E a melhor forma de o fazer no momento é manter-se calmamente nas suas residências.”*

Em Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra.

### **Local: Terreiro do Paço**

Como referido anteriormente um dos episódios mais marcantes do dia da Revolução ocorreu logo de manhã no Terreiro do Paço. De resto, esta praça foi sempre incontornável na história da cidade, seja pelos autos-de-fé que aqui (e no Rossio) decorriam nos séculos XVII e XVIII, seja porque foi aqui que o Rei Dom Carlos I foi assassinado juntamente com o seu herdeiro, o Príncipe D. Luís Filipe em 1 de Fevereiro de 1908.

Na manhã do dia 25, pelas 6h00, chegaram as forças da Escola Prática de Cavalaria de Santarém comandadas por Salgueiro Maia. Às 9h00, o capitão de Abril decide parlamentar com as forças opositoras que se concentravam na Rua do Arsenal. Pelas 10h00, estas forças rendem-se e passam-se para as forças revolucionárias.

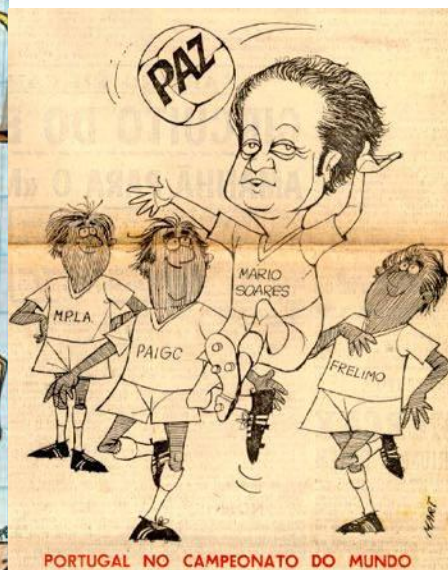


Forças da Escola Prática de Cavalaria de Santarém no Terreiro do Paço



Salgueiro Maia momentos depois de ter parlamentarado com as forças fiéis ao regime.

## ALGUNS CARTOONS DO PÓS 25 DE ABRIL



#### ACTIVIDADE FINAL:

Tendo por base os três cartoons apresentados e o decorrer da visita de estudo, convidamos-te a elaborar um relatório final onde reflectas criticamente acerca do dia 25 de Abril. A tua opinião sobre a pertinência desta experiência de aprendizagem é muito bem vinda!

#### Bibliografia Consultada:

Manuel, Alexandre; Carapinha, Rogério *et* Neves, Dias; PIDE – A História da Repressão; Ed. Jornal do Fundão, Fundão, 1976.

Ferreira, José Medeiros; Mattoso, José – coord. História de Portugal, Vol. 8 – Portugal em Transe; Editorial Estampa; 1994.

Pinto, Célia e Rosas, Maria Antónia; O Tempo da História, 2ª parte; História A – 12º ano; Porto Editora; 1ª Ed. Porto; 2009.

#### Webgrafia Consultada:

Centro de Documentação do 25 de Abril da Universidade de Coimbra – acedido a 16, 17 e 18 de Março de 2013 - <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=HomePage>  
Memória Virtual – Acedido em 17 de Março de 2013

<http://memoriavirtual.weblog.com.pt/arquivo/094811.html>



## AULA FIM DO MODELO SOVIÉTICO

### **6ª aula assistida**

**Estagiário: Pedro Sequeira Lopes**

**Professora orientadora: Helena Neto**

**Disciplina:** História A

**Ano:** 12º

**Turma:** I

**Tema:** O fim do sistema internacional da Guerra Fria e a persistência da dicotomia Norte-Sul

**Conteúdo a desenvolver:** O fim do modelo soviético

**Cronologia:** 1985-1991

**Espaços:** URSS e países satélites do Leste Europeu

Objectivos Gerais	Objectivos específicos	Conteúdos	Actividades	Recursos	Momentos de Avaliação	Tempo (de acordo com as Actividades)
<p>1. Caracterizar o fim do modelo soviético entre o período pós-Brejnev e o colapso da URSS em 1991.</p>	<p>1. Explorar as ideias prévias dos alunos relativamente aos últimos anos do regime soviético.</p> <p>2. Compreender as propostas políticas e económicas de Gorbatchev para a URSS (Perestroika e Glasnost).</p> <p>3. Apresentar as evidências de desagregação da URSS e dos regimes comunistas nos estados de “Soberania Limitada”</p> <p>4. Contextualizar o movimento “Solidariedade” na Polónia e a reunificação alemã à luz do colapso do modelo soviético.</p> <p>5. Reconhecer o mapa da nova geografia política da antiga cortina de ferro após a queda da URSS.</p>	<p>a) Prestoika e Glasnost.</p> <p>b) Tratado de Washington.</p> <p>c) O <i>Solidarnosc</i> polaco.</p> <p>d) Queda do muro de Berlim e reunificação alemã.</p> <p>e) Desintegração da URSS.</p>	<p>A –Diálogo com os alunos com o intuito de aferir os seus conhecimentos prévios sobre os últimos anos do modelo soviético.</p> <p>B –Aula dialogada suportada por iconografia, fotografias, textos da época em análise.</p> <p>C – Realização de exercícios escritos de análise de documentos históricos.</p> <p>D – Visualização de notícias da época sobre a Queda do Muro de Berlim.</p>	<p>1. Manual: “O Tempo da História”; 3ª parte.</p> <p>2. Vídeo com reportagem da época sobre a queda do muro de Berlim.</p>	<p>1. Participação no diálogo inicial de aferição de conhecimentos prévios e na componente dialogada da aula.</p> <p>2. Realização dos exercícios propostos no manual.</p>	<p>A: 15 minutos</p> <p>B: 35 minutos</p> <p>C: 25 minutos</p> <p>D: 5 minutos</p>

***Competências a desenvolver:***

- analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respectivos limites para o conhecimento do passado;
- analisar textos historiográficos, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação susceptível de revisão em função dos avanços historiográficos; situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram;
- situar e caracterizar aspectos relevantes da história de Portugal, europeia e mundial;

Anexo 25 – Esquema conceptual – aula Ásia-Pacífico

**O espaço económico da Ásia-Pacífico.**

Esquema Conceptual

Designação	Países	Início do processo de industrialização	Modelo seguido	Papel do estado	Principais sectores económicos	Características da mão-de-obra	Níveis de poupança / investimento	Principais mercados
4 Tigres	Hong Kong, Singapura, Taiwan e Coreia do Sul	1960-70	Japão	Determina estratégia global, investe nas pessoas, promove a inovação (intervencionista) Bens de consumo corrente; Tecnologias da Informação Barata e esforçada / Custos de produção baixos			Muito elevados: Singapura: 47%; Malásia: 38%; Tailândia: 36%	Ásia, EUA e UE
ASEAN	Malásia, Tailândia e Indonésia	1970-80	Japão + 4 Tigres					

Investimento em educação

Aumento da inovação



### **Portugal e Angola: uma relação económica com dois sentidos**

Em meros dez anos, Angola passou do 10º lugar na lista das exportações portuguesas para um inequívoco quarto lugar, tornando-se assim no principal parceiro comercial de Portugal fora do espaço comunitário. O inverso também é verdade: entre 2005 a 2009, os investimentos angolanos em Portugal aumentaram 131%.

Na actual conjuntura económica internacional, surge frequentemente como desígnio nacional a vontade política de diversificar as trocas comerciais ou procurar fontes de investimento, em destinos anteriormente menosprezados. É assim neste contexto, que o mercado angolano é cada vez mais visto como uma possível solução, evidenciado pela extensa comitiva de empresários — 115, o maior número de sempre — que acompanha Cavaco Silva na sua mais recente visita a Angola, assim como a paragem obrigatória pela influente Feira Internacional de Luanda (FILDA).

De facto, nos últimos anos, o comércio entre Portugal e Angola — no fundo, o verdadeiro pilar na base dos crescentes contactos políticos bilaterais — tem conhecido um crescimento sustentável. Apesar de em 2000, Angola apenas constituir o décimo mercado para as exportações portuguesas, em meros dez anos a situação alterou-se significativamente, com uma subida para o quarto lugar, tornando-se assim no principal parceiro comercial de Portugal fora do espaço comunitário — ultrapassado apenas pela França, Alemanha e Espanha — e representando 80% de todo o comércio com os PALOP. O IDE, por sua vez, conheceu igual aumento de 40 milhões em 2003 para um total de 775 milhões investidos em Angola durante 2008, com a banca, construção civil e telecomunicações a receberem as maiores atenções.

Contudo, cada vez mais sinais apontam para um reforço da relação inversa. Com efeito, Angola é já o 23º destino de importações nacional, no valor de 400 milhões, só em 2008 e os próprios investimentos angolanos — ainda que modestos no contexto geral — começam a multiplicar-se, se tivermos em conta que, de 2005 a 2009, conheceram um aumento de 131%. Os exemplos públicos abundam e incluem as compras mais recentes da petrolífera Sonangol e de Isabel dos Santos de posições minoritárias relevantes na economia nacional.

No entanto, a cuidadosa imagem construída de uma relação económica idílica pode ser facilmente perturbada. Do lado português, os receios quanto à alegada falta de transparência dos investimentos angolanos poderão resultar em maiores resistências na abertura de sectores económicos, considerados sensíveis. Angola, por sua vez, poderá transmitir a imagem errada a investidores estrangeiros — portugueses, inclusive — se

continuar a não saldar as extensas dívidas que o Estado deve ao sector privado. A falta de um acordo de dupla tributação e a constante burocracia em torno da emissão de vistos — uma questão sensível dados os novos fluxos migratórios de Portugal, rumo a Angola — acarretam de igual forma, o risco de bloquear futuros desenvolvimentos das relações económicas bilaterais.

Não é assim de surpreender que cada vez mais, as frequentes visitas oficiais de altos dignitários entre os dois países, se foquem essencialmente na promoção das respectivas económicas e na resolução destes obstáculos. As vantagens são óbvias: se devidamente ultrapassados, as trocas entre Portugal e Angola alcançarão o seu verdadeiro potencial de crescimento. Em última análise, a vontade política de diversificar as exportações, no caso português, e a necessidade de novas fontes de investimento, no caso angolano, acabam assim por se satisfazer mutuamente, com proveitos comuns para ambas as economias.

Pedro Seabra; [Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança \(IPRIS\)](http://noticias.sapo.pt/info/artigo/1079041); In sape notícias - <http://noticias.sapo.pt/info/artigo/1079041> - acedido em 18-05-2012

1. Regista as evidências do crescimento das trocas comerciais entre Angola e Portugal nos últimos anos.
2. Comenta a frase de Pedro Seabra: “(...) No entanto, a cuidadosa imagem construída de uma relação económica idílica pode ser facilmente perturbada (...)”

### **Trocas comerciais entre Portugal e Brasil mais do que triplicam nos últimos anos**

por Agência Lusa com Andre Patrocínio, Publicado em 17 de Maio de 2010

As **trocas comerciais** entre **Portugal** e **Brasil** mais do que triplicaram, nos últimos anos, para um total de 1,71 mil milhões de dólares, em 2009, segundo o **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil**.

Em 2000, a soma das exportações e das importações entre os dois países totalizava 555,2 milhões de dólares, com um saldo favorável ao **Brasil** de 209,8 milhões de dólares.

No ano passado, o **comércio** entre os dois países também foi favorável ao **Brasil** em 842,2 milhões de dólares, com destaque para petróleo bruto, laminados de ferro e aço, minério de ferro e **produtos agrícolas**.

**Portugal**, por seu turno, exportou para o Brasil produtos como azeite, minério de cobre, bacalhau, vinhos e cabos acrílicos.

As exportações brasileiras, entretanto, cresceram num ritmo muito maior do que as portuguesas, saltando de 380,1 milhões de dólares para 1,28 mil milhões de dólares, um aumento de 235 por cento, entre 2000 a 2009.

As vendas de **Portugal** para o **Brasil** registaram um crescimento menor (155,3 por cento), passando de 170,2 milhões de dólares para 434,6 milhões de dólares, no período em análise.

Nos quatro primeiros meses deste ano, as **trocas comerciais** entre os dois países ascenderam a 551,2 milhões de dólares, um aumento de 63 por cento em relação ao mesmo período de 2009, quando a economia mundial sofria os efeitos da crise global.

De janeiro a abril deste ano, o Brasil exportou 383,9 milhões de dólares para Portugal e importou 167,2 milhões de dólares, o que resultou num saldo positivo de 216,7 milhões de dólares.

Especialistas do setor acreditam que o comércio entre os dois países tem potencial de crescimento, nomeadamente em setores como **veículos**, partes e peças, materiais elétricos, máquinas e instrumentos mecânicos

Um recente estudo realizado pelas câmaras portuguesas de comércio no **Brasil** identificou um mercado potencial de oito mil milhões de dólares para produtos portugueses no mercado brasileiro.

Lisboa acolhe na próxima quarta feira a **X Cimeira Luso Brasileira**, juntando em Lisboa os chefes de governo português, **José Sócrates**, e o brasileiro, **Luiz Inácio Lula da Silva**.

Após a visualização da entrevista do Secretário-Geral da CPLP comenta a expressão por ele utilizada: “CPLP: uma comunidade de povos, uma comunidade de oportunidades”.

## Anexo 27 – Planificação de aula – Espaço Lusófono



### O Mundo Lusófono

#### 10ª aula assistida

**Estagiário: Pedro Sequeira Lopes**

**Professora orientadora: Helena Neto**

**Disciplina:** História A

**Ano:** 12º

**Turma:** I

**Tema:** As relações com os países lusófonos e com a área ibero-americana.

**Conteúdos a desenvolver:** Portugal e os PALOP / Portugal e o Brasil / A CPLP / A Área Ibero-Americana.

**Cronologia:** 1ª década do Século XXI.

**Espaços:** Lusofonia / América Latina

#### **Competências a desenvolver:**

- analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respectivos limites para o conhecimento do passado;
- analisar textos historiográficos, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação susceptível de revisão em função dos avanços historiográficos; situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram;
- identificar a multiplicidade de factores e a relevância da acção de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço;
- manifestar abertura à dimensão intercultural das sociedades contemporâneas;
- disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação.

Objectivos Gerais	Objectivos específicos	Actividades	Recursos	Momentos de Avaliação	Tempo (de acordo com as Actividades)
<p>1. Problematizar o âmbito das relações entre Portugal e os PALOP na actualidade.</p> <p>2. Interpretar as relações externas de Portugal com o Brasil como um caso à parte no contexto lusófono.</p> <p>3. Relacionar a posição geoestratégica de Portugal no contexto global com as suas ligações à CPLP e à CIA.</p>	<p>1. Identificar os particularismos geográficos do espaço lusófono.</p> <p>2. Perspectivar o presente e o futuro das relações de Portugal com a África Lusófona à luz do nosso particularismo histórico.</p> <p>3. Identificar os desafios que se colocam ao incremento do relacionamento económico de Portugal com Angola.</p> <p>4. Associar os intercâmbios económicos entre Portugal e o Brasil às influências culturais mútuas entre os dois países.</p> <p>5. Interpretar os desafios com que a CPLP se depara no âmbito de um mundo globalizado.</p> <p>7. Identificar a CIA enquanto alternativa latina às áreas anglófona e francófona do globo.</p>	<p>A – Análise e comentário de um planisfério que evidencia as relações externas de Portugal.</p> <p>B – Leitura e análise dialogada do doc.11 da página 156.</p> <p>C –Leitura do texto “ Portugal e Angola: uma relação económica com dois sentidos” e resposta ao exercício escrito proposto.</p> <p>D- Leitura e análise do doc. 12 da página 157 e da notícia “Trocias comerciais entre Portugal e o Brasil quase triplicam nos últimos anos” e confronto dos pontos de vista neles expressos através de debate oral.</p> <p>E- Visualização da entrevista do Secretário Executivo da CPLP a Mário Crespo na SIC Notícias e realização de</p>	<p>1. Manual: “O Tempo da História”; 3ª parte. Doc’s: 10, 11, 12 e 14.</p> <p>2. Texto do Dr. Pedro Seabra “ Portugal e Angola: uma relação económica com dois sentidos” do <a href="#">Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)</a> in saço notícias - <a href="http://noticias.sapo.pt/info/artigo/1079041-acedido-em-18-05-2012">http://noticias.sapo.pt/info/artigo/1079041-acedido-em-18-05-2012</a></p> <p>3. Notícia da Agência Lusa “ Trocias comerciais entre Portugal e o Brasil quase triplicam nos últimos anos”. In I-ONLINE: <a href="http://www1.ionline.pt/conteudo/">http://www1.ionline.pt/conteudo/</a> - acedido em 18-05-2012.</p> <p>4. Entrevista do Secretário Executivo da CPLP ao jornalista Mário Crespo na SIC Notícias.</p>	<p>Observação direta com base em:</p> <p>- Avaliação da capacidade de comunicação: expressão oral, fundamentação de opiniões e problematização;</p> <p>1. Participação na leitura e comentário aos documentos analisados em aula.</p> <p>2. Realização dos exercícios propostos pelo professor.</p> <p>3. Participação activa e pertinente nas discussões em aula.</p>	<p>A: 5 minutos</p> <p>B: 10 minutos</p> <p>C: 20 minutos</p> <p>D: 15 minutos</p> <p>E: 20 minutos</p> <p>F: 10 minutos</p> <p>G: 5 minutos</p>

		<p>comentário escrito ao mesmo.</p> <p>F – Leitura e análise do doc. 14 da página 159. Resposta oral às perguntas propostas no manual.</p> <p>G - Esclarecimento de dúvidas suscitadas pelo decorrer da aula.</p>	<p><a href="http://www.youtube.com/watch?v=WazgjWFMU74">http://www.youtube.com/watch?v=WazgjWFMU74</a></p> <p>Metodologias: <i>Interactiva</i> com recurso ao debate, diálogo orientado e análise de documentos diversos. <i>Expositiva</i> na elaboração de sínteses.</p>		
--	--	---	--	--	--